4.º ANO — LISBOA—QUARTA-FEIRA, 24 DE DEZEMBRO DE 1924 — N.º 1141

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.
Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: C. 3:195
Redacção: C. 3:194
Endereço telegrafico: DIBOA

(Quadro do pintor Van Dongen)

CRIANÇAS

Aniversario

A casa J. Wimmer & C.º

O 60.º aniversario da Casa Wimmer é um acontecimento que marca no nosso meio comercial.

O senhor Joh. Wimmer, que hoje vive retirado em Belas, fundou a casa em 24 de Dezembro do ano 1864. Os seus negocios são hoje dirigidos pelos seus filhos, Hans e Max Wimmer.

Wimmer é um grande amigo dos portugueses, contando com muitissimos amigos em toda a praça.

O principio da casa foi a importação de tabacos, que tanto se desenvolveu, que originou ao Ministro Mariano de Carvalho a ideia da concessão do monopolio dos tabacos.

Depois, a casa Wimmer desenvolveu a importação de madeiras e de aduelas, e a navegação á vela entre Lisboa e Nova Orleans.

Devido ás vicissitudes da guerra, a referida firma hoje limita os seus negocios a algumas representações importantes, produtos de Africa, e exportação de conservas.

Entre as representações registam-se as seguintes importantissimas casas: E. Merck, Darmstadt, produtos quimicos e farmaceuticos; C. Woermann e Woermann, Brock e C.º, Hamburgo, importantes negociantes de Africa; Otto Wolff & C.º, magnates de ferro; Eislieg, importante centro de material ferro-viario, etc.

Aproveitamos a data para felicitar os conhecidos e estimados comerciantes que tão bem marcam no nosso meio.

CARTAZ

TEATROS

S. Carlos=Ás 21,30=«Madame Flirt»
Nacional=A's 21,30=«O desejo».
S. Luís=A's 21=«A Dança das Libelulas».
Politeama=A's 21=«E' preciso viver».
Trindade=Ás 21,15=«A Idade de Amar».
Avenida=A's 21,15=«A menina do chocolate».
Apolo=A's 21,15=«A Grande Noite».
Eden=Ás 21=«O Bolo Rei».
Maria Vitoria=A's 20,30 e 22,30=«Onze mil virgens».
Gil Vicente=Aos domingos e segundas feiras, ás 21 30 «D. Inês de Castro».
Coliseu dos Recreios=As 21=Companhia de circo.
Salão Foz=A's 21=Variedades e cinema.

ANIMATOGRAFOS

Tivoli=Avenida da Liberdade.
Olimpia=Rua dos Condes=«Matinée» e «soirée»
Chiado-Terrasse=Rua Antonio Maria Cardoso.
Cinema Condes=Avenida da Liberdade.
Salão Central=Praça do Restauradores.
Salão Ideal=Rua do Loreto.
Cine-Paris=Rua Ferreira Borges.
Salão da Promotora=Largo do Calvario.
Eden Cinema=Rua do Alvito.
Salão-Rocio=Rua do Arco do Bandeira.
Cinema Belem=Rua Paulo da Gama.

Os melhores retratos
Grand-prix da Exposição do Rio de Janeiro
Royal - Photo
Rua Nova do Carmo, 55, 1.º (Chiado)

OS
Grandes Armazens do Printemps
— DE —
PARIS
INFORMAM A SUA CLIENTELA QUE SE ENCARREGAM DE ENTREGAR EM PARIS OU EM QUALQUER OUTRA CIDADE FRANCESA TODAS AS ENCOMENDAS FEITAS NA SUA
— AGENCIA EM LISBOA —
Rua Ivens, 56

Ensina-se

PIANO, bandolim, guitarra e viola (metodo do ouvido). Ha piano que se aluga á hora para estudo). R. do Jardim á Estrela, 25, r/c. D.

TERRAS PORTUGUESAS

A Chamusca

A VILA
O CAMPO
A CHARNECA

Eu sou, talvez, suspeita fa...o de Chamusca, não poderia ser, talvez, imparcial, porque a Chamusca é a «minha terra», foi aqui que vivi os primeiros anos da minha vida, este tempo da infancia e da primeira mocidade em que as impressões se gravam para sempre no coraç... e no pensamento. Mas creio poder afirmar, sem que me iluda o amor do torrão natal, que a Chamusca é uma das mais bonitas vilas portuguesas que conheço. Edificada no sopé da colina, alegre e branca com as suas ruas largas e limpas, sóbe pe... encosta até se dispersar nos m...tos visinhos e desce em declive suave até quasi ao Tejo, que deslisa l...go e ...so entre densos salgueirais.

E' uma vila rica, com amplas casas, em que nem sempre predomina o bom gôsto de arquitectura; nas reedificações não se respeitou o traço primitivo da velha casa portuguesa, mais sugestiva na sua simplicidade de que todas as fantasias dos modernos mestres de obras, mas tal como é o seu aspecto agrada á vista e tem um ar de progresso e de abastança.

Entra-se na vila pela estrada que a liga á ponte que atravessa o Tejo e segue-se depois da ponte para a Golegã, Torres Novas, Entroncamento. Não entrando na ponte a estrada continua pelo Pinheiro, Carregueira e Arrepiado, três aldeias pitorescas. Essa estrada, sombreada por velhos eucaliptos, amoreiras e sobreiros frondosos tem dum lado o Tejo com uma faixa de terrenos verdejantes, e do outro um começo de charneca, da nossa linda charneca em que a urze, o tojo, a murta florescem e que na primavera se cuche de lirios, de malmequeres, de miosotis junto dos regatos, essa charneca tão amena e dôce, que para mim a palavra «charneca» evoca sempre um jardim. Foi nessa charneca que viveram os meus primeiros sonhos, as minhas primeiras impressões de beleza, que eu espalhava por aqueles montes alongando a vista que se perdia na vastissima paisagem.

Os mais bonitos pontos de vista são o Senhor do Bomfim, a Cabeça Alta e a Senhora do Praulo, que é ainda dentro da vila, com a sua capelinha branca. Desses pontos de vista o meu preferido, o que ficava mais perto da minha casa empoleirada nos pinhais, á entrada da vila, era o Senhor do Bomfim.

Quantas vezes orei, na Ermida, onde minha Avó dorme o seu ultimo sono; quantas vezes contemplei o largo horisonte, com a sua extensa planicie cortada pelo Tejo e a lombada azul da Serra de Minde... Ainda ha pouco me recordava um ilustrado patricio meu, em lisongeiras palavras escritas a meu respeito, a beleza desta paisagem, onde se avistam os concelhos de Abrantes, Constancia, Barquinha, Golegã, Torres Novas, Ourem, Alcanena, Santarem e Alemquer e atribuia a essa beleza em que predominam «vastidão e suavidade», as impressões que os meus versos reflectem. E eu creio, realmente, que foi a contemplação deslumbrada desta natureza admiravel que me ajudou a ser poeta.

Vivi sempre muito mais na charneca de que no campo e sempre a charneca e os montes me atrairam mais de que o campo e, todavia, que lindos são estes campos ribatejanos, largos ferteis, riquissimos!... Ha dias, numa tarde de sol ...te verão de S. Martinho, segui, no campo, uma caçada ás lebres e interessou-me principalmente o encanto de tudo o que me cercava.

A terra lavrada, castanha e forte, recebia a semente das mãos trigueiras dos camponezes, no «geste auguste du semeur» cantado por Victor Hugo e contrastava com os trechos em que o pasto verde brilhava ao sol. Na extrema das propriedades e á beira dos caminhos ha freixos e f...s e toda a monotonia é quebrada pelo arvoredo, mais denso perto do Tejo. Ao fundo junto dos montes desenrola-se, em curva suave, a linda estrada que sai da vila e vai para Santarem passando por Alpiarça e Almeirim e que ...tes de chegar á aldeia de Vale de Cavalos se bifurca para levar a Ulme, uma aldeia de nome sugestivo, bonita e palustre, ...e foi noutro tempo povoação importante. E' para este bordo que ha os arrosais e as montanhas quando novamente se entra na charneca.

Ulme tem restos do seu pelourinho e dos seus velhos paços, mas jaz hoje meia morta, como aldeia que vive principalmente das sasas proximas.

A Chamusca é rica de tudo: cortiça, montado, carvão, lenha, cereais, vinho, azeite, arroz, gado, e a completar tudo isto tem as hortas frescas, os pomares fartos, a caça e a pesca abundantes, a agua pura das nascentes, o perfume enebriante dos laranjais.

A Chamusca é muito rica, mas o seu hospital e o seu asilo estão pobres, e porisso, eu peço para eles a caridade de toda essa riqueza.

* * *

Uma senhora da minha familia, que reside no estrangeiro, ali promoveu, no dia 8 de Dezembro, uma festa de caridade destinando metade do seu produto a este hospital e a este asilo. E' que, longe, parece que se tem mais amor, ainda, aos sitios em que vivemos e que nos são queridos. E' que a saudade é, ás vezes, sobretudo nos sentimentos profundos, ainda mais sugestiva do que a presença...

A saudade ilumina as recordações com uma dôce luz...

E eu, tambem, que vivo, agora, quasi sempre longe daqui, afastada destes sitios, «sinto» que lhes quero com um querer mais profundo, porque é já com saudade que o «sinto».

E pedindo perdão de citar os meus proprios versos, porque eles dizem o que me vai neste instante no pensamento, ou antes no coração, remato esta cronica com as palavras sinceras que nestes versos escrevi:

A nossa terra está sempre ligada
Aos sonhos da ventura procurada,
A's ideias do bem.
Para nós sempre bela e sempre amada
A nossa terra é como a nossa Mãe!

MARIA DE CARVALHO

ARCADA D'OURO
José de Pinho Costa, L.da
Praça dos Restauradores, 69, 70, 71 — Tel. N. 5469
— junto á estação dos electricos —
Pastelaria, doçaria, «charcuterie», mercearia, etc.
Todos os dias serviço primoroso
de «lunchs» e «five-o'clock-tea»
ESTE ESTABELECIMENTO ENCONTRA-SE ABERTO
ATE' A' 1,30 HORAS DA NOITE

Pianos Alemães
e o maior «stock» musicales, tudos do Conservatorio, etc. Ao cambio actual 30 a 40 0/0 menos. A. Morais, Ltd.ª — Portas de Santo Antão, 128.

A's Senhoras
Capsulinas, para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro. Calçada da Estrela, 13, 1.º Esquerdo.

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Cecilia Van-Zeller da Castro Pereira, D. Carlota de Serpa Pinto Santos Moreira, D. Lucrecia Julia de Castro Ferreira da Silva e Brito (Ermida), D. Berta de Araujo Viana de Lemos Peixoto, D. Natalia de Vasconcelos Pereira Coutinho Seabra de Lacerda, D. Maria Natalia Diogo da Silva dos Reis Tergal. D. Natalia Fernandes.

E os srs.:

Conselheiro Manuel Moreira Junior, D. Luis de Castro (Rezende), D. Manuel Francisco Saldanha da Gama, José de Magalhães e Meneses Vilas-Boas, Manuel Monteiro de Andrade e Sousa, Mario Faria de Melo Ferreira Duarte e José dos Santos Lima.

E depois de ámanhã as senhoras:

Condessa da Serra de Tourega, viscondessa de Alverca, D. Maria das Dores Cabral Pereira de La Cerda Lobo de Vasconcelos, D. Margarida Jardim Hintze Ribeiro e D. Maria da Gloria de Magalhães Lobato.

E os srs.:

Francisco Barbosa Castro Cunha e Melo Sotto Mayor, José de Jesus Cardoso de Meneses, Luis Ricardo e Luis Campos de Andrade.

Casamentos

Deve-se realisar no mês de março, do proximo ano, o casamento da sr.ª D. Elvira Costa Branco Saraiva dos Santos, interessante filha da sr.ª D. Palmira da Costa Branco Saraiva dos Santos e do sr. Antonio Saraiva dos Santos, já falecido, com o sr. Carlos Mota.

«Matinées» elegantes

No S. Luiz

A'manhã realisa-se neste teatro uma elegante «matinée», na qual será representada a lindissima opereta de Franz Lehar «A dança das libelulas», um dos maiores exitos desta temporada, não só devido á moncira como é representada, como, sobretudo, á extraordinaria riqueza dos scenarios e guarda-roupa. A tarde de ámanhã, dia de Natal, no S. Luiz, vai decerto marcar pela elegancia.

No Politeama

Realisa-se ámanhã, dia de Natal, neste belo teatro, uma «matinée» extraordinaria, em que será representada a engraçada comedia «E' preciso viver», á qual a esplendida companhia Rey Colaço-Robles Monteiro dá um grande realce, completando o espectaculo a insigne «tonadillera» Candida Suárez. E', portanto, de esperar que a tarde de ámanhã no Politeama seja brilhantissima.

Pontos de reunião

No Tivoli

Assistencia elegante ás sessões da moda de ontem:

Madame Van-der-Goes, condessas da Louzã e filha e de Carnide; D. Maria Luiza Luz da Gama e filha; D. Maria da Conceição Pinto de Moraes Sarmento Cohen e filha; D. Maria Guedes de Almeida Coutinho e filha; D. Maria de Lourdes Tito de Vasconcelos Thompson, D. Maria Izabel de Castro Pereira de Arriaga e Cunha (Carnide), D. Livia Street de Arriaga e Cunha Braamcamp de Melo Breyner (Sobral), D. Maria de Oliveira Reis, D. Dayne Maria Pinto de Moraes Sarmento Cohen de Carreia Bettencourt, D. Mariana Barbosa da Cunha Sotto Maior Ricceu, D. Laura Barbosa da Cunha Sotto Maior, mesdemoiselles Costa Pinto, etc.

Agenda

A nossa sociedade «smart» dará ámanhã «rendez-vous», de tarde, nas «matinées» do Coliseu dos Recreios, Salão Foz, Chiado Terrasse, Cinema Condes e Tivoli, e depois de ámanhã, de tarde, na «matinée» do Salão Foz, e á noite, no S. Luís, recita da moda, em que mais uma vez se representa a lindissima opereta de Franz Lehar «A dança das libelulas», e no Tivoli, «soirée» da moda.

De viagem

O sr. conde de Calhariz regressou da sua quinta de Alferrarede.

—Acompanhado de sua familia, regressou de Parede o sr. Ernesto Ferreira.

—Partiu de Sintra para Palma, com sua esposa e gentil filha, o sr. dr. José Maria Posser de Andrade.

—Regressou de S. João do Estoril, o sr. Francisco Martins Carneiro.

—Da Nazaré, regressou o sr. Candido Rosa Rodrigues.

Não seria chic que a uma pessoa da sua maior estima, oferecesse um retrato de má qualidade!
Ofereça sempre só bons retratos
FOTOGRAFIA BRASIL
Rua da Escola Politecnica, 141

Doutoramento

Acaba de defender brilhantemente a sua tese de doutoramento, na Faculdade de Medicina de Lisboa, o sr. dr. Joaquim dos Santos Nunes que obteve a alta classificação de 18 valores.

Restaurant Bacalhau
(A's portas de Bemfica)

Neste acreditado retiro, incontestavelmente a melhor casa no genero nos arredores da capital, encontra-se já á venda ao publico o precioso vinho novo, fabrico especial desta casa e que se encontra em cima da borra, considerado sem contestação a melhor pinga que se bebe em Lisboa.

Sendo esta casa a de maior e melhor frequencia, possui magnificas salas de jantar, gabinetes e optima adega propria.

Explendido serviço de cosinha á portuguesa «a lá carte» por preços modicos.

Tomam-se encomendas para banquetes de casamentos e baptizados.

DE TODOS OS DIAS...

O «Diario de Lisboa»

POR DENTRO

e como se trabalha na nossa redacção

Quando eu vim para o *Diario de Lisboa*, aqui ha anos, era um rapaz muito envergonhado. Tinha estado no *Seculo*, e resistira; tinha estado no *Diario de Noticias*, no tempo do Acurcio Pereira, e resistira tambem; tinha passado fugidiamente por varias outras redacções, e resistira sempre a esta mania—necessidade que nós temos, os jornalistas, de tratar toda a gente por «tu cá tu lá», sobretudo quando as pessoas são de circunstancia.

Era, portanto, um inocente em assuntos de *savoir vivre* na grande roda do jornalismo; e essa circunstancia mais me aguçava a curiosidade ao transpôr a portada cá da folha, cujos moldes de feitura começavam já a fazer escola no periodismo do nosso tempo.

Lia o Artur Portela, e via-o a tratar toda a gente por você; lia o Antonio Ferro, e via-o a fazer uma algazarra endiabrada de cada vez que lhe cahia sob a alçada uma rotina ou um costume sediço; lia o Afonso de Bragança, de saudosa memoria, e a vida surgia-me colorida de novos aspectos, copia feita do natural com irreverencias lindas de sentimento; lia o Norberto de Araujo, e, tirante o seu romantismo impenitente, era tudo a derruir, na leveza traiçoeiramente poetica duma prosa que tinha dinamite nas virgulas; analisava os dizeres do Norberto Lopes, e tinha a impressão de que aquele rapaz nascera predestinado para tornar em quadros de beleza a menor futilidade que lhe fôsse têma de meditação escrita; lia o Sarmento Duque, desnorteava-me a graça natural do seu humorismo, cheio de equilibrada ingenuidade; lia o Sá Pereira, e acreditava-o sem exforço quando o via jurar que já tinha talento na epoca ainda proxima em que andava de bibe a fazer pirraças ao mestre escola; deixava corvejar osolh os pela primeira pagina do *Diario*, e a maneira do dr. Joaquim Manso convencia-me de que devia ser uma sensibilidade de eleição a que tais milagres de equilibrio moral e mental conseguia manter numa época em que isto estava já quasi desequilibrado de todo.

Calculam, por consequencia, os leitores, a atrapalhação em que me vi, quando, um belo dia, me chamaram cá para o jornal, e os rapazes todos me fizeram grande festa de abraços, com palavras amaveis a substituir o «copo d'agua».

O Norberto de Araujo botou discurso, dizendo que eu era da irmandade, e fez-me logo encavacar porque julguei vêr naquilo alguma piada ao facto de eu pertencer á Irmandade do Sanfissimo lá da minha terra; o Alvaro de Andrade, com a mania que ele tem dos titulos iguais, pôz-me em *pendant*, para me elogiar, com um colega de quem não digo o nome por ter a certeza, ainda hoje, de que não se parece nada comigo; o Portela monoculou-me como quem lê as horas no relogio de uma torre; e todos desataram a tratar-me por tu com tanta insistencia, que não tive remedio senão perder logo ali metade da vergonha que trazia encaixotada.

* * *

A outra metade... roubaram-ma quando me puz, mais tarde, a praticar nas entrevistas. E agora, já tanto se me dá. Tanto me custa dialogar as opiniões dum ministro, como descrevêr um despejo no Beco da Bôa Hora; tanto me importa aplicar uma sova de termos duros nos lombos dum patife, como pedir esmola para um pobre que tenha fome; cheguei a tal perfeição de descaramento... que já me chamam jornalista sem eu quasi dar por isso, e vou aqui fazer uma indiscreção com a mesma tranquilidade de consciencia em que praticaria a mais justiceira das acções.

Vou denunciar aos leitores como procedem os meus camaradas para lhes pró-pinarem os artigos, e quais as manhas de que se servem para manter o interesse do jornal.

Para que hei-de ir lá fóra, com tanto frio, em busca de assunto para a pagina que me obrigam a fazer, se o *Diario de Lisboa*, visto por dentro, é o que se chama um assuntão?

* * *

Calculem os senhores... Mas, deixem-me fazer primeiro as apresentações. O Alvaro de Andrade, secretario: anda sempre a gritar e a magicar na estetica dos titulos. O Norberto de Araujo: tem dias; ora canta e faz *blagues*, ora se aborrece e vê tudo negro na vida. O Portela: em se lhe metendo em cabeça que ha-de entrevistar alguem, entrevista-o dê por onde der. O Norberto Lopes, que anda agora no Periplo de Africa: chega sempre á redacção a dormir por dentro e só acorda á força de injecções; mas quando acorda, escreve um «Chá das Cinco» emquanto o diabo esfrega um olho. O Felix Correia: sangue, mocidade e amor; trabalha sempre, tem a mania de arriscar a vida por «dá cá aquela palha», e usa uma caligrafia que é mesmo uma vergonha. Alves Martins: poeta e doutor. Ama-se a si mesmo e recita as noticias ou os artigos como se estivesse chorando o «Alma minha» do seu colega Camões. Rogerio Perez: a proficiencia na critica tauromaquica, a serenidade vestida de sobretudo, a mocidade escondida na sisudez. Este, faz tudo pela calada, com um pé em Espanha e o outro em Portugal. Paulo Freire, o da politica: usa, por habito, um grosso cacete, e diz mal de toda a gente, exceto dos amigos. Tem furias quando se reconhece impotente para endireitar o mundo, que ele proprio ajuda a entortar sem dar por isso. Manuel Nunes: é casado e tem filhos, mas as mulheres não acreditam. Ele proprio só acredita quando recebe o ordenado... Nobre Martins e Carlos Sergio: poucas falas. Chegam, dão conta do recado—que ás vezes tem que se lhes diga—e... até ámanhã meus senhores. Vasconcelos e Sá, o das elegancias: Conhece toda a gente fina e despede-se todos os dias de redactor, por lhe errarem os adjectivos aos pais dos neofitos. Miguel Martins: E' chefe da tipografia e movel da redacção; uma pilha de nervos sempre carregada de qualidades positivas.

Além destes, ha o director, já se vê, que é o que toda a gente culta sabe e confessa. Ha o Pedro Bordalo, que é capaz de se bater todos os dias em duelo para defender o bom nome do jornal; e ha este creado de vocelencias, que é isto que se está vendo.

* * *

Agora querem os senhores saber como toda esta engrenagem meche? E' assim:

Logo de manhã chega o Alvaro de Andrade, com a pasta da papelada; e, lido o expediente, desata á descompostura ao Miguel da tipografia, por causa de uma ou outra gralha que ficou, na vespera, por emendar. O Miguel põe-se a sacudir a agua do capote; trava-se disputa acalorada; o velho João, continuo, que faz o serviço de policia, espreita á porta para vêr se será preciso intervir; os contendores estão a pontos de se faltarem, mutuamente ao respeito; mas quando vão chegar ás ultimas, voltam ambos ao principio, e ficam amigos como dantes eram.

Redactores, nem um para amostra. E torna o secretario a arreliar-se.

—Isto assim não pode ser! Não pode! Desta vez é que os meto na ordem! Oh, sr. João, veja lá se já vem algum redactor a entrar a barra!

O sr. João debruça-se da janela e faz que não com a cabeça.

Nisto, chamam ao telefone. E de cá.

—Crime? Vitimas? Morgue? Bem! Bem! Morreu? Optimo! Optimo!

—Oh sr. Faria: vá já chamar o sr. Mafra a casa dele. Diga-lhe que venha depressa que é para fazer um crime.

O *chasseur* sae em busca do jornalista que móra mais perto, para lhe comunicar que tem de fazer a noticia do tal crime; e, entretanto, veem chegando os demais.

* * *

O Alvaro de Andrade:

—Ha imenso que fazer! Tu tens qne ir ouvir fulano por causa de isto assim, assim! Tu vaes tratar-me disto assim assado! Tu não me largues o caso tal; hein? Olha: vae ao Poço do Bispo, que andam lá a matar gente... Duas colunas de Parlamento... uma coluna de politica... O' Nunes: vê lá se caças p'r'ai o Peres Trancoso... Onde é que pára o Alves Martins?

—Foi ao Ginestal.

—E o Mafra?

—Manda dizer que está doente.

—E o Norberto Lopes?

—Manda dizer que está com a febre.

—E o Felix?

—Foi preso ontem á noite por causa dum gato.

—Então quem é que me faz o crime? Então quem é que me faz o Chá? Então o jornal não sae hoje?

* * *

Emquanto não chegam os doentes, e emquanto não se libertam os captivos, vão os presentes conversando e fumando, para... arranjar ambiente. A certa altura, quando vai alta a maré da cavaqueira, o secretario esquece-se e conversa tambem. E o tempo vai correndo, e a gente vai fazendo ambiente... até poder ser.

O Norberto de Araujo nunca se rala. Se esta de maré, canta e ri, que parece um garoto em dia de festa; se não está, confia nos recursos proprios, certo, com razão, de que engendra um artigo em meia duzia de penadas. O Portela, idem. Quando chega ao local dos acontecimentos já toda a gente lá tem ido, mas a noticia faz-se sempre com brilho e com emoções novas. E o mesmo os outros todos, excepção feita do Alves Martins,—que anda agora a descobrir o Brasil.

Está sempre torturado. Se a gente lhe pede auxilio para a memoria, na recordação de um nome, responde logo aborrecido:

—Não me chateiem! Só conheço a minha dôr!

Se o obrigam a entrevistar um desconhecido, vai solicitar a entrevista como se levasse atrás de si uma manada de filhos a atormentarem-lhe a existencia. O que ele quer é que falem de poesia, de arte, de motivos raros de belesa. Tudo que não seja isso, irrita-lhe a sensibilidade.

O Felix Correia, esse, quando não está presioneiro da policia ou do dever profissional, tem outra mania engraçada que lhe ficou de quando armou em toureiro, aqui ha tempos, e foi colhido por um vaca numa praça dos arredores. Todo o bocadinho que lhe sobra, aproveita-o para estudar atitudes de «diestro». Emquanto os camaradas discutem, vai ele ensaiando cambios e veronicas á maneira do Maera, que Deus tenha.

Por sinal que o Alvaro de Andrade, por ser mais do *foot-ball*, embirra ás vezes com o caso, e volta a si para clamar, em meio da parola, o seu estribilho predilecto:

—Então o jornal não sae hoje? Que raio de pagode é este? Vocês nunca mais trabalham?

* * *

Mas isso é uma santa pandega!—comentarão os leitores.

Não é, porque a nossa hora chega sempre, e chega todos os dias; e nunca uma dificuldade ou um perigo nos fizeram dasalento quando é preciso ir por aí fóra, pela cidade, em busca do assunto que a curiosidade do publico exige de nós.

Partimos tarde, ás vezes, mas chegamos ao mesmo tempo que os dianteiros; e fazêmo-lo de proposito para que seja mais sincera a emoção que se colheu e se transmite; para que seja mais vibrante e mais fresco de verdade o pormenor que salva, para a inteligencia do leitor, a observação do jornalista; para que se fixe em mais nitidas côres o quadro, triste ou alegre, em que os nossos olhos se prenderam e que as nossas penas precisam de reproduzir numa rapidez de traços que não deformem nem mintam.

São de todos os dias as provas, que no *Diario de Lisboa* se documentam. Felix Correia, por exemplo, quando foi do conflicto com a Aviação Militar, deixou-se prender no campo da Amadora, sujeitando-se a todos os riscos dos sitiados, para que nós, cá fora, pudessemos vêr e sentir a ansiedade dos revoltosos. O serviço de correio, de lá para cá e de cá para lá—fique-o sabendo agora o sr. Americo Olavo—fazia-se em pães de louça das Caldas, e em chouriços da mesma procedencia, e em pedras de fundá que zuniam por sobre a linha do cêrco com velocidade capaz de inutilizar as pontarias mais rapidas. Os soldados ouviam-nas passar e julgavam que era o Felix que estava a brincar aos cabreiros para entreter os ocios da prisão. Depois, quando chegou a hora tremenda da rendição ou da morte, não houve dentro do *Diario de Lisboa*, um redactor que não tomasse posições arriscadas para assistir, com perigo da propria vida, ao desenlace, sangrento ou não, do memoravel feito.

Eu e Norberto de Araujo já andámos uma noite por Alfama mascarados de fadistas com o Carvalhais a fingir de borracho, só para sabermos com verdade como aquilo era lá por dentro...

E ha coisa de meses não me vi eu na necessidade de ensinar o Burnay das coroas a gaguejar só para o levar a um especialista de gaguez que trazia anuncio no *Diario de Noticias*? Por sinal que o desastrado, uma vez em casa do sabio, começou a gaguejar antes de tempo, para lhe preguntar quanto pagava pelo trabalho, e estragou-me a entrevista.

* * *

E mais, e muito mais... Se nós fossemos contar aqui o que ás vezes nos custa uma noticia de quatro linhas...

Aprigio Mafra

Angiolymphe
Do DR. ROUS
Especifico contra a
Tuberculose
Empregado, com sucesso, pelos mais distintos clinicos
Chegou nova remessa
Depositario geral: **João Raposo Beirão—Rua da Trindade, 30, 2.º, Dt.—LISBOA.—Telef. 4529 N.**

CIMENTO
«AUDAZ» e «TENAZ»
Qualidade garantida para trabalhos de responsabilidade
UNICOS DEPOSITARIOS:
MELLO DA SILVA & FIGUEIRA, LIMITADA
Rua Nova do Almada, 24-2.º D.
LISBOA
Telefone C. 597 Telegramas: Mellotejo

AGENCIA MARITIMA, LIMITADA

Faro e Olhão

FILIAL DE WIESE & C.º LISBOA

Agentes na costa do Algarve de: K. N. S. M.

Carreiras regulares de vapores directos para:

Amsterdam e Rotterdam -- Genova, Livorno e Napoles -- Oran, Malta, Patras, Fiume, Trieste, Veneza e Bari -- Alger, Pireu, Salonica, Constantinopla, Bourgas, Varna, Constantza e Galatz -- Gibraltar, Malta, Smyrna, Alexandria, Jaffa, Haiffa e Beirouth

e para TODOS OS PORTOS DO MUNDO, com trasbordo em Amsterdam e conhecimentos directos

Marius Line (Marius Nielsen & Son)

Carreiras regulares de vapores directos para:

Bordeus, Rouen, Anvers e Hamburgo

Navegação Costeira, Limitada (Wiese & C.º)

Serviço regular de batelões a reboque entre os portos do Algarve e Lisboa, Figueira da Foz, Porto e Viana do Castelo.

Para informações dirigir-se á

Agencia Maritima, Limitada -- FARO -- End. Tel.: "Shipping" - Faro

ou aos seus sub-agentes em

Lagos --- JOSÉ D'ABREU PIMENTA	End. Tel. — CYSNE — Lagos
Portimão --- JAYME Q. D'AVELLAR	» » — LAVELLAR — Portimão
Albufeira --- LEONEL R. AGOSTINHO	» » — LEONEL AGOSTINHO — Albufeira
Olhão --- AGENCIA MARITIMA, L.DA	» » — HERCULANO POMBINHO — Olhão
Vila Rial S.to Antonio --- M. G. ROLDAN, SUCC.RES	» » — ROLDAN — Vila Rial S.to Antonio

Macheira, Encarnação & Mascarenhas, L.da

Exportadores de frutos secos e conservas

Teleg.: CAROUBE

Rua Conselheiro Bivar, 82 FARO

Aboim & Barrocal L.DA

FARO

(Importação e Exportação)

Alfarrobas, amendoas e figos

End. telegrafico MIOBA

J. TH. D'A. COELHO JUNIOR

Faro — Portugal

CONSERVAS DE SARDINHAS

PRODUCTOR — SAL

Importação = Exportação

Sociedade Mercearias Olhanense, L.da

Armazem de mercearias, papelaria, perfumarias e miudezas

Torrefação e moagem mecanica de cafés

Telegramas: CERINHAS

Rua 18 de Junho, 51 a 63 OLHÃO

Algarve Canned Products, L.td

SARDINES IN OLIVER OIL

FARO

EM PARIS

O PINTOR VAN DONGEN

FALA-NOS

DA SUA ARTE

da Beleza e dos seus nervos

Durante uma meia hora, conversámos com Van Dongen, no seu *atelier*, a fim de lhe ouvirmos se não as razões da sua pintura, ao menos a meia duzia de palavras necessarias para nos inteirarmos da sua sinceridade.

Como a maioria dos pintores, não é muito discursivo.

Os seus olhos riem, maliciosos e inquietos, a boca esboça um sorriso simpatico, mas cauteloso, a barba em que já aparecem alguns cabelos brancos dá-lhe o aspecto dum homem que pensa em arranjar o seu retrato para um dia fazer o papel de Booz.

A fronte é nobre, iluminada e inteligente, podendo dizer-se que o seu rosto encontra nela uma primavera eterna.

Gestos poucos e lentos.

Van Dongen, que é um colorista insigne, quando responde ás nossas perguntas, dá a impressão de entrar numa camara escura.

A sua arte é sibilina, talvez porque receie queimar as azas, permitindo-se vôos largos nos dominios da eloquencia.

Sente-se, porém, que Van Dongen tem o seu compendio de maximas secretas que guardará para si, até o dia em que escrever as suas memorias.

Se chegar a publicá-las, os frequentadores do seu *atelier* pensarão consigo:

—«Van Dongen fazia-se pagar bem, porque atribuia um enorme valor ao seu silencio.»

Na exposição dos seus quadros, examinados detidamente, refletidamente, nota-se que o seu autor não pretendeu revelar a alma de ninguem nem mesmo o segredo de qualquer coração, palpitando na casta alegria de se ofertar á vida ou á morte.

Alguem explicou-nos:

—«Os pintores modernos vivem numa época em que nem sequer ha tempo para definir os limites do corpo e o relêvo das coisas.

Van Dongen é, sobretudo, um mestre de aparencias, um mensageiro de ilusões.

As criaturas que ele pinta apresentam todas o aspecto inacabado duma humanidade que, de cinco em cinco minutos, muda de desenho.

Pascal angustiou-se a estudar os conflitos que surgem entre a razão e o sentimento.

Quem é que hoje se poderá gabar de trazer dentro de si esse tremendo drama do *claro-escuro?*

As clientes de Van Dongen apreciam que ele as reconheça talqualmente elas são—fantasias efemeras de uma civilisação que, exausta para as longas emoções creadoras, se contenta com a palida vibração de desejos que fenecem em vitrais de esmaecidas policromias.»

Num pequeno gabinete, em comunicação com o *hall* em que expõe a sua obra, Van Dongen reune muitos desenhos, á pena ou a lapis, indicações breves de futuros quadros, carinhas olorosas e frescas de crianças, cabeças fulvas de mulheres cujos olhos parecem olhar para além dos seus proprios seios, em busca duma forma galante, uma visão do pecado, corpos finos, em meia mudez, frementes de luz e graça, colos dum talhe perfeito, pernas nervosas e duma maciesa setinea, dignas duma bailata sobre a corola duma flôr...

Van Dongen

Como percebessemos que o pintor tinha ali... o seu jardim, o seu canteiro de violetas, dissemos-lhe:

—Sr. Van Dongen, esta é a sua exposição na intimidade... Tudo quanto aqui está representa uma recordação, o principio ou o fim duma tela executada com um entusiasmo de poeta-pintor.

—Não direi tanto, mas devo declarar que são coisas que só eu posso julgar com o carinho que merecem. Significam *momentos* em que brinquei com a minha arte, porque só brincando as poderia traçar.

—Sem sombra de irreverencia, a sua exposição quasi me convence que o seu pincel, algumas vezes, tem travessuras de Gavroche amimado.

—Não suponha tal coisa. Ninguem ha mais sincero que eu. Levo o escrupulo a ponto de não esboçar um unico gesto dos que os artistas imaginam ao gosto do publico. Se alguem pudesse ver-me na verdade das minhas impressões, diria sem hesitar: — «Van Dongen é absolutamente leal ao seu temperamento».

—Mas, então, como explicar que, nos seus quadros, haja tanto artificio ou antes o proposito de encarar a vida, como se ela pudesse ser modelada de novo, ao sabor de caprichos passageiros?

—E' nisso que o senhor se engana: a vida é prodigiosa nas suas formas. A mulher consegue variar-se ao infinito. O homem possue o mesmo poder, Cada epoca cria os seus tipos. Actualmente, porque falta a disciplina dos grandes movimentos sociaes, cada um se torna o centro dum pequeno orbe. Eu, se quizesse patentear o misterio profundo das almas, cometeria um anacronismo. Os nossos contemporaneos, numa grande capital como Paris, não se debruçam sobre a sua propria consciencia: todas as tentações de que se namoram são exteriores. O drama moderna é feito de luz, côr, agitação, febre de prazer e de luxo, desejos lubricos de amortecer loucos sonhos cerebraes, abraços que prendem corações insaciados e corações que partem para sonhadas prisões...

—Os seus nús, pobres de riquesa plastica, dão-me a ideia de que Eva, no nosso tempo, é vitima de estranhas nevroses —noites de alucinação e pesadelos...

—Não exagere. Nós vivemos principalmente de nervos. O musculo resente-se disso. A saude e a sua explendorosa belesa animal não são do nosso tempo. Ha qualquer coisa de morbido, talvez de perverso, nas nossas alegrias. Mas não se conclua daí que o corpo humano perde o seu prestigio, a curva real da sua opulencia. Com efeito, alguns dos meus nús acusam uma evidente fragilidade, um declinio de linhas, mas isso só prova que eu sou fiel aos meus modelos. Para alem deles, existe a naturesa que trabalha com o mesmo escrupulo e o mesmo esmero de sempre. Que ousará contra ela uma sociedade que se propaga vagarosamente, como se receasse esgotar a taça dos seus prazeres?

—Professa alguma doutrina estetica de que os seus quadros sejam a demonstração e o exemplo?

—Desconheço teorias e doutrinas. A verdade das minhas pinturas forma-se nas minhas impressões. Nem prejuisos nem preconceitos. A frescura original, que varios criticos acham nos meus quadros, provem, principalmente, de eu nunca me sujeitar a canones. Pinto conforme sinto e sinto bem aquilo que quero pintar. Nesta formula, está a minha escola.

—Visto que é holandês, deve ser um apaixonado dos velhos mestres do seu país...

—Sou holandês, por acaso. E' possivel que ainda seja mais francês. Como sabe, a arte não tem patria. Admiro os grandes nomes da pintura holandesa e flamenga, mas sem exageros. Que merito seria o meu, se copiasse a sua maneira?

—Já visitou a Espanha?

—Porque me faz essa pergunta?

—E' que noto nos seus retratos uma certa influencia de Greco...

—Não direi tanto, mas confesso-lhe que nutro por ele um verdadeiro culto. Teve a coragem, rarissima no seu tempo, de pintar como via e vêr na plena liberdade do seu genio. Depois dele, amo muito Goya e tambem Velasquez. Dos actuais pintores espanhoes, ha alguns que me agradam. Zuloaga, que tinha belas qualidades, vai passando de moda...

Joaquim Manso

Tel. C. 1227, 447, 568

Telegramas: OTTOS

Pinto & Sotto Mayor

BANQUEIROS

R. DO COMERCIO, 134 a 140 Lisboa R. DO OURO, 18 a 24

FILIAIS
PORTO: Praça da Liberdade, 26 a 31 -- Tel. 79
BRAGA: Largo da Lapa
VIANA DO CASTELO: Rua Candido dos Reis
COIMBRA: Rua Visconde da Luz
CHAVES: Largo do Arrabalde

Telegramas: OTTOS

Correspondente na Madeira e no Ultramar:

BANCO COLONIAL PORTUGUEZ

Correspondente nos Açores:

BANCO MICHAELENSE

Correspondentes no Brazil:

RIO DE JANEIRO e todos os Estados do BRAZIL:

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

PARÁ:

FERREIRA COSTA & C.A

BAHIA, PORTO ALEGRE, RIO DE JANEIRO, SANTOS e S. PAULO:

BRITSH BANK OF SOUTH AMERICA Ltd

Correspondentes no estrangeiro:

HESPANHA: Badajoz, Barcelona, Valença d'Alcantara, Madrid e outras praças de Hespanha, Vigo e região galaica.
ESTADOS UNIDOS DA AMERICA: New-York.
FRANÇA: Paris, Bordeaux e outras praças.
HOLANDA: Amsterdam.
INGLATERRA: Londres e outras praças.
ITALIA: Roma, Milão, etc.
SUISSA. Bâle, Lausanne.
BELGICA: Anvers, Bruxelas.
ALEMANHA: Berlim, Hamburgo, Aauchen, Cologne.

Representantes em Portugal do

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

RIO DE JANEIRO, S. PAULO, SANTOS

Correspondentes de

BRISTH BANK OF SOUTH AMERICA Ltd

RIO DE JANEIRO, S. PAULO,
SANTOS, BAHIA, PORTO ALEGRE

BANCO NACIONAL DO COMMERCIO

PORTO ALEGRE, FLORIANOPOLIS.
CURITYBA, PELOTAS, RIO GRANDE

Operações bancarias -- Ordens de Bolsa -- Saques sôbre o Estrangeiro Papeis de Credito -- Coupons -- Moedas -- Descontos e transferencias -- Contas correntes -- Depositos á ordem e a praso -- Cambiaes -- Ordens ◊ ◊ ◊ telegraficas e Cartas de credito sôbre o País e Estrangeiro ◊ ◊ ◊

SECÇÃO MARITIMA

LISBOA: Rua de S. Julião, 174, 1.º PORTO: Praça da Liberdade, 29

Tel. C. 652 Telegramas OTTOSLLOYD Tel. 79

Agentes em Portugal da

Companhia de Navegação Lloyd Brazileiro

LISBOA ETERNA

O CHIADO HUMILDE

A "Ilha dos Galegos,, e a "Brasileira,,

O Chiado é um grande tema de Lisboa. Eu, por mim, adoro o Chiado. O que é, é que o adoro, o vejo e o sinto duma maneira um pouco diversa da que o sentem os outros.

E' tudo bonito no Chiado—fonte de evocações para velhos, de emoções para novos. A vida que se viveu, a vida que se sorve, a vida que se gasta, a vida que nos rala, nos deslumbra, nos enerva, nos encanta. O seio das intrigas, o seio da Cidade...

E tudo isto é visto, em regra, pelo prisma da beleza e do sentimento orquestral e dionisico das infinitas graças opulentas.

Eu vejo agora o Chiado atravez da sua decrepitude e atravez da sua humildade.

Nada mais lindo do que o Chiado humilde! Não fôra mesmo essa humildade, que os nossos olhos vêem, a fingir que não vêem —e toda a sua maliciosa beleza mundana passaria despercebida, sem o fundo virginal dos tons e scenografico dos magnificos contrastes.

* * *

O Chiado—foi sempre no mesmo sitio, desde o «Chiado», esse poeta truão e troveiro, frade e boémio, que das Chagas desceu ao «Corso», para lhe tomar o nome ou para lho dar—e nisto não acertam os investigadores—, até os excentricos dos nossos dias. Ao contrario das outras praças e centros da vida citadina, o Chiado nunca mudou de local, e pouco, pouco mudou de fisionomia.

Nós é que mudamos, eternos Frigolis! Mudamos de costumes, de aspirações, de prosapias e de maneiras de ser. O Chiado—a mesma rua—é o mesmo. Basta fechar os olhos, e lá topamos tudo, como era dantes.

* * *

Passam os coches que vem dos Marialvas, ou dos Sousas, ao Calhariz. Passam as sejes e ainda os coches de gala que vem do Quintela. Passam os poetas, os politicos, os fidalgos, os boemios de todos os tempos. Passam os romanticos de 1830, e as romanticas que não sabiam andar a pé—e se advinhavam polvilhadas dentro do camarim das traquitanas.

O Chiado foi sempre um foco de romantismo. Camões, Antonio Ribeiro, Bocage; Mendes Leal, José Estevão e Garrett; os Maniques, os Galaches, o D. Alexandre Saldanha, o D João de Meneses, o Marquês de Niza, o Vilar Perdizes, o D. José de Avilez, o velho Antonio Galveias, o *Silva Canetas;* e o café *Marrare*, e o *Central*, com a seje do Feliciano, o Toscano defronte do actual Benard, e o antigo Restaurante Club, á esquina da travessa de Estevão Galhardo—tudo romantismo.

Romantismo sadio, valentaço, elegante, desempenado, fidalgo e plebeu, estoirado e severo, com as aventuras de S. Carlos, comicas e apaixonadas, as desordens com os italianos, com os «moscas» da policia, com toda a malta do Arco da Bandeira e de Santa Catarina, que para ali espairecia antes do Passeio Publico, e a fina flor das galanterias lisboetas, no tempo da *Gazeta de Lisboa*.

Chiado das elegancias—onde o povo fazia côrte, na democracia passada, democracia de instinto e de raça, onde tudo acamaradava a distancia medida, e de que hoje, nas castas afreguezadas da Garrett, da Bernard, do Marques, se salva esse baluarte de *ratés* e de talentos infelizes, de altos espiritos e de modestias desafectadas, de tudo o que tem um valor ou sombra de o ter—«assembleia» do nosso tempo, sem distinção de montanha e de planicie, sem foros de academia nem de «secção», onde tudo é igual e se nivela —e que se chama a Brasileira do Chiado.

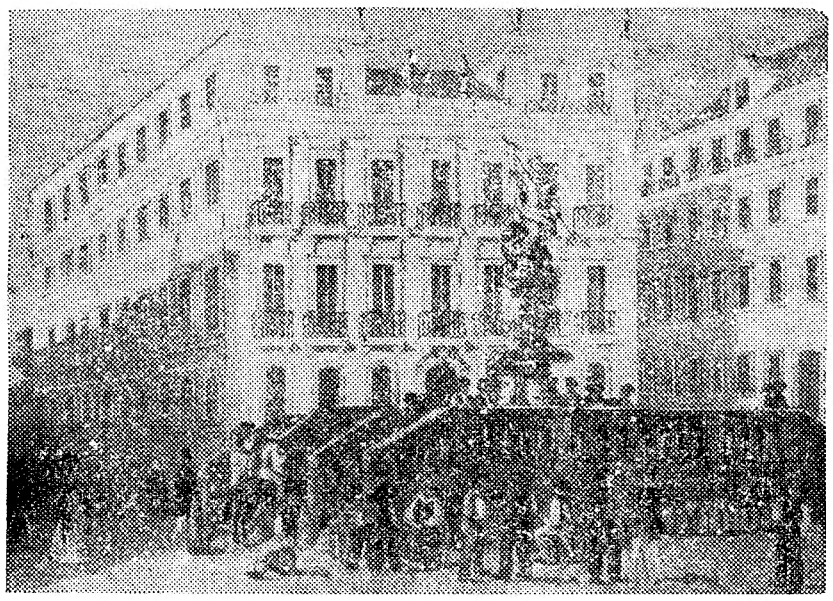
A Brasileira do Chiado—pessimista e intriguista, molestias elegantes como a bronquite de Manoel Gustavo—é que é hoje o Chiado, com seus defeitos e as virtudes dos sem defeitos, a democracia das suas mesas, e a fraternidade, igualdade e liberdade dos seus comentarios. Ali—ainda se topa o romantismo dos piegas e dos cheios de saude, o sonho perpetuo e insatisfeito dos Claudios, a humildade disfarçada dos vencidos, e um certo ar «bonhomme» dos transitoriamente triunfantes. A Brasileira—ainda é hoje igual a Bocage e a Tolentino, aquele fazendo versos á Estanqueira, e este, pelintra e resignado, indo de sege para a Secretaria do Reino, onde era funcionario; a Garrett, flamante de casaca verde bronze com botões doirados, colete de piqué com grandes bandas, calça côr de flor de alecrim, peitilho e punhos encanudados, luvas côr de canario, gravata azul ferrete, e a melhor gala de sorriso ironico, numa face barbada, como uma das fitas recompostas do romantismo vintista. Politicos e visionarios, poetas e folhetinistas—que Assembleia de iguais!

Defronte deste Chiado fica a «Ilha dos Galegos».

A Ilha dos Galegos essa é que já não é o que foi. Hoje ainda lá ha galegos —humildes moços de esquina portugueses que servem a Brasileira, os floristas, os restaurantes e os clubs.

Antigamente houve ali um chafariz, e é por isso que aquilo se chama a Ilha dos Galegos. Era um «belo» monumento caracteristico, com sua estatua de Neptuno, do Machado de Castro, feita em 1771. O chafariz foi levantado em 1780 e 75 anos depois—viveu 75 anos!—em 1855 passou para a Rua do Tesouro Velho, de onde ha dois anos desapareceu. O Neptuno, depois de ter ido para o Museu do Carmo, passou para o deposito de aguas dos Barbadinhos. Lá deve estar.

Ai por 1850—o Chiado perfeito, sem «jazz-band»—esse chafariz tinha uma «guarnição». Vêde que linda guarnição: 6 companhias de aguadeiros e 158 galegos de barril! «Parlamento de barris» lhe chamou Castilho.



O antigo Chafariz de Neptuno

que deu origem á designação da «Ilha dos Galegos»

E' a unica cousa—e é tudo. O resto—copias grosseiras de Regent Street e da Calle de Alcalá, do Corso Humberto e do enfiamento dos Italiens, brilho doirado falso, com deslumbramento de lanterjoulas, hipocritas virilidades, que misturam aos olhos passantes, as graças frescas das mulheres—ai delas!—com as tafularias de homem de calças com funções de saias.

A Brasileira é, neste momento, um escombro funebre, á espera de pinturas vivas. Mas mesmo assim, ali é que é, e dali é que se vê—o Chiado. E passa todo o Chiado pela porta, no Carnaval, no Natal, na Semana Santa—para a Brasileira o ver passar.

Faltam-me dizer: ao lado desta Democracia ha uma direita conservadora, elegante, com o eterno chapeu alto do Padre Araujo Lima, e as sombras perfeitas e eternas de Antonio Candido, Ferreira da Silva—o artista sacerdote, o artista comico: a Havanesa.

A Havanesa e a Brasileira—são irmãs indispostos. O resto, lá para baixo, familia de peores troncagens, onde se aproveita a Aillaud e a Portugal-Brasil—a lembrarem o Gomes, livreiro do Rei, e a evocarem os fantasmas vivos, gloriosamente frescos do Eça, do Ramalho—principe de elegantes, romantico transviado para a nova escola velha—do Marcelino, do Fialho, de Junqueiro *dandy*, de Sabugosa fidalgo.

O lindo chafariz do Loreto! O que ele viu...

* * *

Onde está hoje a *Mundial* foi primitivamente o palacio dos Pinto Basto, construido por José Ferreira Pinto, o da Vista Alegre. Tem uma historia. Ali habitou o insolente duque de Montebello, embaixador da França, ali foram os famosos *bailes da Peninsula*, ali residiu Fuad Effendi, em 1844, embaixador do Sultão—ali foi até... o Ministerio do Reino. Mas tem mesmo mais do que uma historia. Desde o seu principio, tem muitas... Não vem para o caso.

* * *

A decrepitude do Chiado. Para acabar definitivamente, falta lá passarem os electricos. Não deve tardar. Mas mesmo assim—o que ele diz, o que ele sabe, o que ele sugere!

De tudo, porém, o que eu sinto neste Chiado—delicia de cronistas, visão doirada dos provincianos que nunca vieram a Lisboa—é a sua humildade, a humildade que não sabe a sua historia e de quem o Chiado não se apercebe.

O Chiado, de manhãsinha, antes da hora luz, da hora requinte, da hora orquestra, da hora *limousine*; da hora—chá das cinco e meia. O Chiado da noite, á saida dos «ateliers», que é uma hora que precede a hora dos teatros, e tão diversa dela como um sorriso inocente é diverso do sorriso composto. O Chiado dos mendigos pequeninos, que não chegam á nossa cintura, das mães miseraveis que trazem sempre ao colo um petiz de um ano, pendurado a um lado, a dormir de aborrecimento por ter nascido. O Chiado dos que vendem cautelas, são corridos dos cafés, e podendo ir vender para a Mouraria, se ateimam ali, como a borboleta á luz da candeia. O Chiado das que passam com um cestinho, usam um cabelo bem tocado de graça, têm uns olhitos, como João Chagas disse que só Lisboa os tem, e em regra—se fazem acompanhar de um namorado ou seguir de um galã imprevisto—eternos lacaios da tabua do amor.

E o Chiado dos livros dos alfarrabistas, onde só param lunaticos do saber e da desventura literaria, e o Chiado das florinhas vermelhas e das violetas, com cabelos brancos que caem da cabeça da velhinha, ao canto dos Martires. E o Chiado dos que vão de manhã para a oficina, ou para o escritorio, ou para o martirio da loja, uma bucha embrulhada num jornal, um saquitel—nada, ás vezes nada. E o Chiado dos que andam de mãos nas algibeiras á espera que lhes caia um emprego do ceu—oh, o sonho perdido dos vadios!—o Chiado, dos que fogem dos automoveis porque andam sempre a esbarrar com eles, o Chiado dos que entram de manhã na Brasileira a tomar um café com leite e já não tomam café com leite senão no outro dia; e o Chiado dos que vão presos, o Chiado dos que andam com a gola levantada, cumprimentando a medo, á procura de si mesmos.

Passou agora uma mulher pobrezinha com um pequeno pela mão. Não pede. Vai de passagem. Fazer o Chiado... O petiz parou defronte da montra do Bénard, a vêr os brinquedos, e não quer saír dali.

E como espreitam bem, a sorrirem para nós, aquelas rosas brancas, que vão no cabaz das compras á cabeça do moço! Eles podiam ir por outro lado. Mas pelo Chiado é que é o caminho.

E vejam se pode haver coisa mais engraçada, do que esta costureirinha, que deve ir a caír de fraqueza, e parou defronte da livraria a vêr um livro bonito que tem um beijo na capa. Que linda capa! Só o Chiado tem capas assim.

O Chiado, afinal, é o sorriso da cidade toda, a sua graça, a sua maldade, a sua resignação.

Tudo passa por ele.

Eu sei... O Chiado é um logar de bom tom, de distinção. Se pudessem, algumas pessoas exigiriam bilhetes de entrada, ás quinas das ruas.

Mas assim é que ele é bonito. Com a sua confusão, o seu luxo meio pelintra, as suas casacas coçadas, a sua intriga que se desfaz, a má lingua que se arrepende, e os tics pulhas dos rostos que se abrem em sorrisos, depois, quando é preciso. Ao cabo de tudo isto, as pequenas enfezaditas dos «ateliers», que veem comprar meio metro de setineta, e as florinhas cheias de frio, da quina dos Martires, do cantinho do Loreto...

* * *

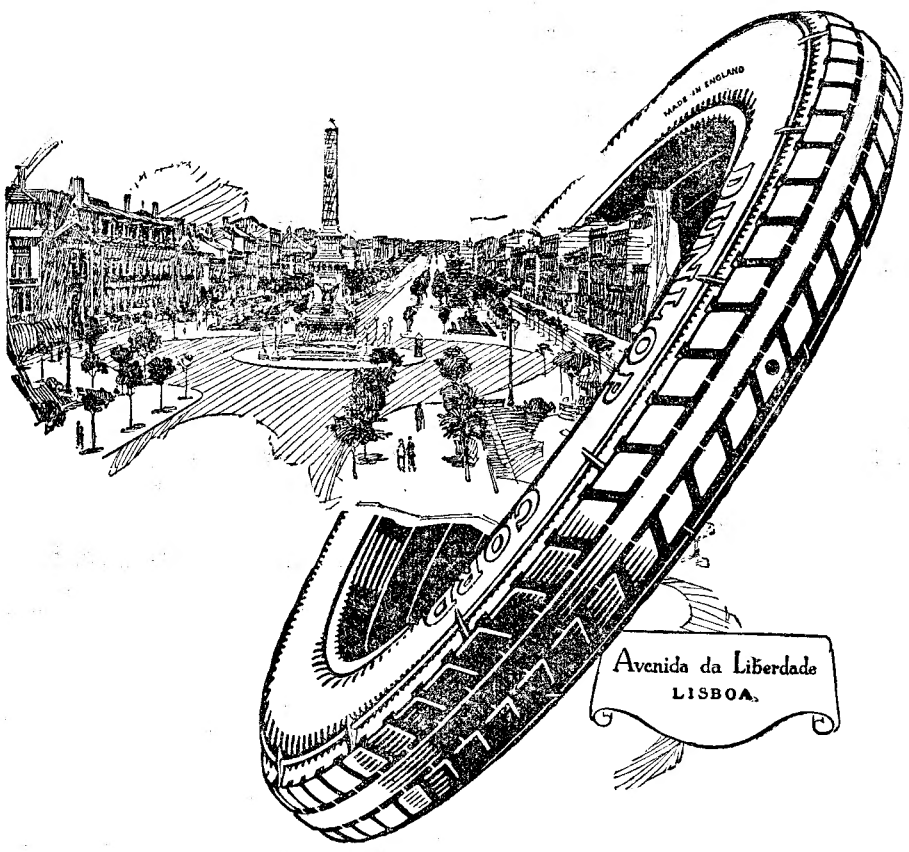
Eu não sei se o Chiado tem de acabar um dia. Já dizia a Zamacois, que fez as delicias dos janotas do seu tempo, ali em S. Carlos e nas ceias do «Central»:

—*Nadie se muere hasta que Dios quiere*...

Mesmo que um dia um cataclismo arrazasse toda a Lisboa, o nosso «Forum» havia de ficar de pé, sobre as suas proprias ruinas, a dizer aos vindouros, na graça de um molho de violetas, na piedade de uma cruz caída do templo, no sorriso bonito e anonimo, eterno como toda a humildade santa:

—Aqui é que foi o Chiado...

Norberto de Araujo



Maquinas de costura

A marca de reputação mundial

Representante:

Gustav A. Zickermann

Avenida da Liberdade, 9, 2.º, E.

DOENÇAS NERVOSAS

Gabinete hidroterapico—C. do Duque, 20

C. da Gloria, 15—T. N. 4457

Director

Dr. J. Silvestre d'Almeida

Duas salas de douches independentes para homens e senhoras. Banhos de vapor. Massagens higienicas. **Electroterapia.**

Aberto das 8 ás 13 horas.
Consultas das 10 ás 12 horas

MOVEIS

PREÇOS RESUMIDOS

DESCONTOS DE 20 A 30 %

3—MOBILIAS—3

4:900$00

Quarto de cama de casal, casa de jantar e sala de visitas

Casas de jantar, desde

1:700$00

Quartos de cama, desde

2:300$00

Escritorios, desde

900$00

Sala de visitas, desde

750$00

Grande variedade em mobilias para todos os preços.
É quem vende mais barato.

ARMANDO SANTOS

RUA DAS GAVEAS, 29 a 33

(AO CAMÕES)

COBERTURAS DE COURO

"LUBRISSORT" **MODELO 1922**

PATENTADO

A cobertura lubrificante "LUBRISSORT" constitue um protector impermeavel e seguro para as molas dos automoveis de qualquer construção, e vae provido de uma valvula para o azeite que assegura as molas numa lubrificação constante

Encomendas: RUA DA ROSA, 133—LISBOA

Papeis para casamentos civis e religiosos, de nacionais e estrangeiros; autorisações judiciais para menores; dispensas de parentesco; mudanças de nome; emancipações; divorcios; inquilinato, etc., de tudo trata modicamente.

A PROCURADORA

Rua dos Fanqueiros, 277, 2.º

Telefone N. 4556

MOBILIAS EM LIQUIDAÇÃO

Durante o corrente mês liquidam-se por preços baratissimos todas as mobilias e moveis desirmanados.

Casas de jantar desde 1.500$00 a 8.500$00.

Quartos desde 2.200$00 a 9.000$00.

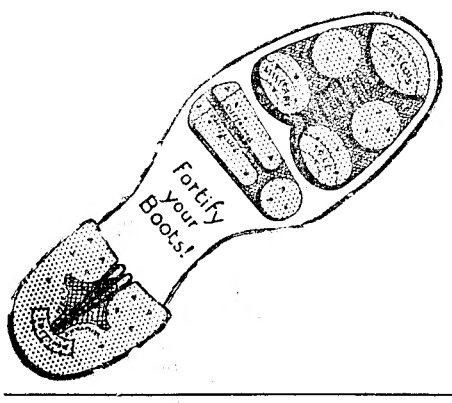
Escriptorios, salas, tapetes, maples em pele e em veludo.

Rica mobilia de quarto, estilo Luiz XVI, guarnições em bronze.

Linda mobilia casa de jantar holandesa, com boas ferragens.

Algumas mobilias em 2.ª mão, que recebemos em troca de novas.

Rua ESCOLA POLITECNICA, 237, frente ao Palacio Palmela.



Evite as constipações, exija no seu calçado as solas de borracha "PHILLIPS"

Phillips Patents Limited, London

Agente: F. MARQUES FELICIANO

39, Rua Arco Bandeira—LISBOA

Fabrica de

Ladrilhos
Mosaicos
Azulejos
Cimentos

GOARMON & C.A

TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19

Telefone n.º 1244

LISBOA

GARAGE CONDE BARÃO

Recolha de 180 automoveis

Venda e compra de automoveis
Oleos, gasolina, acessorios
Material electrico
Instalações electricas
Stock de lampadas «Philips»

Telefone: C. 5430
Telegrafo: *Garage Conde Barão*

Dias, Fonseca & Sotto-Maior, L.da

Largo do Conde Barão, 50—LISBOA

CIMENTO "TEJO"

PORTLAND ARTIFICIAL

PREÇOS RESUMIDOS **TELEFONE C. 233**

ANTONIO MOREIRA RATO & F.OS, L.DA

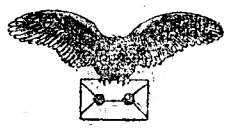
RUA 24 DE JULHO, 54-F, LISBOA

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO 140

ESCRITURAÇAO E CONTABILIDADE

Aprende-se em casa, rapidamente e com excelentes resultados.



INSTITUTO NACIONAL DE Ensino por Correspondencia

6, L. TRINDADE COELHO, 6

LISBOA

Peçam o prospecto gratuito

GRAND PRIX

O MAIOR PREMIO DA EXPOSIÇÃO-LONDRES 1904

PREMIADO COM MEDALHAS DE OURO NAS EXPOSIÇÕES:

R. JANEIRO 19 ANVERS 1894 BELEM 1895 — LONDRES 1894 LISBOA 1888 PARIS 1889

MOSTRUARIO INDUSTRIAL PORTUGUÊS 1915, ETC.

Vinho Nutritivo de Carne

É o melhor tonico nutritivo que se conhece, fortificante reconstituinte, desenvolvendo rapidamente o apetite, enriquece o sangue e fortalece os musculos. O seu uso é indispensavel em todas as convalescenças e casos de fraqueza geral. E' hoje o tonico mais recomendado pelos Medicos. Mais de 30 anos de resultados sempre eficazes. Um calix deste vinho representa um bom bife.

DEPOSITO GERAL-FARMACIA FRANCO, FILHOS
RUA DE BELEM, 174-LISBOA
À VENDA EM TODAS AS FARMACIAS

Consultem:

A ACTIVA

Rua 24 de Julho, 8 a 10-B

Telefones: C. 3474-1601

Carpitaria Civil

Trabalhos em todos os generos

A ANDALUZIA

Um dia sevilhano

FÓRA

da Semana Santa e da Feira

(A meu pae, andaluz do Almendro pelos quatro costados)

Semana Santa em Sevilha! Que maravilha! De Inglaterra, da Galia e das Alemanhas desembarcam, para a contemplar, «touristes» curiosos, folheando o «Baedeker», binoculo e «Kodak» a tiracolo.

Feira de Sevilha! Que maravilha! De Portugal, da Catalunha e das Castelas apeiam-se, para a gozar, «aficionados» furiosos, olhando o «cartel», «Jerez» e «Manzanilla» nos miolos.

E o «Ayuntamiento» enfeita Sevilha, modificando-a. E os hoteleiros e lojistas encarecem Sevilha, caluniando-a. E os forasteiros enchem Sevilha, estragando-a.

* * *

Para conhecer Sevilha, para lhe decifrar os segredos, para lhe entender a alma alegre e melancolica, andaluza e arabe, é preciso vivê-la fóra de festas, tranquila como os lagos dos «patios», sincera como «mozita» enamorada.

Onde se encontra um azul como o deste céu sevilhano? Na paleta de Murillo ou nas telas de Valdés Leal?

—Cá, zeñorito!»—respondem-nos uma «chiquilla» da Macarena — «En er manto de la Virgen de la Esperanza!»

A que cheiram estes jardins sevilhanos? A larangeiras ou a acacias?

—«Ná, hombre! — contesta-nos um «cañi» de Triana — «Huelen a Sevilla!»

Assistir ao despertar de Sevilha na «Campana» junto a um «puesto» de «churros», «desayunando» com «obreros» da fundição de San Bernardo e com cigarreiras da fabrica de tabacos, é amanhecer com Jesus, com Jesus de Montañez.

—Una cópita, compare?

—Dios se lo págue, hermano!

E vem um «rafo» de conversa onde se recorda o Director bondoso que deixava fumar e beber durante as horas de trabalho, ou aquele administrador, tão generoso, que consentia que se amamentassem os meninos enquanto se enrolavam os cigarros e até, houve casos, dar á luz na fabrica, que ha pobres de tanta pobreza que não pódem esperar o que ha de vir, em casa, de braços cruzados. E lá ficavam as mães, bem cuidadas até poderem voltar a trabalhar, adormecendo os anjinhos no braço. «Guenos tiempos aquellos!»

—Que dieron las ocho, agüéa!

—Ui! Adios hijito!

E lá vai correndo quanto lh'o permitem os pés calçados de pantufas.

E detraz vai a neta, «la nieta de Carmen la Cigarrera», «taconeando» com tanta graça que, de puro gozo, se lhe caem do cabelo os cravos, que o noivo recolhe para prender entre a orelha e a melena toureira.

Um guarda, de uniforme de verão, ás riscas, e atitudes de «zarzuela», viu a manobra e pisca-nos o olho, enquanto nos pede lume e, para não estar calado, comenta:

—Guena vá la politica!

San Eloy abaixo, cortando depois para San Pablo e Reys Catolicos, é um prazer atravessar a ponte para Triana. Em cima operarios de alparcatas cruzam para Sevilha com as cestas da merenda, em baixo as aguas mansas do Guadalquivir, barcos nas duas margens, junto á Torre del Oro um vapor, a meio do rio outro que vai para Sanlucar.

Ao fim da ponte, á direita, o mercado agita-se num alarido de praça de touros. A «calle Castilla» vai plena de oleiros que vão para a «Cartuja» e para as pequenas «Alfarerias».

Que terá aquela casa que todos a olham ao passar?

—Es una iglezia. — informa um «trianero» que nos adivinhou a estranheza.

—Una iglezia?!

—Zi Zeñó. La Iglezia de San Juan Bermonte!

E' a casa de Juan Belmonte, canonisado pela gente de Triana. Por ali cerca está tambem a de Maera, o pobre «Manué», tão bondoso que fazendo bem a tantos pobres de Triana, ainda fazia o bem de lhes dar trabalho. Toda a «cuadrilla» era do bairro: Ceniza, Tito, Riverito, eram «trianeros». E quando todos os esqueçam, admiradores duma corrida, amigos de um dia, ainda o hão de lembrar os pobres de Triana e talvez os de Lisboa.

De Triana era tambem outro «Manué», «Varelito», que uma tarde voltou a casa em ombros, triunfante, e outra tarde, anos depois, numa maca, moribundo.

Mas voltemos a Sevilha, que chegou o comboio de Alcalá e já andam os padeiros pelas portas.

—Niña, el panadero!

E dos cabazes do padeiro moreno sai o pão de Alcalá, que tarda mais em endurecer que o coração da «chavala», ao aceitá-lo, ruborosa dos primeiros «piropos» da manhã. Uma suave palmada na anca da cavalgadura, dada com indirecta intenção maliciosa, e o Tenorio vai por outra Inez.

—Niña, el panadero!

No «Pasaje del Oriente» almoça-se bem, mas o «del Duque» ou de «Delicias» são mais tipicos e os criados amenizam a comida com novas do ultimo fenomeno toureiro.

—Vea Usté er niño de la Parma y verá canela pura! Torea mejor que Dios y con más grasia que Maria Santisima!

E no café, na calle Sierpes, não faltará companheiro de meza, que não trave conhecimento comnosco para confirmar o valor do «Niño de la Palma» ou para o negar em definitivo:

—Es un suicida! Un chalão valiente. Ná má!

Ao que outro opinará vehemente:

—Valiente?! Se tie mas mieo que una vieja!

E se quizermos conhecer a verdade teremos que esperar pela primeira novilhada do fenomeno porque com tão variadas opiniões será dificil adivinhá-la. A's vezes nenhum dos profetas o viu, mas é preciso dizer alguma coisa, porque viver em Sevilha é não conhecer o ultimo astro que surgiu é mais humilhante que ser de Jerez e não beber vinho, ou de Malaga e não comer «boquerones».

Um bom charuto havano tem que se fumar com importancia, pisando forte e atirando o fumo para a cara das mulheres, com a mesma insolencia com que se lhes diz:

—Fea! Por usté voy a Presidio encuanto lo vea a su novio!

Pela «calle Trajano» ou por «Amor de Dios» está-se na Alameda de Hercules onde viveu Joselito e onde vive hoje Chicuelo. Torcendo á direita, pela «Calle de la Féria», que disputa a Triana o ser berço de Belmonte, vai-se ao bairro da Macaréna onde, na igreja de San Gil, está a Virgem mais nomeada de Sevilha, cuja beleza os devotos celebram cantando-Lhe:

> «Mare mia de la Esperanza
> dile a tu hijo Jesu
> que no hay en er mundo Virgen
> tan bonita como tu».

«El panadero de Alcalá»

Tomando o «tranvia» na «Puerta» Macaréna vai-se ao cemiterio onde acaba toda a alegria sevilhana. Ali, na mesma terra que guarda «Joselito», «El Espertero», e tantos idolos vitoriados, dormem muitos dos seus entusiastas, confundidos no mesmo esquecimento, longe de Sevilha que os lembra de tempos a tempos, para não entristecer a alegria que brota do solo, das flores e das «cañas» de «manzanilla».

Quem quizer gozar na terra as delicias do céu, não encontra melhor paraizo que o parque Maria Luiza. Para lá ir mete-se pelo «Patio de Banderas» ,perfumado das laranjeiras, deixando atraz a Giralda, e a Calle Argote Molina onde viveu a hermana San Sulpicio, entre pelos caminhos estreitos e sombrios que conduzem ao bairro de Santa Cruz, o mais lindo de Sevilha, e, colado aos muros do Alcazar, vá descançar nos bancos de azulejos do Jardim de Murillo.

Depois, desça o passeio «del Pino», onde se faz a feira que se estende pelo prado de San Sebastian, e está na entrada do parque. Prepare-se, então, para sonhar nas ruas cobertas de roseiras, onde está a estatua de Becquer, e para admirar na Praça de America os pavilhões maravilhosos que esperam a Exposição Hispano-Americana, onde, além destes paizes, só Portugal tem o logar de irmão, pela raça e pelo que da America lhe pertence nas descobertas gloriosas.

Tudo é perfeito e grandioso nos pavilhões concluidos. Todos os detalhes são trabalhados com arte e minucia. Até as ferragens das portas são obras primas que encantam os visitantes, surpreendidos, ao inquirirem o nome do artista, com um cartão onde debaixo do seu nome se lê a profissão que ele ostenta com mais orgulho, a de «matador de novillos-toros».

Um jardineiro recente realizou o milagre da Praça de San Marcos, domesticando bandos de pombas que comem tranquilas nos ombros e nas mãos de quem lhes levar comida.

E á tarde começam desfilando carruagens com morenas tão morenas que muito forte, ou muito fraco, será quem não chame um trem para as seguir no passeio interminavel, até ao pôr do sol, regressando pelo passeio de Delicias, depois da paragem classica em «Venta Antequera», frente a «Tabladilla», onde com «cañas» se prepara apetite para o jantar. E á volta, pela altura do Palacio de Santelmo, que foi da Condessa de Paris, mãe da Rainha D. Amelia e da Princesa D. Maria Luiza, verá que o cocheiro, cumplice amavel, dá volta no assento para informar:

—«Zeñorito, la zeñora es casada, habita en la Calle Tetuan y er merio es un infeliz».

Ou então:

—«Zeñorito, la zeñorita es hija unica y tie mucho parné».

São tão amaveis os cocheiros sevilhanos que, ao dar-se-lhes «la propina», se sente o prazer inteiro da gorgeta, dada com gosto, com generosidade.

—«Dios se lo ague zeñorito, y se hace faria llevar una cartita, servior para frente ar Ayuntamiento».

E como o «adorado tormento» vive na Calle Tetuan, ali se fica vendo passar as carruagens que voltam a Sevilha, enquanto no «Bar Sport» se comenta a ultima «tienta».

Pela noite, depois de «cenar» numa «freiduria» comprando rabanetes á porta, quando não seja em Maio que ha Cruzes nos patios, vai-se ouvir a «Niña de los peines», ou outra «niña» mais moderna, cantar «flamenco», e a «Macarrona», ou alguma das discipulas, recordar «los tiempos aquellos», com as palmas encorajadoras do Ramirez ou do Antunez. Havendo abundancia de dinheiro a «juerga» póde continuar num «reservado» com as mais «guapas» e o «cante» do Centeno, se este não se estiver desnacionalisando por Madrid. Na altura de se confundirem os nossos pés com os da «proxima» mais proxima, que ás vezes póde ser a mulher do proximo, e de se não contarem com facilidades as garrafas vazias, então é conveniente chamar o criado e pagar o que ele disser.

Na rua, a atmosfera tepida e serena de Sevilha dificilmente aclara as ideias. Póde então acontecer que apareça o cocheiro amavel da tarde, que ja nos conhece a casa, e até se encarrega de bater as palmas ao «sereno» que, entretido a conversar com um amoroso acabado de «pelar la pava» numa «reja» visinha, responderá, ao longe, enquanto arrasta o «chuzo» e faz soar as chaves:

—Voy...

Já na cama, presenceando enjoados um baile em que giram as paredes, e o tecto substitue alternadamente o sobrado, verifica-se com espanto, que Sevilha, mesmo mau grado dos leitores, dava para encher todo um jornal de 32 paginas, como este, pois que muito ficou por contar das suas maravilhas, fóra de Semana Santa e de Feira.

Rogerio Garcia Perez

MALHAS DE LÃ para senhoras e crianças — Liquidação a PREÇOS REDUZIDOS
R. DES. NICOLAU, 13, 3.º

A guerra dos "azes"

UM GRAVISSIMO CONFLITO ENTRE amadores e profissionais do "foot-ball"

Naquela tarde, Vila Nova de Fregenilde ficou coberta de luto.

Em frente da Camara — um ajuntamento enorme, discutindo com calor. Havia grupos em todas as esquinas.

A loja do barbeiro, ponto certo para discussões graves, estava apinhada.

E á medida que a tarde foi caindo, para ali convergiu a multidão até encher a rua de lés-a-lés, impedindo o transito. Isto, com grande indignação do tio José Manuel, cocheiro de profissão possuidor do unico trem da vila — trem que sempre tem bastado ás necessidades turistas de Vila Nova de Fregenilde.

Do que sucedera se dá conta em duas linhas.

José Botas — o extraordinario «center-forward» marcador de «goals», o colossal Botas do Sporting de Vila Nova, saira da vila, pela manhã, em automovel, com dois desconhecidos e três malas bastante conhecidas dum dos directores do Sporting.

Saira da vila — e isso já era muito mau — iludindo a apertada vigilancia que sobre ele exerciam os magnates sportinguistas. E, a par de ser costume do grande «az» almoçar ás 11 em ponto, até ás quatro da tarde — e isto é muito peor — Botas não voltára.

A's seis horas toda Fregenilde estava na rua comentando o facto. Constituiam excepções comentadissimas: duas velhotas paraliticas, o chefe de policia, um poeta, e o cão Terra Nova do Joaquim Ramalho, presidente do Sporting Club de Vila Nova.

Farei notar que o presidente é o Ramalho e não o cão, como poderia supôr-se.

Para completa memoria de tão importante facto, citam-se trechos de conversas, ouvidas por um viajante digno de credito, que atravessou Fregenilde nessa tarde funesta:

—«Grande desgraça... Jogador formidavel... Muitos «goals»... Sem Botas não podemos jogar... Foi uma traição... União Portuguesa de Foot-ball... Lei dos vinte e quatro anos...»

Como V. Ex.as vêem, os animos estavam excitadissimos.

* * *

A's nove da noite — José Botas não voltará. Era evidente a sua intenção de deixar o Sporting descalço.

A direcção do «S. C. V. N. F.» reuniu extraordinariamente ás nove e meia. Vila Nova inteira, com excepção das velhotas paraliticas, do poeta, do chefe da policia e o de Terra Nova, ocupou a séde do club, a cancella, o atrio e o largo em frente.

A reunião foi secreta, para toda a população saber mais rapidamente o que nela se passou.

Presentes: — Joaquim Ramalho, presidente; Antonio Passaro, vice-presidente; Alexandre Milho, tesoureiro; João da Pena e Alvaro Rita da Cunha Junior, secretarios; Francisco Borracha Redondo e Antonio Rebola, vogais. Todos com cara de pessoa a quem morreu o avô com calculos na bexiga.

O mui digno presidente começou, comovidissimo, como se estivesse dando aos colegas uma grande novidade:

—«Meus senhores... cabe-me a dolorosa obrigação de lhes comunicar que... o pilar do nosso glorioso «team...» o extraordinario José Botas... o Botas incomparavel... abandonou-nos...

João da Pena que é alfaiate, gemeu:

—«E eu que o vestia de borla...!»

Antonio Passaro, o vice-presidente, soluçou:

—«Que grande melro!»

Antonio Rebola que é sapateiro, murmurou:

—«E eu que lhe dava um par de sapatos papo-seco, todos os meses!»

Com a voz embargada, ciciou o Alvaro Rita:

—«Isto é de morrer... a chorar...»

O presidente recomeçou:

—«Não procuro esconder-lhes a gravidade do facto. O nosso «onze» ficou maneta, ou antes: cóxo. Ficou com um buraco — e logo no meio, no peor sitio».

—«Um patife — afirmou o Borracha Redondo que é dono dum restaurant — a quem eu dava de almoçar ás segundas, quartas e sextas, e de jantar ás terças, quintas e sabados!»

—«Pois abandonou-nos» — recomeçou o presidente — «e fê-lo dum modo que repugna a todas as almas bem formadas.

«Porque, ainda não vo-lo disse: José Botas foi seduzido pelo Triunfo Foot-ball de Maçãs de D. Maria, o nosso rival do campeonato da época passada».

Houve rugidos, ameaças de congestão, desmaios — e a sessão teve que ser interrompida.

* * *

Joaquim Ramalho estava já de posse de todo o trama. E expô-lo pausadamente, cansadamente, entre os «Ahs!» de pasmo e reprovação emitidos pelos dignissimos dirigentes do Sporting de Fregenilde.

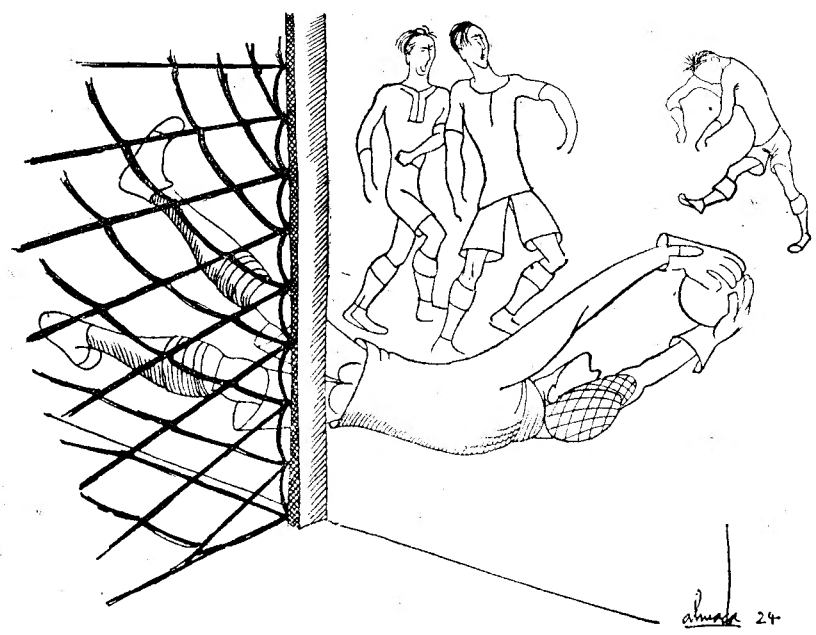
—«Botas foi comprado pelo «Triunfo Foot-ball» Club», a peso de ouro. Ele, que em Lisboa era bom marceneiro; ele que no Porto conseguiu ser um habilissimo agente de seguros; ele que, sucessivamente foi, por toda a parte em que os directores são amigos dos seus clubs: mestre de cerco, fabricante de sabão, capitalista na disponibilidade, depositante na Caixa Geral dos Depositos — vai para Maçãs de D. Maria, exercer a profissão, — ouçam meus senhores — a profissão de vadio!»

—«Mas isso é ignobil» — bradou irado o Rebola sapateiro, fornecedor gracioso de calçado ao Botas, nos tempos, saudosos em que o Zé construia vitorias para o Sporting.

—«Monstruoso» — apoiaram os outros directores fornecedores.

—«Senhores — continuou o presidente — as coisas não pódem ficar assim! Não é toleravel um tão descarado ataque ao amadorismo integral! José Botas custa-nos caro demais para que assim o deixemos raptar sem escandalo.

Iremos até onde fôr necessario. A União Portuguesa de Foot-ball deve ser informada sem demora, do ignobil feito do «Triunfo F. C.». Um agrupamento tão claramente profissional tem que ser dissolvido ou pôsto á margem. Os jornais da nossa terra vão levantar o escandalo, e não se calarão... enquanto houver um centavo nos cofres do nosso Sporting. Tenho tambem aqui já prontas correspondencias para os jornais desportivos da capital.



«Iremos até ao fim!»

Ramalho fez uma pausa. Afastou-se da mesa, e ante o pasmo dos colegas subjugados por tanta grandiosidade, olhou de frente a suposta direcção da vila-rival. Cerrou os punhos e invectivou o espaço:

—Quereis guerra, senhores? Tê-la-heis! Os campos ficarão definidos. Os amadores para um lado, os profissionais para o outro!»

* * *

Por muita fantasia e boa vontade que os senhores leitores tenham, não são capazes de imaginar o que se passou nos meios desportivos, durante os quinze dias que a esta scena se seguiram.

Eu devo tambem confessar a minha impotencia descritiva, perante tão extraordinarios sucessos.

Por conseguinte, o melhor será eu não descrever coisa alguma, e o leitor não fazer suposições. A realidade não terá perdido nada com este duplo e agradavel sacrificio, e ficaremos ambos autorisados a atribuir-nos mutuamente uma certa pobreza de circunvoluções cerebrais.

Posto isto, vamos ao que interessa.

* * *

Em todo o caso, voltando atraz na resolução tomada, sempre lhes direi que o escandalo foi muito maior do que era licito supôr-se.

Os jornais, especialmente, fizeram estragos colossais e tiragens não menos extraordinarias.

O rapto do Botas foi o rastilho de centenas de bombas sonegadas, até então, á analise de varias pessoas que pódem perfeitamente substituir as «ingenuas» do Teatro Nacional.

Descobriram-se coisas ultra-vergonhosas: — indemnizações, fatos feitos e por medida como no Clemente, ofertas a jogadores, de pequenos serviços de louça de Sacavem, pagamento de dias de trabalho — enfim! coisas inverosimeis e nunca vistas.

Então no que diz respeito a cartas, ultrapassou-se tudo. Apareceram algumas tão comprometedoras, tão comprometedoras, que até os que as publicaram ficaram comprometidos perante o bom senso dos leitores maiores e vacinados.

A unica entidade ajuizada no meio de tudo isto foi a União Portuguesa de Foot-ball: — Não tugiu nem mugiu.

Realmente, para lhes responder á letra, tinha que fazer um gesto tão feio...!

* * *

Já agora, voltemos a Vila Nova de Fregenilde. A viagem não sai cara.

A Direcção do Sporting está reunida de novo, mas sem multidão que espere as decisões.

Ramalho dá conta do que se tem feito para castigar a felonia do «T. F. C.» de Maçãs de D. Maria.

Ainda ha rugidos, protestos, ameaças de congestão — mas em escala decimal.

—«A verdade — diz Ramalho — é que o Zé Botas faz uma grande falta. E' preciso remediar isso de qualquer maneira, ou teremos o campeonato perdido.

«E' necessario um «center-forward».

—«Precisamos dum como de pão para a boca» — concordam todos.

—«Pois eu tenho um» — diz Ramalho.

Os dirigentes do Sporting, olharam espantados para o presidente.

—«O Antonio Silva» — ciciou com um sorriso, o Joaquim.

—«Quem?» — preguntaram todos — «O «Internacional»? O grande Silva?»

—«O proprio!»

—«Mas isso é impossivel!» — duvidou Antonio Passaro.

—«E' a verdade! Antonio Silva é fabricante de atacadores, mas o nosso Alvaro Rita precisa dum socio, mesmo sem capital...

«O Robalo fornecerá uns pares de calçado. O Pena decerto se não importará de cortar uns dois ou três fatos. E você, meu caro Borracha, ha de ver o que se póde arranjar lá pelo restaurante».

Borracha Redondo apresentou imediatamente uma objecção:

—«Mas... E a União Portuguesa de Foot-ball?»

Ramalho fez um gesto vago.

Passados momentos, disse:

—«O que é necessario é continuar a nossa campanha contra os bandidos do «Triunfo Foot-ball Club». Iremos até ao fim!»

Fez uma pausa. Afastou-se da mesa e ante o pasmo dos colegas subjugados por tanta grandiosidade, olhou de frente a suposta direcção da vila-rival. Cerrou os punhos e invectivou o espaço:

—«Quereis guerra, senhores? Tê-la-heis! Os campos ficarão definidos. Os amadores para um lado; os profissionais para o outro!»

CARLOS SERGIO

Telefone Central 2821

Guerreiro, Vitorino & Cunha, L.da

Construções Civis **119, R. dos Correeiros, 121-LISBOA**

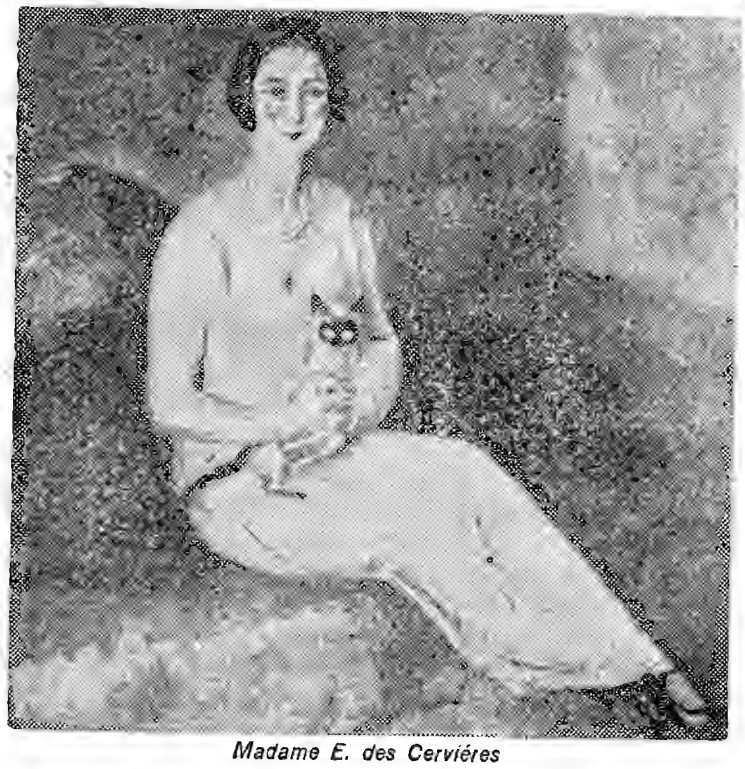
Saudam afectuosamente todos os seus clientes e amigos, desejando que o novo ano lhes decorra cheio de venturas e prosperidades

UM PINTOR DA MODA

Alguns dos quadros

da exposição Van Dongen

Retrato de Mrs. W. K.



Madame E. des Cerviéres

Marquez de Castellanes

Fotografia tirada no «atelier» do pintor Van Dongen, durante uma festa intima três dias depois da exposição

Madame Jenny Sacerdote

La baigneuse
(Deauville)

Baroneza Dubreton

ARMAZEM DE VIVERES

MANUEL TAVARES & C.ª

SUCESSOR

Jeronimo Tavares da Silva

282—RUA DA PRATA—284

LISBOA

Empreza Electrica, Limitada

ESTORIL—Grande Parque do Estoril. Telefone, 90
SINTRA—Telefone, 28
LISBOA—Rua da Prata, 120-122. Telefone, central 3198
LISBOA—Oficinas: Largo de Santa Marinha, 26. Telefone, central 3198

ELECTRICIDADE

Instalações completas. Lustres em todos os estilos. Placas e Plafonièrs, Telefones, Pára-raios, Ventoinhas, Motores, Bombas e material electrico.

MATERIAL SANITARIO

Encanamentos para agua, gaz, aquecimento central, montagens completas para casas de banho, artigos para consultorios e laboratorios.

Reparações em aparelhos electricos
Orçamentos e desenhos

Compra e venda
DE
Titulos nacionais e estrangeiros

Execuções de ordem de Bolsa

Cobrança de juros e dividendos, vencidos e a vencer

Coupons nacionais e estrangeiros vencidos e a vencer

PANCADA, MORAIS & C.ª

SEDE:

Rua Augusta, 37 (esquina da rua de S. Julião)

FILIAL:

Vigo—Calle Colon, 21

CARVÃO
COKE DE FUNDIÇAO
ANTRACITE

FERROS
CIMENTOS
MOTORES
MAQUINAS

Portuguese Corporation Of Commerce, Ltd.

CAES DO SODRÉ. 64, 2.° LISBOA
R. DA NOVA ALFANDEGA, 39, 1.° PORTO

Telegramas: CAPORATION

Armazem de Drogas
Tintas, Vernizes, Productos chimicos e Pharmaceuticos

Perfumarias, Brochas e Pincéis

DEPOSITO
DO
CASSIONOL
ALVAIADE MARCA
«ANGORA»
ENDEREÇO TELEGRAFICO: ALMÕES

ALVES & SIMÕES
SUCCESSOR, LIMITADA

ESCRIPTORIO
RUA DE S. PAULO, 216, 1.°
TELEFONE 3028 C.

DROGARIA
210, RUA DE S. PAULO, 212
TELEFONE 2717 C.

"FAVORITA"

Telefone N. 4945

A MAIOR E MAIS MODERNA FABRICA
de
BOLACHAS
BISCOITOS
CHOCOLATES
CACAUS, BONBONS
E CONFEITARIA

Experimentem os produtos desta fabrica
á venda em toda a parte

DUAS CRONICAS DE AMOR

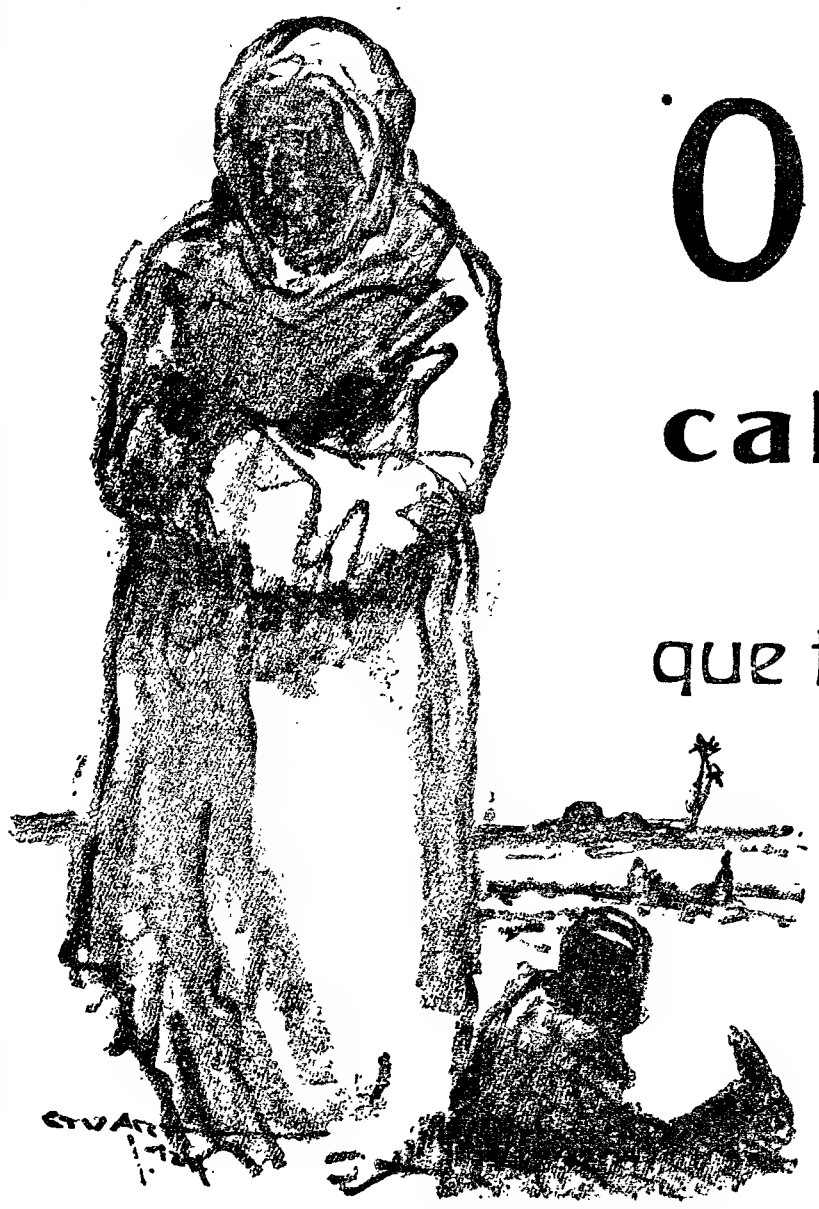
O MOIRO

que se deixou

cahir em tentação

E A MULHER

que tomou horrôr á felicidade



Abd Ali já passava dos trinta quando a conheceu.

Margarita tinha vinte anos incompletos, uns olhos fatais, uns labios vermelhos de perdição. Levava nas veias e na alma o sangue e a vida da Andaluzia—esse pedaço que Deus deixou na terra para que os homens, avaliando o que era o Paraiso, mais maldigam ainda o pecado original...

Filha unica dum tenente-coronel, quizera acompanha-lo a Xauen, onde a bandeira da Espanha tremulava, afastada a luta para alguns quilometros de distancia.

Abd-Ali, embora duma familia respeitavel, era pobre. E como, apesar de inteligente, não fôra fadado para negocios, nem para enganos, o que ganhava, mal lhe chegava para as suas despesas...

Um dia Abd Ali viu-a. Os seus olhos negros iluminaram-se, os labios tremeram-lhe—e o mouro sentiu dentro de si qualquer coisa de novo que o fazia vibrar, comover-se, viver. Que, afinal, os mouros são como todos nós. Têm coração, um coração que se oferece com a vida. Porque em Marrocos, seja pelo clima, seja pelo sofrimento, seja pelo caracter da Raça, tudo é mais violento, mais intenso. O amor ali só tem uma côr, a côr do sangue.

Abd-Ali, porém, era um timido. Além disso, receava o tenente-coronel, oficial tido por rispido e duro.

Mas a mulher depressa adivinha quem lhe quere bem. E, como rapariga azougada e trocista, Margarita quiz ver o que aquilo dava ..

Abd-Ali foi chamado um dia por um delegado dos rebeldes rifenhos. E, em nome de Allah, fez-se o pacto. O mouro teria um grande papel em Xauen. Indicaram-lhe nomes. A guerra ir recomeçar, naquela zona.

Abd-Ali, a quem Margarita já provocara uma confissão amorosa, deixou-se cair em tentação—e acabou por lhe fazer uma confissão mais importante e mais grave...

Perdido de amor por ela, e ao mesmo tempo temeroso do mau resultado da empresa, declarou-lhe tudo. Apenas conseguiu o perdão para si. Os cumplices, ou fugiram, ou desappareceram involuntariamente...

Os espanhoes premiaram-lhe de certo modo a traição, dando-lhe um cargo onde, sem trabalho algum, ganhava o bastante para viver feliz.

Porque Abd-Ali era homem de poucas ambições. E, desde que conhecera Margarita, para ser feliz bastava-lhe poder olhá-la e poder amá-la...

Nunca conseguira beijar-lhe mais que as pontas dos dedos. Mas isso chegava-lhe...

Um dia, porém, toldou-se o ceu da sua felicidade. As tropas espanholas, subitamente, haviam decidido retirar de Xauen e doutras posições do interior.

Quando Margarita lh'o disse, Abd-Ali deitou se a seus pés a chorar. E o seu pranto ainda aumentou quando ela lhe anunciou que ia para Sevilha, passar uns meses com parentes proximos.

—Leve-me comsigo, minha vida!

—Está louco! Se vou para Espanha! Que iria fazer lá?

O desespero calou o timido Abd-Ali. E ao primeiro impulso sucedeu a reflexão.

Com o que ganhara, comprara uma loja. Ali estava toda a sua pequena fortuna. Um mouro joven encarregava-se dos negocios—e ele limitava se a receber os proventos. Fóra de X uen—que iria fazer?...

Fatalista, como todos os mouros, Abd-Ali, depois de muito pensar, entregou-se á sorte. Seria o que Allah quizesse...

Passaram alguns dias—e numa manhã fria de fim do outono a retirada começou.

Margarita partiu—e Abd Ali nem coragem teve para se despedir. Ficou num canto a chorar, a chorar de raiva e de temor.

Os mouros não esquecem. Quem os atraiçoar—paga-o caro...

Quando os espanhois seiram definitivamente da cidade santa, Abd Ali tomou uma resolução desesperada. Agarrou num saco, com todos os valores portateis, e, acompanhado do rapaz que lhe tratava dos negocios, resolveu fugir de Xauen—fugir á vingança dos rifenhos que não tardariam a retomá-la, pacificamente, sem um tiro.

Mas fugir para onde? Abd-Ali não se demorou a pensar no seu destino—tal era o terror que o torturava. Lançou-se pela terra escalvada e dura, com o seu companheiro, a vêr se atingia as tropas espanholas que certamente o deixariam passar. Evitou as estradas—não fôssem os rifenhos vê-lo e fazer-lhe pagar cara a sua traição...

Mas era tarde. Quando algumas horas depois, já extenuado, se preparava para descansar um pouco, um tiroteio medonho começou a ouvir-se. Eram os mouros de Abd-el-Krim que, avisados da retirada dos espanhois, os atacavam desesperadamente, de todos os lados, procurando destroçá-los, fazer o maior numero possivel de baixas. Era a guerra, feroz, ali a dois passos.

Abd-Ali convenceu se, então, de que era chegado o seu fim.

Fugir? Para onde? E para quê? Se a unica pessoa que o prendia á vida — a mulher que amára doidamente e por quem se perdera — o despresára e se fôra para longe — para sempre...

O sol ia morrendo — e um vento frio e cortante começava a soprar. Mas Abd-Ali não o sentia. Maior frio havia no seu coração. Mais cortante era a dôr que lhe dilacerava a alma, que o enlouquecia.

O mouro estava de pé, envolto no turbante, de costas para o companheiro que descansava um pouco.

Corriam-lhe pelas faces grossas lagrimas. E ele, imovel, olhando ao longe o recorte de Xauen, onde conhecera a vida — o Amor, a Traição, o Desespero —decidira, por temor, não ser timido — uma vez, emfim.

Morreria! Muito o aterrorisava o castigo de Allah aos suicidas; mas, naquele momento, mais o assustava o castigo imediato, o castigo terrivel dos rifenhos que ali a dois passos batalhavam com furia, com paixão, empenhados numa guerra, onde só havia odio e desejo de destruição e de Morte...

Do turbante tirou um retrato — uma pequena medalha que Margarita lhe dera um dia, depois dêle levar meses a pedir-lha. Beijou-a apaixonadamente—que nem o despreso da linda sevilhana arrefecera o fogo da sua paixão...

Era o ultimo beijo—o beijo da despedida.

Um tiro soou, a juntar-se aos outros tiros que repetidamente se ouviam.

Abd-Ali caira—na mão direita a pistola assassina, o retrato de Margarita na esquerda, do lado do coração que se lhe entregára todo, numa oferenda de paixão e de loucura...

Se ela era rica, se ela era linda e cortejada—se tinha a admirá-la, em preito ao seu dinheiro, á sua beleza, ao seu nome, os melhores rapazes da sua roda—porque abandonou tudo num dia e se entregou, completamente, a um rapaz pobre, sem futuro visivel, nem nome, nem uma posição dessas que obrigam os outros a tirarem o chapeu?

Porque renunciou duma vez para sempre ao seu logar na sociedade, ao seu logar nos coraçõ.s que se lhe ofereciam?

Não sei...

Alguem lhe perguntou um dia—uma amiga de infancia—tão amiga que lhe perdoou a sua *leviandade*...

E ela ficou muito admirada da pergunta...

—Porquê? Tem graça! Nunca tinha pensado nisso...

E soltou uma gargalhada.

—Mas deve ter havido um motivo forte ..

—Certamente. Mas, queres que te diga? Não o sei explicar... Olha: Eu vivi sempre muito bem. Não me faltava nada. Todos me tratavam com mimo, como a uma criança pequena a quem se quere muito. Convencionou-se, por isso, que eu era feliz, muito feliz. Se eu ria constantemente...

—Mas não eras feliz?

—Se queres que te fale com franqueza, não o sabia, não o sei. Sabe lá alguem o que é a felicidade...

—Estás brincando?

—Não estou. Asseguro-te.

—Todos te queriam tanto... Podias ter um futuro tão lindo...

—Achas? Pois eu nunca pensei sequer no futuro. Pensei só que já estava muito aborrecida de tudo aquilo a que os outros, e tu, mesmo agora,—chamavam felicidade. Surgiu me este rapaz. Era diferente de todos os que eu conhecera até ali. Era apaixonado, bom, valente, sonhador, capaz de dar a vida por mim, capaz de todas as loucuras. . E, sobretudo, tinha esta grande virtude: não tinha dinheiro .. Encantada! Decidi logo fugir com ele...

—E nós a julgarmos que tinhas sido incitada...

—Pobre dêle! Se soubessem o que me custou a convencê-lo. Não queria. Que era uma loucura! Que lhe repugnava... Foi preciso eu dizer-lhe que se ele teimasse, o desprezaria e odiaria—e fugiria com o primeiro que aparecesse...

—E agora, o que pensam fazer?

—Agora,—não pensar. Deixar que a vida côrra livremente, sem tropeçar nos pensamentos, nos preconceitos, nas intenções. A verdadeira felicidade resume-se nisto: viver—sem pensar como se vive, nem como se vai viver. A outra felicidade—aquela que toda a gente quere—é uma massa la...

E fechou o dialogo com um beijo ruidoso, logo seguido duma gargalhada que encheu a casa...

Felix Correia

POLICLINICA DA ESTRELA

R, Domingos Sequeira, F. S., 1.º — LISBOA

Raios X—Radioterapia	ás 16	horas	Dr. Aleu Saldanha Cruz.
D. dos rins e vias urinarias	» 11	»	Dr. Antunes Prior
Clinica cirurgica—Operações	» 16	»	Dr. Bastos Gonçalves
Doenças da pele	» 13	»	Dr. Caeiro Carraco
Ouvidos, nariz e garganta	» 9,30	»	Dr. Carlos Larcudé
Sifilis e doenças venereas	» 11	»	Dr. Carmo Santos
Clinica medica, coração e pulmões	» 16	»	Dr. Drumond Borges
D. das gravidas, puerperas, utero e anexos / Doenças das crianças	» 11	»	Dr. José Bonito
D. nervosas e mentaes—Electroterapia	» 15	»	Dr. Luiz Pacheco
Estomago, figado, intestinos / Doenças da nutrição (diabetes, gota, obesidade)	» 14	»	Dr. Luis Quintela
Clinica geral	» 14	»	Dr. Manuel Assumpção
Analises clinicas—Vacinas	» 13	»	Dr. Marques Manaças
Ortopedia—Massagem—Gimnastica medica	» 15	»	Dr. Salazar Carreira
Doenças dos olhos	» 9,30	»	Dr. Sertorio Senna
Doenças da boca e dentes—Protese	» 9,30	»	Dr. Virgilio Xavier

Victor Gonçalves, L.da
CAMBISTAS — Rua Aurea, 152
Desejam boas festas aos seus Ex.mos clientes e amigos.

Gomes & Moura, L.da
SUCESSORES
Joaquim Gonçalves Costa
Especialidade em chá e café
104, Rua do Carmo, 106
Aos seus Exmos fregueses desejam Boas Festas e novo ano muito feliz.

VICTOR GOMES & PEDROSO
Proprietarios da NOVA SAPATARIA DA MODA — 102, RUA AUGUSTA, 108
Completa hoje o seu 26.º aniversario
Cumprimentam os seus Ex.mos fregueses e amigos desejando-lhes boas festas.

Os proprietarios da
CASA CHAVES
Rua do Carmo, 80, 84
Desejam boas festas aos seus Ex.mos clientes e amigos.

O PROPRIETARIO DA
TABACARIA MARECOS
Rua 1.º de Dezembro
Deseja a todos os seus Ex.mos fregueses festas muito felizes.

Gomes da Silva & Torres, L.da
Artigos para electricidade, sanitarios e «ménage»
Telefone C. 3398
Rua da Victoria, 69 e 71, junto á Rua do Ouro
Desejam festas felizes e um ano prospero aos seus Ex.mos fregueses e amigos.

A Sociedade Café Chave d'Ouro, L.da
Deseja a todos os seus Ex.mos fregueses festas muito felizes.

O proprietario da
Camisaria "Carnaval de Veneza,,
Rua do Ouro
Deseja festas felizes aos seus Ex.mos freguezes e amigos.

OS PROPRIETARIOS DA
Maison Blanche
(ROCIO)
Desejam boas festas aos seus Ex.mos fregueses.

O proprietario da
Pastelaria Rosa Araujo
Deseja a todos os seus Ex.mos fregueses festas muito felizes.

Eduardo Martins & C.a
CHIADO
Desejam boas festas aos seus Ex.mos clientes.

Os proprietarios do
Café d'A BRASILEIRA, L.da
Rossio e Chiado
Desejam a todos os seus Exmos. fregueses festas muito felises.

João Salgado d'Oliveira
Sapataria Salgado
Deseja festas felizes aos seus Ex.mos fregueses
62, Rua de Santo Antão, 64

Os proprietarios do
Café Martinho
Desejam a todos os seus Ex.mor fregueses festas muito felizes.

RAFAEL MENDES RIBEIRO
Ourives-Joalheiro
Cumprimenta os seus Ex.mos fregueses e amigos desejando lhes Boas Festas.
Travessa de S. Domingos, 78—ao Rocio LISBOA

HENRIQUE SILVA
Joalharia
257, RUA DO OURO, 257
Aos seus Ex.mos clientes ambiciona festas felizes e novo ano repleto de venturas.

Os proprietarios do
CAFÈ GELO
Desejam boas festas e um ano muito prospero aos seus Ex.mos fregueses e amigos.

Silva Nogueira proprietario da
FOTOGRAFIA BRASIL
Deseja festas felizes aos seus estimaveis clientes

Viana, Coelho, Almeida & Cta.
SUCESSOR DE
Rui Viana Junior
Praça Luiz de Camões, 25, 26, 27
Rua do Loreto, 1 a 9
Daseja a todos os seus Ex.mos fregueses e amigos boas festas e um ano muito prospero
Telef. 434 C.

Felix Ribeiro Lopes
TALHO E SALCHICHARIA — R. da Betesga, 102
Deseja boas festas e um ano prospero aos seus Ex.mos freguezes e amigos.

ALFAIATARIA CABRAL
DE
MANOEL A. CABRAL
Felicita os seus Ex.mos clientes e amigos desejando lhes um ano cheio de prosperidades.
Rua do Ouro, 170, 1.º LISBOA

o proprietario da
Pastelaria Marques
CHIADO
Deseja a todos os seus Ex.mos fregueses festas muito felizes.

C. E. Moitinho de Almeida
RUA DA PRATA, 71, 1.º
Deseja muito boas festas e um ano feliz aos seus amigos e clientes.

Salão Paris
Chapeus para senhoras e creanças
57, RUA DO LORETO, 59
DE Armando Guião, Ltd.
Deseja aos seus clientes e amigos felizes festas e um ano prospero.

NO PALACIO DO ORIENTE

O REI D. AFONSO XIII

RECEBE

os jornalistas portuguêses

Uma hora antes de eu entrar no Palacio do Oriente, onde ia entrevistar um rei, dois jornalistas á mesa de um café da *calle Alcalá*, um português, outro espanhol, um conversando, outro interrogando, mas ambos com os olhos cheiinhos de verdade critica, daquela verdade que não é protocolar porque domina a inteligencia, como a criação ilumina o artista; os dois, firmando, integrando-se espiritualmente, vivendo a manhã fresca de sol que arrebatava no espaço as quadrigas aureas do Banco de Bilbau — traçavam, julgavam, completavam o instante politico da Espanha-nova, da Espanha-Directorio, da Espanha-desconhecida.

O espanhol falava baixinho, um pouco inquieto, como se as suas palavras agravassem o silencio. O português seguia com curiosidade o vôo indeciso dos olhos do seu camarada e, jornalisticamente, compreendeu que nem um, nem outro deviam ir mais álem.

Por fim, o primeiro bebendo o resto do café e batendo a cinza fina do charuto, resumindo, sintetizou:

— Escute... Se ámanhã proclamarmos a Republica o nosso primeiro presidente será Afonso XIII.

* * *

Foi com este retrato do rei feito por um jornalista espanhol, que pizei a primeira escadaria do Palacio do Oriente, entre balaustradas de jaspe e alabardeiros altivos, imoveis e rigidos como estatuas. Eu seguia Oldemiro Cesar, contrariado no seu chapeu alto; Benoliel a rir-se por todos os póros — e que me dizia mais tarde: a *minha melhor condecoração é a entrevista com o rei* — e Luiz Derouet, alto, esgrouviado, sereno, deixando cair uma *blague* em cada degrau para me animar a subir aquele calvario de protocolo...

Lá em cima encontrámos a sobrecasaca de Melo Barreto, quasi uma batina, encostado a uma janela, faiscante de sol e larga de horisonte sobre Madrid — cidade imensa como uma cordilheira, voluptuosa como uma serpente, ardente com uma salamandra que atravessasse o incendio da manhã, fugindo ás neves foscas e congeladas do Guadarrama, abertas em estalactites de sonho e de maravilha. Havia silencio, deste silencio que cai sobre as tapeçarias mortas, sobre as telas antigas decoradas de oiro, sobre os relogios que discorrem sem fremito. Melo Barreto atravessou a sala, primeiro portico do Palacio do Oriente, toda em vermelho quente de brazas, como se a chama depois de ter sido ductil ao carinho e á perversidade do artista que a scenografou em beleza, estivesse ainda ardendo nas paredes, no tecto, na alcatifa, nos lustres, em fugitivos brilhos. A hora tornou-se mais lenta, sinuosa e velada, como o tempo á superficie dos lagos alvoroçados de luar. Olhei as tapeçarias de Goya, mitradas de oiro, como andaluzias de côr — a côr dos cravos, a côr da paixão rajada de ciume, a côr das bocas que amam, que cantam e que se insultam repelindo os beijos que antes andaram estonteados de sonho e de delirio.

Duas janelas enormes rasgam-se sobre o terreiro, onde todos os dias é rendida a guarda real, uma cerimonia impressionante, que tem vivos vibrantes de clarins e o rolar heroico duma artilharia sem combate. Um criado de libré, sapatos de fivela, guantes brancos, colares de prata — é o senhor d'aquela ante camara palaciana. Fala sem som, como se receasse que a sua voz fosse alterar o silencio feito de ondas, quebrando a magestade realenga de tudo quanto o cerca, de tudo quanto nos olha, como num exilio distante de beleza.

Do teto, um lustre em grinalda, numa chuva de diamantes, joeirados de oiro, polvilha de sentelhas, de faiscas, de reverberos, de iris, de poalhas — uma mesa pequenina, cinzelada em bronze, de tampo de cristal, com paisagens de azul tão tenue e tão delicado, que lembram iluminuras do seculo XVIII.

O introdutor dos diplomatas, de chapeu alto na mão calçada de luva branca — que o protocolo manda que é assim que todos os visitantes se devem apresentar ao rei — abre-nos uma porta, que é um segredo ou uma confidencia, tão minuscula ela é.

Outro salão. Este é azul. Ha quadros de Goya, com figuras realengas. Mais relogios. O tempo aqui tem o valor do oiro. A alcatifa adormece os passos. Ha já um passeio discreto de diplomatas. Perpassam dois ou três países da Europa central. Duas janelas, ao fundo, outro lustre, constelado de cristais, no azul do teto; e um ou outro espelho de aço polido esverdeado, como as esmeraldas que muito tempo, muito tempo, dormiram enterradas na areia.

O protocolo tem ainda uma terceira sala. E' mais um scenario, com hieroglifos de oiro, numa *mise-en-scène* discreta. Nas paredes duas grandes telas, frente a frente: a rainha Cristina, em branco de baile, com perolas, com diadema, um leque; um martirio na boca; de pé e altiva, encostada a uma cadeira; Afonso XII, em oficial de cavalaria, um pouco rude, apesar do pintor lhe ter dado aquela beleza decorativa e suntuosa, com que os artistas engrandecem sempre as figuras reais.

Ao fundo da sala, num banco de veludo, cortado de sol, esperando a audiencia da rainha, a duqueza de Mandas, admiravel de beleza quieta, sem uma profanação plebeia, no recorte helenico do perfil, conversa agora com a duqueza de La Vitoria — irmã dos soldados feridos em Marrocos. Esta é uma figura interessante, religiosa, quasi ascetica, vestida de negro, mais que monacal, sem distinção, mas sem vulgaridade, sem luxo, mas com encanto feminino — o encanto das almas dôces, irmãs de todas as dôres e de todos os martirios. A duqueza de La Vitoria tem o peito magro coalhado de perolas — o brazão de rainha, o seu escudo, a sua loucura, a sua embriaguês de mulher, que ela impôs á côrte, como uma divisa de beleza. Aquele colar de duqueza de La Vitoria tem uma historia recente: deu-lho momentos antes a rainha. Mostra-nos o escrinio, emquanto elogia o valor dos soldados portugueses que sob a Legião Estrangeira combatem em Marrocos.

— Ha uma ferida — diz-nos — que eu nunca lhes poude curar...

E como nós ficassemos surpresos, o seu sorriso voa no olhar, explicando, com ternura:

— Essa ferida é a saudade.

D. AFONSO XIII

O introdutor dos diplomatas, corta a conversa, prevenindo:

— Sua Majestade — espera-os!

* * *

— O sr. ministro de Portugal!

Em fila, os quatro jornalistas portugueses entram no gabinete do rei. E' sobrio, a luz quasi velada em sombra. Ao fundo ha uma pequena secretaria. Vejo um mapa. A fantasia que muitas vezes acerta, leva-me a crêr que seja da zona de operações em Marrocos. A' esquerda ha uma janela, uma unica janela, que deve ficar oculta por uma coluna da arquitectura exterior do palacio. O rei tem um sorriso, um grande sorriso, sem uma *facette* de pragmatica. E' o homem, não é o rei, que está ali. Conversa de pé, alto e firme, numa nobresa de soldado, que já triunfou da morte, que já a combateu, que já a viveu. Por vezes, ao deslocar-se para responder a esta ou áquela frase, bate com os tacões, marcando a posição de sentido, como num campo de manobras. Tem uma elegancia distinta, admiravel de simplicidade, que não o diminui, antes o engrandece, tornando-o mais varonil e mais sobrio. Ha apenas dois fatos de passeio, dois fatos sem protocolo, iguais no corte e na côr: o de Afonso XIII e o meu. Na gravata do rei, apertando o colarinho mole, uma perola — a divisa da rainha. A sua voz levanta-se, sem gravidade para nos perguntar:

— Têm gostado das festas? Estão satisfeitos?

Tem um sorriso para cada um de nós. Só ele fala:

— As homenagens têm tido um caracter *intimo*, cheio de amizade e de afecto. Só assim se compreendem as aproximações.

Afonso XIII conduz a conversa em frases rapidas, curtas. Quando ha um silencio, para o tornar menos embaraçante, sorri mais fundo.

— Leonardo Coimbra fez ontem, no *Real* um admiravel discurso. E' um belo orador. Fala com sinceridade, com alma. Apesar de se expresar em português, compreendi-o muito bem, tão clara e firme é a sua dicção.

Benoliel ageita os oculos, num silencio profundo de admiração. Afonso XIII, que aperta continuamente as mãos, aproxima-se dele, recordando para nós:

— Um velho amigo meu. Conheci-o quando estive em Lisboa, já lá vão vinte e tantos anos.

Benoliel, em resposta e já dentro do protocolo, invoca a sua grande amizade pela Espanha e a sua qualidade de correspondente do *A B C* em Lisboa.

Logo o monarca, com vivacidade:

— Ainda bem. Gostaria muito que os jornais de Portugal e Espanha tivessem correspondentes proprios, categorizados. Isso evitaria o perigo das noticas tendenciosas que por vezes aparecem.

Melo Barreto põe o ponto de vista português numa argucia fina, sem arestas, que o rei fixa e compreende porque deixou de sorrir:

— As mais noticias sobre Portugal não são de Madrid. São... Melhor... Eram de Vigo e de Badajoz.

Alguns jornalistas pedem autografos. Afonso XIII, acede, sorrindo outra vez, em bom camarada, em bom amigo, quasi em jornalista. E como é ele o primeiro a despedir-se, encontra ainda uma fórma gentil de o fazer, dizendo:

— Não os demoro mais, porque devem ter algum almoço oficial. Não é assim?

Todos nós lhe apertamos a mão, vincando o nosso reconhecimento.

Ao atravessarmos outra vez os salões, o sol jubilava de oiro as estatuas, que tinham triunfos, os leões rompantes, que arrancavam heroicos das tapeçarias; as telas, onde o pincel de Goya — era o primeiro oriente de luz, de sonho, e de ressurreição, naquele palacio encantado do Oriente.

Artur Portela

Impõe-se pela sua belesa e qualidade as malas e carteiras do 81 da R. de S. Nicolau, casa Bastos Silva, L.da

92 Rua Nova do Almada 92
Malinhas para senhoras
ULTIMAS NOVIDADES

A Cidade

Dr. Albino Pacheco
Regressado do Rio de Janeiro
CURAS PELA HORMOTERAPIA
Reabriu o consultorio
Rua Nova do Almada, 80, 1.º
Da 1 ás 3 horas — Telef. Central 535

Chá das cinco

Afonso de Bragança, saudade perpetua esta casa, que ele alegrou com o seu tanto sempre florido e a graça perfeita do seu despreso pela vida—foi o primeiro colaborador desta secção.

Encontramos uma sua pequena pagina antiga, e estampamo-la hoje, para nos convencermos de que, não apenas a sua memoria, mas ele proprio, na sua curiosa linha fisica, na sua atitude desdenhosa de *flagueur* impenitente, está comnosco, a nosso lado, nestes dias, de solenidade jornalistica.

Memorias de um perú

Desejaria imenso escrever as minhas memorias. Mas nós, perús, tivemos sempre fama de desmemoriados. Não sei se o sou, nem se não. Não me lembra.

O certo é que sinto a necessidade de escrever as minhas memorias, antes de deixar este mundo, de que não levo saudades.

Nestes ultimos dias tenho sido apalpado em especial por mulheres, que, por desgraça, é raro serem bonitas. Sei que sou disputado por elas mas não alimento ilusões. Alimento estomagos, bem o sei. Ouço tinir somas fabulosas por cima da minha cabeça. A's vezes suponho-me na casa Tota. O meu cambio oscila e o meu monco tambem. Nesta abertura vou em 25 escudos. Irei? Vou, com certeza. Morro. Mas como aquele rei, quero morrer «morrer mas devagar». Antes assim. Não chego a ser atingido pelas propostas de finanças, embora, talvez não escape á sorte de ser «taxado» depois de morto. Porque as «taxas» do nosso ministro das Fiuanças não começam no dia 1. Entram hoje em vigor. Muita gente se sentirá «taxada» sem o saber. E' justo que as «viuvas Gomes» passam a chamar-se «viuvas Leais».

Tenho nove meses de idade. Morro na data a que se costuma nascer. Sinto para mim crescer uma senhora mastodontica, que já me come com os olhos. Desejo-lhe festas felizes. Conto surgir-lhes lá para o ano bom em qualquer sessão espirita. Devo agradecer-lhes «au farci» ou seja, de recheio, se os anjinhos não mo tirarem pelo caminho.

Todo vosso

Dindon

P. S.—A senhora mastodontica não me leva e acabo de levar no monco para traz. Desceram-me ao preço. Estou em 22 escudos. Nem sequer posso, como os espadachins antigos, vender cara a vida. Se escapo deste ano sou um peru desacreditado. Cá vou por 20 escudos, com outros, para o Avenida Palace. Antes assim. Ao menos assisto ao «Reveillon».

Morro com elegancia. Adeus.

Pela copia e tradução do peruano

Afonso de Bragança

Diario de um jornalista

Portugal senhor DE AFRICA...

(Do nosso enviado especial)

A bordo do «Gil Eannes», Novembro.—*Sexta-feira, 14.*—Fui jantar hoje, com o comandante Afonso de Carvalho, a convite do Comodoro, a bordo do *Republica*. O navio-chefe, profusamente iluminado, destaca-se de todos os outros que estão fundeados no porto grande de S. Vicente.

Lá dentro, ha um asseio irrepreensivel. Os metais brilham como ouro sob a incidencia da luz electrica. Um marinheiro passeia lentamente, de arma ao ombro, sobre o *spardeck*.

Na camarilha historica do *Republica*, onde se passaram alguns dos episodios mais emocionantes da travessia aerea do Atlantico, o jantar decorre sob a disciplina rigorosa do protocolo de bordo.

O comandante Barbosa Bacelar faz as honras da casa. Fala muito sobre coisas do mar e os seus pequenos olhos castanhos tomam um brilho especial cada vez que recorda um episodio interessante da sua longa carreira de marinheiro.

Por sua vez, o comandante Afonso de Carvalho, que viajou pelo Oriente e é um autentico homem do mar, rijo, sobrio, bem humorado, disciplinador, de uma larga cultura literaria e profissional, acompanha o comodoro nas suas digressões nauticas, entre um delicioso pastel de carne e uma fatia de *roast-beef* a escorrer sangue.

Sentam-se á mesa mais dois comandantes: os capitães de fragata Silva Nogueira e Quirino da Fonseca.

Fala-se de Portugal, que é sempre o nosso pensamento dominante.

E o jantar termina com um calice de magnifico vinho do Porto, sob a influencia do qual, aí na Metropole, se têm pronunciado tantas barbaridades e se têm cometido tantos atropelos em materia de administração colonial.

Ainda hoje nos disseram coisas espantosas sobre esta malfadada provincia de Cabo Verde, que vive quasi sempre em regimen de vacas magras—para engorda de alguns faraós indigenas de muito alimento. Com este maravilhoso porto natural, situado no caminho de toda a navegação que demanda a Africa e a America do Sul, a ilha de S Vicente tinha mais do que nenhuma outra condições esplendidas para se desenvolver rapidamente, transformando-se num admiravel emporio de comercio e de turismo. O que lhe falta? A protecção do Estado e a iniciativa rasgada dos capitaes particulares. Com a concorrencia que lhe fizeram os portos de Las Palmas e Dakar, mais bem apetrechados e com mais comodidades para o viajante que desembarca, o porto de S. Vicente viu, a pouco e pouco, os navios afastarem-se do seu rumo, em demanda de novos fundeadouros.

As grandes chaminés fumegantes passam ao largo e não entram. Entretanto, o indigena, sem trabalho e sem meios para angariar alimento, senta-se no cais, com uma grande resignação, a olhar para o mar, cruza os braços e deixa se morrer de fome, lentamente.

Chega a revoltar a inconsciencia com que a politica dirige, dos *fauteuils* distantes de S. Bento, a administração ultramarina.

Contam se aqui pormenores da vida local que nos deixam mudos de assombro. Afirmam-nos mesmo que é um pouco assim por toda a parte, nesta costa de Africa ardente onde se derramou tanto sangue português.

Sabado, 15.—Na pequena sala terrea, cheia de velhas e novas recordações, *nhá* Joana vai engomando carinhosamente a nossa roupa, para que fique «obra perfeita». *Nhá* Joana tem para cima de sessenta anos, é creoula e sente uma grande ternura pelos portugueses. Já foi dansar ao Coliseu, no centenario da India. Onde isso vai! Foi rapariga mexida e bonita no seu tempo. Hoje, é uma velha meudinha, simpatica, faladora. Quanto a ela, Lisboa é a cidade mais linda do mundo.

A filha mais nova, a Ritinha, desanove anos sazonados a pedir um noivo como quem pede emulsão de Scott, está muito entretida, fazendo girar paulatinamente a agulha nos seus dedos finos, na delicada tarefa de reconstituir a *baguette* azul de uma peuga.

A outra, a Terezinha, que tem tambem entre mãos uma peça de roupa branca, levanta de quando em quando para nós os seus grandes olhos negros, aveludados, e fica a sonhar.

A um canto da sala, entre um grupo de marinheiros já amarelecido pelo tempo e o retrato cheio de frescura de uma criança em trajo de primeira comunhão, arde uma vela no pequeno oratorio de Santo Antonio milagroso, forrado a papel de sêda. Hoje é sabado e aos sabados é costume acender a vela e fazer em «grande pedido» ao santo.

Não seria dificil adivinhar, através dessa orla palpitante de cilios negros, o que lhe pediram hoje os teus olhos, Terezinha...

Domingo, 16—A's 8 e 35, o *Gil Eannes* suspendeu e navegou a sair do porto.

A's 10 h. 30 m, tendo por bombordo o scenario impressionante da ilha de S. Vicente, que lembra nos seus altos recortes e na aridez escalvada das suas ravinas uma visão infernal da *Divina Comedia* pintada por um Gustavo Doré, foi-se aproximando de nós a massa enorme e flutuante do *Cap Polonio*. Dali a pouco, por entre a alegria ruidosa de centenas de passageiros, o grande paquete passava-nos por estibordo, a pequena distancia do travez Da proa á popa, sobre o convez e os *decks*, apinhava-se um formigueiro de gente. Um lenço branco acenou avante, na terceira classe. Um emigrante que vai para o Brasil e leva no coração uma saudade enternecida de Portugal. Dezenas de lenços fizeram logo voar as suas grandes azas palpitantes. Um *frisson* de entusiasmo agitou aquela gente identificada pelo mesmo pensamento de uma Patria distante.

De bordo do *Gil Eannes* e dos outros navios da Divisão, centenas de marinheiros agitaram as suas boinas brancas no ar transparente da manhã. A orquestra do *Cap Polonio* tocou a *Portuguesa*, no meio da exclamações de alegria pronunciadas em todas as linguas do mundo:

—*Hurrah! Por Portugal!*

Era um espectaculo lindo, cheio de vida, de ruido, de movimento, de côr.

A enorme cidade flutuante afastou-se depois, tomando o rumo do Brasil. A esta hora já vai longe e a bordo a vida continua decorrendo festivamente, entre sorrisos e musicas, entre beijos e flôres...

Norberto Lopes

Pelos teatros

Companhia francesa

No final do proximo mez de janeiro vem ao teatro da Trindade a companhia francesa das Portas de Saint Martin, cujo elenco, constituido por artistas dos mais brilhantes do teatro francês, oportunamente publicaremos. Dentro em breve, a empreza José Loureiro abrirá uma assinatura para cito recitas com peças diferentes, escolhidas entre as melhores do seguinte repertorio: «Cyrono de Bergerac», peça de estreia; «L'Aiglon», «Les Romanesques», «Madame Sans-Gêne», «L'Ami Fritz», «Mademoiselle Josette ma femme», «Le Grillon du joyer», «La marche nuptiale», «Poliche», «L'Ameur», etc. Para esta assinatura terão preferencia os assinantes da temporada Robinne-Alexandre.

«Madame Flirt»

Hoje e amanhã realizam-se em S. Carlos as ultimas representações da peça «Madame Flirt», cuja carreira é interrompida em pleno exito em virtude da companhia Lucilia Simões ter que cumprir a assinatura antes da partida para o Porto, que se efectuará no dia 2 de janeiro.

Na sexta feira sobe á scena «A Casa em Ordem», onde Samuel Diniz interpreta pela primeira vez o papel creado por Antonio Pinheiro.

«Casa Cercada»

Sobe amanhã á scena, no Trindade, primeira representação pela companhia Palmira Bastos, a peça em 4 actos «Casa Cercada» de Pierre Frondaie, desempenhando Palmira Bastos o papel de Mary Ward, e entrando mais no desempenho os artistas Maria Helena, Georgina Cordeiro, Antonio Gomes, Penha Centinho, Alves da Cota, Carlos de Abreu, Joaquim Miranda, Joaquim Pacheco, Saraiças, Jorge de Sousa e Olimpio Pereira.

Atrás do reposteiro

A actriz Cremilda de Oliveira, deve, ainda este inverno, interpretar num dos nossos primeiros teatros, duas ou três peças.

—Consta que uma empresa teatral de Lisboa, ligada a dois empresarios muito conhecidos, vai, na proxima primavera e num dos melhores teatros de Lisboa, explorar peças musicadas de grande montagem, pondo-as em scena com a mesma riqueza e deslumbramento que já vimos na companhia Velasco.

—A companhia Satanela-Amarante dá ámanhã mais um espectaculo com a opereta «A menina do Chocolate», estreando na cia 26 em Santarem, na inauguração do novo teatro daquela cidade; fazendo o seguinte programa: cia 26, «O João Ratão»; 27, «Miss Diabo»; 28, «A menina do Chocolate»; 29, «O Poça do Bispo»; 30, «O Toureador». No dia 31 reaparece no Avenida, fazendo a ultima representação da «menina do Chocolate» e no dia 1 de janeiro, «O Toureador».

—Foram contractados pelo empresario José Loureiro, devendo chegar a Lisboa antes de Março, os artistas portugueses tenor Almeida Cruz e o comico Jaime Costa, que ha muito se encontram no Brasil.

—Deve subir ámanhã á scena, no teatro Nacional do Porto, a magica «A bruxa da Arruda».

—A primeira representação da peça «A campainha de alarme», pela companhia Lucilia Simões, deve efectuar-se no S. João do Porto.

—Todo o material scenico e guarda-roupa que acompanha a companhia de opereta Maria de Lourdes Cabral ás ilhas da Madeira e Açôres são fornecidos pela Empresa de Materiais de Teatro.

—Telegramas chegados a Lisboa dão conta de que a companhia Antonio Macedo, em S. Paulo, obteve um notavel triunfo, estando fazendo receitas até agora nunca atingidas naquela cidade por companhias portuguesas.

—O actor Joaquim Miranda, na sua recita a realisar no dia 5 de janeiro, além da representação de uma das peças do repertorio de Palmira Bastos, tem no programa um acto de variedades em que entram Auzenda de Oliveira Aldina de Sousa, Sales Ribeiro, Fernando Pereira e Vasco Sant'Ana e mais dois artistas cujos nomes oportunamente se publicarão.

—Os artistas-emprezarios Maria Matos e Mendonça de Carvalho, que estiveram hoje em Lisboa, seguem ámanhã para Evora, onde estreiam a serie de espectaculos que vão realisar no teatro Garcia de Rezende daquela cidade, tendo terminado ontem, com enorme sucesso, a sua temporada no Teatro Recreio do Povo, de Setubal.

—Cegaram a Lisboa, depois da sua digressão pelo estrangeiro, os artistas Chaby Pinheiro e Jesuina de Chaby.

—Realizou-se ontem, no «foyer» do teatro S. Luiz, o almoço oferecido pelo corpo ecral ao actor-empresario Armando Vasconcelos, sendo presidido pela corista mais antiga, que tinha á sua direita o homenageado. Ao «Champagne», que foi oferecido pela actriz Auzenda de Oliveira, foram feitos afectuosos brindes. O almoço, que foi confeccionado pelo mesmo corpo ecral, terminou perto das seis horas da tarde.

—Partiu para o Porto o sr. José da Costa Pereira, secretario da companhia Lucilia Simões-Erico Braga..

Novo estabelecimento
Messageries de la Mode
Modas e novidades
Preços sem competencia
Não comprem sem vêr na
Rua do Ouro, 146, 1.º

A Cidade

AGENCIA FOX
DETECTIVES
Dirigida por ex-oficial superior da policia de Lisbôa. Investigações comerciais, particulares e vigilancia. Unica no genero no país.
Melhores referencias bancarias
R, S. Paulo, 55, 3.º — Telef. C-1552

Brito Camacho

UMA FIGURA POLITICA

Brito Camacho socialista?

O antigo chefe unionista fala da actual politica republicana

O sr. dr. Brito Camacho — socialista? E' a pregunta do dia, na politica e fora da politica.

A alta individualidade da vida portuguesa, literaria e politica, de uma nobre independencia e de uma distinguida altivez moral, que é o sr. dr. Brito Camacho, afastado de partidarismos, entregue aos seus livros, que são dos mais belos da moderna literatura portuguesa, revendo as provas do seu novo volume «Terra de lendas» — paira acima da politiquice vulgar e charra, e impõe-se sem alarde na mediocridade confusa, esteril do nosso tempo. Cerebro e espirito, Brito Camacho — um dos do triumviro da propaganda republicana — é uma interessante figura portuguesa, prudente, experimentada, modesta, que os republicanos são obrigados a respeitar, e perante cuja correcção de maneiras os adversarios do regime transigem, sem humilhação, nem favor.

Quizemos ouvi-lo. «O jornalista fala ao jornalista» — para adoptarmos uma maneira de dizer, que em nós já não é nova.

O sr. dr. Brito Camacho falou pouco, mas o suficiente para satisfazermos uma parte do interesse publico. E dizemos «uma parte», porque a outra parte fica de pé: «Brito Camacho socialista?»

A conferencia do Bemformoso e o que nos disse o antigo chefe unionista

—A minha conferencia no Centro Socialista... Vou reproduzi-la no numero de *A Luta*, que sai no proximo dia 2 de janeiro. Emfim, para interesse dos seus leitores que a não conheçam já, repetir-lhe-hei em sintese o que lá disse...

E o sr. dr. Brito Camacho relembra:

—Disse que a conquista do Estado, feita pelos republicanos, em 1910, ainda não serviu para muito mais do que para mudar a simbolização do regime. Acrescentei que uma Republica democratica tem a necessaria e suficiente elasticidade para que dentro dela obtenham satisfação as mais instantes reclamações socialistas. Citando uma frase de Engels, companheiro de Karl Marx, e como ele signatario do *Manifesto comunista* afirmei a necessidade do partido socialista se organisar por maneira a ter uma eficaz intervenção na vida do Estado.

—V. ex.ª referiu se aos processos dos revolucionarios...

—O que fiz foi expôr o meu ponto de vista sobre lutas politicas, condenando — sim — o revolucionarismo sistematico. Sou partidario da teoria evolucionista, e falando perante uma assembléa onde havia muitos anarquistas e comunistas, praticaria um acto deshonesto se não me pronunciasse bem claramente em materia de tanta importancia. Expuz, sucintamente, as teorias de Marx, afirmando a minha discordancia com a sua concepção materialista da Historia A proposito citei a opinião de um medico do seculo XVIII, segundo o qual só ha doenças nervosas, visto ser o sistema nervoso o mais difundido no organismo!

Como se estivesse falando na assembleia do Centro Socialista, o ilustre entrevistado repete:

—Bem analisados os grandes movimentos sociais, verifica-se que foi no cerebro e não no estomago que eles se geraram, e que foi mais a ansia do ideal que a vontade de comer que presidiu ao seu desenrolar pelos tempos fóra. A afirmação marxista de que a emancipação dos trabalhadores tem de ser obra dos proprios trabalhadores, é verdadeira, se considerarmos como trabalhadores todos os que realizam um trabalho socialmente util. Mas é falsa, se considerarmos apenas como trabalhadores os que labutam nos campos e nas oficinas.

— Os intelectuais...

—Exactamente... A Sciencia é o mais importante factor da riqueza, porque é ela que ensina a explorar os campos. Na minha conferencia considerei algumas das mais importantes reclamações socialistas, e afirmei que, se é verdade ser o homem um animal essencialmente religioso, não é menos verdade ser ele um animal essencialmente proprietario. De resto, o direito de propriedade é cada vez mais restrito, e não foi necessario que o socialismo fizesse a conquista do Estado para se estabelecerem em beneficio da comunidade essas restrições...

— Como encara o socialismo em Portugal sob o ponto de vista politico e doutrinario?

Já deixavamos, com esta pregunta, afastada para a pagina da *Luta* a conferencia do eminente vulto republicano. O nosso entrevistado respondeu:

—Em Portugal não ha propriamente um partido socialista. Ha agrupamentos socialistas com objectivos diferentes, separados ainda mais pela tactica que pelas doutrinas, o que de resto acontece com os partidos republicanos.

O Parlamento não pode ser um «club» politico

E fixando este ponto:

— Para se organizar um partido forte, capaz de intervir eficazmente na vida do Estado, carece o socialismo de fazer a clara e terminante diferenciação das correntes que o trabalham, embora os respectivos nucleos fiquem a lutar uns com os outros, não para se destruirem mutuamente, mas para se engrandecer cada um por novas e valiosas adesões.

—Entende que a Republica deve aceitar de boa mente a intervenção socialista?

—Porque não? Em França já os socialitas participam do poder; um socialista, o sr. Millerand, foi chefe do Estado. E na Inglaterra já os socialistas governaram por si, chefiando o governo o sr. Mac Donald.

O sr. dr. Brito Camacho faz o elogio da cultura e do prestigio do ultimo chefe do governo inglêz, e repete:

—Pois porque não? A Republica praticaria um erro grave se não tornasse facil a intervenção dos socialistas na vida do Estado, abrindo-lhes largamente as portas do Pariamento, para que um sufragio honesto os integre na Representação Nacional, que não pode ser um centro ou um club politico...

Os reformistas e os Poetas do socialismo — Dinheiro!

—Mas os socialistas estão divididos...

—Evidentemente só os reformistas podem entrar na luta legal, procurando absorver o Estado por conquistas sucessivas. Os revolucionarios *á outrance*, os que ainda leem pela cartilha de Bakounine, e a seguem como um Evangelho, esses continuarão, muitos sem duvida, mas não todos com certesa, a não se aperceberem das realidades actuais, presos os olhos deslumbrados a visões cor de rosa de um futuro longinquo. São os sonhadores, os Poetas do socialismo. Mas ao mesmo tempo, por uma extranha contradição são tambem os apostolos da violencia; religião anarquista, que teve como pontifice maximo Georges Sorel — que eu conheci em Paris disfrutando, sem nenhuma violencia, os 15 000 francos da sua reforma como engenheiro.

—Mas o partido socialista está preparado para essa missão?

Aqui o sr. dr. Brito Camacho hesitou, mas opinou:

—Os socialistas reformadores o que carecem — quanto a mim — é de elementos materiais...

—Dinheiro?...

—Sim. Para realizarem a sua organização, e poderem desenvolver pela conferencia, pelo jornal, pelo folheto, pelo livro, a propaganda dos seus principios, que tem de implicar, para que inspire confiança, a exposição dos seus processos.

—Isto quere dizer...

—Quere dizer que os militantes socialistas se não cotisam suficientemente para custearem as suas inevitaveis despesas. Isto mostra-lhes, a eles, a necessidade de adquirirem a adesão honesta, a adesão sincera dos que podem, materialmente, bem servir a causa socialista...

Brito Camacho adere?

Estavamos chegados á altura da inevitavel pergunta directa. Quem assim raciocina e pensa, levando o detalhe do seu pensamento até se preocupar com a vida interna, material dum partido — por mais que dê ás suas palavras e reflexões um caracter, apenas transitorio, de interesse mental e de atenção por tudo o que se prende com a vida activa politica e social do seu pais, não deixa de mostrar, atravez dessas palavras, uma tendencia simpatica, bastante significativa, para uma causa que precisa, sobretudo, de homens superiores, experimentados e isentos de ambição. Isto estarão pensando, com certeza, se não todos, alguns dos nossos leitores. E então perguntamos:

—Tenciona... aderir ao socialismo militante?

Resposta, depois de uma leve, quasi imperceptivel hesitação, que nos pareceu poder ter t do outro desfecho — se fosse oportuno:

—Tenciono... ir passar o Natal com a familia, em Aljustrel, onde não vou ha perto de u n ano...

O Paiz trabalha, o Estado esbanja, os politicos tripudiam

Sem resposta, estava morta a entrevista. Mas como o ilustre homem publico, apesar de doente, se mostra bem disposto, continuamos:

—O estado politico do país..?

—Ah! O estado politico do país!

E disse, pesando as palavras:

—A meu vêr, é a desordem, a confusão, o caos. Mas como foi do caos que saiu o Universo, que é cheio de ritmo e de harmonia, calculo que da situação em que nos encontramos algum dia havemos de sair para melhores destinos.

—Os partidos...

—Estão na dissolução, os partidos. Dentro deles, uns não sabem mandar, outros não sabem obedecer. Sempre as mediocridades audaciosas encontraram em situações como esta em que nos encontramos, as melhores condições de triunfo. O Paiz trabalha. Mas o Estado esbanja e os politicos tripudiam...

O sr. dr. Brito Camacho pareceu-nos, apesar do seu tom de voz calmo e convicto, um pouco pessimista. O eminente homem publico cortou:

—Nunca fui pessimista. Nesta hora amarga em que no horisonte proximo se acastelam nuvens carregadas de ameaças, eu tenho uma inabalavel confiança nos destinos da Republica e do País.

De pé, na despedida — os entrevistados e entrevistadores despedem-se sempre para compôr os fechos dos artigos — um pouco encostado a uma mesa pejada de livraria, sôbre a qual, ao de cimo dos montes de volumes, notamos um livro sôbre Camilo, um volume de legislação de Moçambique, *Os adagios populares*, de Ladislau Batalha, livro que o dr. Brito Camacho tem em apreço, as folhas soltas do seu novo livro, e um manual antigo de doutrina cristã, que folheámos, e nos pareceu obra de missionarios de Moçambique — o sr. dr. Brito Camacho, visivelmente doente, com o terror de ter de fazer o trajecto de vapor e caminho de ferro até esse Alemtejo, tão lindo, da *Gente Rustica* — diz ainda, quebrando a nossa atenção pela livraria:

—Disse Voltaire — vai passado um longo seculo: a França são 700 a 800 pessoas... Parafraseando Voltaire, eu direi que a Republica são algumas dezenas de politicos. Que deixe de o ser, e outra será a sorte do país...

N. de A.

Hoje, noite de Natal
ás 24 horas
Magnifica canja de perú e boa musica, na
"CHIC,,
Praça dos Restauradores, 20

O PROPRIETARIO DO

Café "LA GARE"

Deseja a todos os seus freguezes e amigos festas muito felizes.

5, LARGO DO CAMÕES, 6

Ouro de penhores, novo e em segunda mão

Continua a ser sempre o que vende mais barato. Cordões, cadeias, medalhas, aneis, brincos, afogadores e outros objectos, como brilhantes, prata, estojarias, relogios em ouro, prata e aço das melhores marcas.

Ha sempre objectos de penhores só a peso.

C. do Duque, n.º 43
C. de Santo André, 1

SEGUNDO A. HERMIDA

Telefone 2951 N.

Viuva Contreras & Filho

Importadores de tabaco

Desejam Boas Festas aos seus ex.mos Freguezes e amigos

5—Rua 1.º de Dezembro—7 *Lisboa*

O DIARIO DE LISBOA vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

Neves & Oliveira

GRAVADORES

Rua de S. Nicolau, 53

Desejam festas felizes e um ano prospero aos seus Fx.m os freguezes e amigos.

CASTELA, LT.A

Proprietarios da

Sapataria Chiado

96—RUA GARRETT—98

Cumprimentam os seus ex.mos freguezes e amigos e desejam-lhes festas felizes e novo ano repleto de venturas.

WHISKY «KING GEORGE IV»

PEDIDOS A

—ANDRADE & TRILL, L.DA—

———PRAÇA DA ALEGRIA, 8, 2.º———

(Vendedores Exclusivos)

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO 140

TRAPO

Compra-se.
R. Luz Soriano, 48.

BANK OF LONDON & SOUTH AMERICA LIMITED

(Antes THE LONDON & RIVER PLATE BANK, LIMITED)

Com o qual se fundiu o

LONDON & BRAZILIAN BANK, LIMITED

SÈDE

7, Princes Street, Londres, E. C. 2

SUCURSAL EM LONDRES

Endereço provisorio durante a reconstrução da séde

25 A 31, MOORGATE STREET. LONDRES, E. C. 3

Capital pago e Fundo de Reserva: Libras 7.140.000

SUCURSAIS na Inglaterra, França, Belgica, Estados Unidos, Argentina, Brasil, Chile, Colombia, Paraguay e Uruguay.

SUCURSAIS EM PORTUGAL

44, R. Aurea, LISBOA—9, R. do Infante D. Henrique, PORTO

Afiliado do

LLOYDS BANK LIMITED

72, Lombard Street, Londres

Capital e Fundo de Reserva excedem Libras 24.000.000

1.600 sucursais na Gran-Bretanha

Casa Auxiliar Francesa: — LLOYDS AND NATIONAL PROVINCIAL FOREIGN BANK LTD.

CASA AFRICANA

Rua Augusta, 161

LISBOA

Rua 31 Janeiro, 220

PORTO

Estação de Inverno

Confecções para homem, senhora e criança
Grande sortido em tecidos nacionais e estrangeiros

BAIXA DE CAMBIO

Esta casa, tendo sempre mantido um completo sortido e preços os mais limitados, continua com a mesma orientação acompanhando a valorisação do escudo. Todos devem, em seu proprio interesse, ver o seu enorme sortimento das mais recentes novidades e preços.

FREIRE DA CRUZ & C.ª

Banco Português e Brasileiro

Lisboa

FUNDADO EM 1891

TELEFONES C. { Expediente: 531 / Direcção: 4308 } Teleg. BRASILEIRO

Codigos A. B. C., 4.ª e 5.ª edições e Ribeiro

Capital ..... Esc. 10:000.000$00
Reservas .... Esc. 10:000.000$00

SEDE — Rua Augusta, 38 a 42 — LISBOA

FILIAL NO PORTO

Praça Almeida Garrett

Agentes em todo o paiz
Correspondentes nas principais praças do mundo

Deposito á ordem e a praso em moedas portuguesas e estrangeiras

COMPRA E VENDA DE CAMBIOS

Cartas de credito e circulares sobre todos os paizes

OPERAÇÕES BANCARIAS EM TODOS OS GENEROS

PAPELARIA — Praça Luiz de Camões, 43
TYPOGRAPHIA — Rua do Ferregial, 12 a 20

PAPELARIA CAMÕES

DE

AUGUSTO, RODRIGUES & BRITO, L.DA

42, Praça Luis Camões, 43 — Telef. C. 1040 — LISBOA

Grande variedade em objectos para escriptorio, livros para escriptorio e escolares, estojos para desenho, papeis para flôres e muitos outros artigos

Grande sortimento de objectos para pintura a oleo e aguarela

SECÇÃO DE TYPOGRAPHIA

Rua do Ferregial de Baixo, 12 a 20 **Telefone C. 697**

Grandes oficinas movidas a electricidade

ENCADERNAÇÃO E PAUTAÇÃO

TRABALHOS SIMPLES E DE LUXO

OS NOSSOS POETAS

Poesias inéditas

"ISRAEL" E "VOZES"

de Antonio Alves Martins

Israel

Partiram pois os filhos de Israel de Ramesses, e vieram a Socoth, sendo perto de seiscentos mil homens de pé, afóra os meninos.

Exodo-37

Em cima Deus — e o Deserto, em frente,
Longe, bem longe, a *Terra Prometida*,
Sai do Egito Israel, nomada e crente,
Fonte da fé que veiu encher a vida!

Sai do Egito Israel, Moisés seguindo:
Salvo das aguas, salvará seu povo!
E no Deserto, doloroso e infindo,
A voz do vento é um profeta novo!

Marcha arriscada, perigosa, ardente,
Ardente como a sarça inconsumivel
Em que Deus, a Moisés, se fez presente,
Pra lhe ordenar esta missão terrivel!

Moisés guarda essa luz que incendiara
Seu eterno fervor, por quem nos cria!
Ei-la a doirar sua divina vara,
Capaz, tambem, dalguma profecia!

Ei-la, silencio e enlevo no profeta;
Esperança em toda a tribu de Israel!
— Canaan, Canaan, divina méta
De arroios onde corre o leite e o mel!

Alonga-se a planicie a descoberto,
Entregue a toda a luz que cai dos ceus.
— Ai o que vale, ás almas, no Deserto,
E a certesa de que existe Deus!

Existe, sim, e á tribu, que tem fome,
Envia Deus doce *manná* celeste.
— Deserto esteril, sem ninguem que o dome,
Sempre ouvindo orações — e sempre agreste!

Oásis, palmeirais, é raro vê-los;
E sem agua, nem sombras — só terão,
Com as tendas nos dorsos dos camelos,
A certesa de Deus no coração!

E toda a caravana vai unida
— Homens, mulheres, crianças, animais! —
Na mesma fé da *Terra Prometida*,
De que os sonhos humanos dão sinais!

Israel, Israel, nomada e crente,
Fonte da fé que veiu encher a vida...
— Oh destino da Alma, eternamente
A procurar a *Terra Prometida*!

Tem ela, neste mundo, o cativeiro
Que sofreste, Israel, em pleno Egito;
Mas se Moisés, de Deus, é medianeiro,
Minh'alma sobe ao Ceu quando medito!

Crês em Deus, e a Terra que procuras
Não p'ra ti, decerto, uma ilusão!
Tambem eu creio, sim, mas ás escuras...
— Ceguinho tateando com a mão!

Ai, quem me dera a tua crença antiga,
E um deserto, assim, para trilhar,
E uma voz a guiar-me, voz amiga,
Incitadora como a voz do mar!

E embora, Israel, não conseguisse
Alcançar Canaan, risonha e imensa,
Tê-la-hia em minh'alma, quando ouvisse
Falar a Deus a voz da minha crença!

Tinha-a como a tens tu, oh bando errante,
Em esperança imortal pelo Deserto!
— *Terra da Promissão*, dôce e fragrante,
Longe de mim, e de Israel tão perto!

Longe de mim — longe da alma humana,
Tão batida de ventos desvairados;
Tão mistica, tão pura e tão profana;
Amante de virtudes e pecados!

Longe de mim — da minha incoerencia;
Do turbilhão que, dentro em mim, perpassa.
Longe das minhas horas de inocencia;
Longe das minhas noites de desgraça!

Oh marcha de Israel pelo Deserto,
Oh marcha da minh'alma pela vida!
Uma levando á um destino certo,
A outra a uma miragem repetida!

E já vai longe o bando... Mais além,
Horeb, rochas erguendo ao firmamento.
— São seiscentas mil almas — vendo bem,
Apenas um divino pensamento!

Ao fogo e á sêde a tribu vai andando,
Nos olhos todo o esplendor dos ceus...
— Povo escolhido — oh venturoso bando,
Obedecendo só á voz de Deus!

A voz de Deus! O resto, não é nada!
— *Terra da promissão*, só a terá
Quem fôr, deserto fóra, em caminhada,
Como Israel, fitando Jéhová!

Quarenta anos, nesta marcha ardente,
Para alcançar a *Terra Prometida*!
— E tu, oh minha alma, ingloriamente,
Não levas, por acaso, toda a vida?

Mas segue o teu destino. Vai vivendo!
A subir e a descer, triunfa o mar...
— Quem sabe se, mil duvidas sofrendo,
Não terás Canaan no teu olhar?

Canaan! Canaan! Oh terra eleita
De arroios onde corre o leite e o mel!
— Sonho da alma humana insatisfeita,
E divina certeza de Israel!

Vozes

Fica na terra a bocca quando canta;
Sobe a cantiga ao ceu!

Mulher de Fençam

No infinito coração do Espaço,
A cada instante, por mais leve e escasso,
Ha vozes a subir...
Tanto grito que sai das almas, para além!
Tanto grito que sai das coisas, e ninguem
A sabê-los ouvir!

Como o silencio, a voz humana é bela.
Se o silencio eternisa, a voz revela
O que ha de oculto em nós...
Falar, gritar, cantar — eis o destino.
E o que tinha Jesus de mais divino?
A harmonia da voz!

Vozes, vozes dispersas que subis
Deixando, em nossas almas, a raiz:
Um sonho ou um tormento.
Vozes que, em nossas noites de desgraça,
Narrando a Deus a dôr que nos trespassa,
Sois nosso livramento!

Vozes humanas e das coisas, vozes
Subindo a Deus, morosas ou velozes,
Mas subindo, subindo...
Ruidos, rezas, estalidos, gritos,
Falas, gemidos — ecos infinitos
No espaço infindo!

Palpita em vós o coração humano.
Sois uma vaga a mais no oceano,
Bramindo, ao longe, aflicto...
Eu oiço-vos subir de mim, de tudo,
Vozes que sois um pouco de veludo,
E um pouco de granito!

As vozes misteriosas que passaram!
Na memoria do ar, elas deixaram
Ressonancias eternas...
São toda a fala do silencio fundo,
A's horas em que paira, sobre o mundo,
O sono das cisternas.

As vozes d'hoje, tão contraditorias!
Palpitam nelas transitorias glorias,
Quimeras e aflições...
Tropel de vozes desvairadas, loucas.
— Beijos vermelhos a sangrar nas bocas;
E dôr nos corações!

As vozes que hão-de vir! Oh quem me dera
Adivinhar a sua primavera,
Ou o seu outono triste!
Vozes futuras — vida do futuro!
— Na aspiração ardente em que me apuro,
Sómente o verbo existe!

Só ele existe, o verbo dos inicios.
Abrindo a luz, cavando precipicios,
Criou a humanidade!
Verbo imortal, tornando-se mortal!
— Eis porque são as vozes, afinal,
Ancias de Eternidade!

Adoro as vozes como adoro a Vida.
E quanto mais a vida fôr vivida,
Mais vozes subirão...
Vozes eternas, desiguais, opostas:
Vilas, cidades, vales e encostas,
Como é que falarão?

Vozes dispersas que subis no Espaço;
A cada instante, por mais leve e escasso,
Eu oiço-vos subir!
Tanto grito que sai das almas, para além!
Tanto grito que sai das cousas, e ninguem
A sabe-los ouvir!

Vozes dispersas, como eu vos oiço,
E na vossa harmonia me baloiço,
Em horas sem canceiras...
Vozes dispersas — mais que o meu ouvido,
Meu coração, em vós, busca o sentido
Das vozes derradeiras!

Antonio Alves Martins

NATAL

Natal!... palavra bemdita
Que salvou a terra ingrata...
Coração que se dilata
Pela abobada infinita!...

Natal!... Redenção predita
Que nos levanta e resgata...
Benção, luz, Hostia de prata...
Divino olhar que nos fita!...

A Virgem, alma escolhida,
Aceita a missão: a vida
Dum Filho Eterno — Jesus.

Natal!... O Presépio... os Magos...
Humildade... amor... afagos...
Natal!... Um berço... uma Cruz!...

Maria de Carvalho

COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO

LLOYD BRAZILEIRO

Carreiras regulares mensais entre o Norte da Europa e Norte e Sul do Brazil, por magnificos paquetes

Passagens a preços reduzidos

LINHA DO SUL DO BRAZIL:

para Funchal, Pernambuco, Baía, Rio de Janeiro e Santos.

LINHA DO NORTE DO BRAZIL:

para Pará, Maranhão, Ceará, Cabedelo, Natal, Pernambuco, Maceió, Baía e Vitoria.

LINHA DO NORTE DA EUROPA:

para Havre, Anvers e Hamburgo.

LINHA DE INGLATERRA:

para Liverpool e Avonmouth.

Para passageiros e carga tratar com OS AGENTES

PINTO & SOTTO MAYOR

(SECÇÃO MARITIMA)

LISBOA — RUA DE S. JULIÃO, 174, 1.° — Tel. C. 652

PORTO — 28, PRAÇA DA LIBERDADE, 29 — Tel. 2764

Companhia de Seguros FIDELIDADE

SÉDE EM LISBOA

LARGO DO CORPO SANTO

AGENCIAS

em todas as terras do Paiz

CAPITAL: 1344 contos de réis

FUNDOS DE RESERVA: 2650 contos de réis

Esta Companhia, fundada em 1835, efectua

SEGUROS TERRESTRES E SEGUROS MARITIMOS

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

SÉDE: Lisboa—Rua do Comercio
AGENCIA: Lisboa—Caes do Sodré

Capital Social: 48.000.000$00
Capital Realisado: 24.000.000$00
Reservas: 34.000.000$00

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Filiais e agencias no Continente—Aveiro, Barcellos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Oliveira de Azemeis, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Regua, Santarem, Setubal, Silves, Thomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real Trez-os-Montes, Vila Real de Santo Antonio e Viseu.

Filiais nas Ilhas—Funchal (Madeira), Angra do Heroismo e Ponta Delgada (Açores).

Filiais nas Colonias:

Africa Occidental—S. Vicente de Cabo Verde, S. Thiago de Cabo Verde, Loanda, Bissau, Bolama, Kinshassa (Congo Belga), S. Tomé e Principe, Cabinda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes e Lubango.

Africa Oriental—Beira, Lourenço Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique e Ibo.

India—Nova Goa, Mormugão, Bombaim (India Inglesa).

China—Macau.

Timor—Dilly.

Filiais no Brasil—Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus.

Filiais na Europa—Londres: 9, Bishopsgate E—Paris: 8, Rue du Helder.

Agencia nos Estados Unidos—New York: 93 Liberty Street.

Operações bancarias de toda a especie no Continente, Ilhas adjacentes, Colonias, Brasil e restantes paises estrangeiros.

Sociedade Importadora e Exportadora da Guiné, L.da

PRODUCTOS COLONIAES

Importações e Exportações

Séde em Lisboa

RUA DOS FANQUEIROS, 62, 1.°

FILIAL EM BISSAU

(GUINÉ)

COMPANHIA INDUSTRIAL PORTUGUESA

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Séde: RUA DOS FANQUEIROS, 303, 1.°—LISBOA

Telefones: Norte 3148 e 5362

PREMIO DE HONRA, MEDALHA DE OURO, MEDALHA DE PRATA E MENÇÃO HONROSA

NAS EXPOSIÇÕES REGIONAIS DAS CALDAS DA RAINHA E SANTAREM E INTERNACIONAL DO RIO DE JANEIRO

Exploração industrial nas suas fabricas da POVOA DE SANTA IRIA e MARINHA GRANDE

de SUPERFOSFATOS DE CALCIO, Adubos quimicos e Organicos em geral, Acidos Sulfurico e Muriatico, CARBONATO DE SODA em pó e cristais SULFATOS DE SODA e Ferro, Oxido de Ferro e Bioxido de Manganez para a industria vidreira e outras aplicações industriais, VERMELHO FINO, ROXO REI, ALMAGRE tipo inglez e outras tintas em pó, VIDROS E CRISTAIS.

Explorações mineiras em OBIDOS, AMOREIRA E POMBAL

de LENHITE, GESSO, TURFA e CARVÃO

Premiado com medalhas de ouro e prata em varias exposições

Fabrica Nacional de Borracha

Casa fundada em 1898

Vitor C. Cordier, Lt.da

ESCRITORIOS E FABRICAS
Rua do Assucar
BEATO

Depositos:
275, Rua da Prata — LISBOA
136, Rua das Flôres — PORTO

TELEFONES: FABRICA: Poço do Bispo, 23
DEPOSITO-LISBOA: Norte 5978

Manufactura geral de borracha flexivel, ébonite guta-percha e amianto

Folha, fio e juntas plasticas para latas de conserva

Blanchets para impressões de litografias

Execução rapida de quaisquer artigos de borracha

Tubos em todos os generos
Artigos de cirurgia
Guarnecimento de cilindros para industria
Acessorios para aparelhos de pulverisação
Borrachas para lapis e tinta
Elasticos
Telas impermeaveis para copia
Folhas para calçado
Protetores e camaras de ar para biciclette e motociclette
Bandagens massiças para rodas de trens e camions
Guarnecimento de rodas de serras de fitas
Tapetes massiços e abertos em varios desenhos
Dissolução de borracha
Amianto em pó, fibra e cobra

LISBOA - PORTO

RELEMBRANDO...

A memoravel sessão

de 19 de junho de 1911

em que se ratificou no Congresso

a proclamação da Republica

O jornalista parlamntar, se tem muitos dissabores tem, igualmente, muitas compensações. Tive sempre, como jornalista, uma grande paixão pelo Parlamento, e entendo que, sem ele, o que se convencionou chamar nas gazetas, a secção politica, não tinha razão de existir. S. Bento é como que a albufeira enorme onde convergem todas as levadas vindas das montanhas, onde todo o Paiz desagua os seus rios caudalosos ou serenos, zézeres de indignação ou mansos mondegos de espectativa. Tudo o que ha de bom ou de mau, de justo ou de injusto, de constitucional ou de prepotente ali vai parar.

Torneio por vezes elegante da oratoria nacional, todos os «trucs», todas as habilidades, todas as rabulices da palavra ali se manifestam.

Não é, portanto, demais que um jornalista que á vida parlamentar tem dado todo o seu esforço profissional, ao Parlamento consagre, neste numero, uma pagina de notas e de impressões.

* * *

Ha «Côrtes» e «Parlamentos». A diferença, não profundando a materia, é pequena. As Côrtes veem dos Wisigodos, em Portugal e Espanha, e a sua historia daria, não um, mas muitos volumes, que o leitor não leria, porque as maçadas se encontram proibidas. As Côrtes acompanharam sempre a evolução natural ou forçada dos Reis, em Portugal, até 1820, em que tomaram para nós a feição que a Republica transformou em 1910; e em Espanha até 1876. Na França e na Inglaterra, o Parlamento data, na primeira desde S. Luiz; e na segunda desde os «witenagemot» que de 1239 em diante já de Parlamento se chamavam.

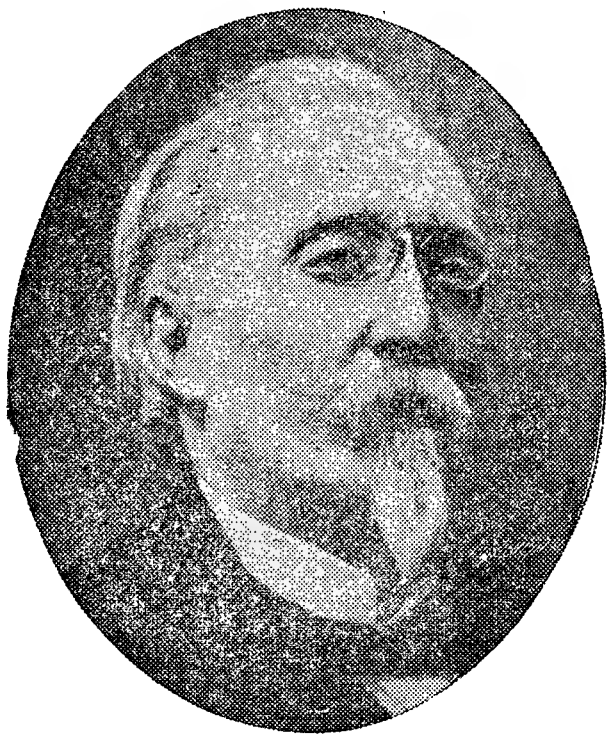
* * *

Em Portugal, «neste paiz português», como diaria pleunasmicamente o ilustre parlamentar sr. comandante Jaime de Sousa, a Assembleia Nacional Constituinte, aberta a 19 de Junho de 1911, e fechada em Agosto desse ano, deu nos o actual Parlamento, cuja historia está oficialmente por fazer, o que é unico em todos os Parlamentos do mundo.

Incontestavelmente as Constituintes de 1911 foram o melhor Parlamento até hoje do regime republicano. Nelas tomaram parte figuras de prestigio, escritores, jornalistas, filosofos, medicos, professores advogados, toda uma «élite» marcante, á qual já faltam hoje as principais figuras.

* * *

Citem-se para «rememorar» do brilho parlamentar. Braamcamp Freire, fidalgo aparentado com a melhor fidalguia, erudito, linhagista e historiografo, ao depois Presidente do Senado; Bernardino Machado; Alfredo Botelho, que foi morrer ministro na Argentina; Eduardo de Abreu, antigo deputado nas legislaturas de 87, 90, 93 e 94; Antonio Macieira; Afonso Costa; Ezequiel de Campos; Domingos Pereira; Carvalho de Araujo; Ramalho Curto; Carlos Richter, a velha alma portuguesa, rude e agreste, sincera e leal; Faustino da Fonseca, o orador pitoresco dos comicios da propaganda; Sousa Junior; Estevam de Vasconcelos, a honestidade maior comprimida num facciosismo extremo; Carlos Calixto, dos «leões», profissional do jornalismo como nós; Xavier Esteves; Antonio Maria da Silva; Rodrigues de Sá, padre e jornalista; Jacinto Nunes, o velho patriarca dos Municipios; Egas Moniz; Anselmo Xavier, poeta e jornalista, adversario de Lopo Vaz nos tempos em que isso era arriscado e dificil; Carvalho Mourão, filologo e erudito; Manuel de Arriaga, o eterno sonhador das «Harmonias Sociais»; João Barreira, do «31 de Janeiro», arqueologo dos mais distintos; Tomás Cabreira, o mais erudito dos nossos economistas que tantas vezes se bateu depois com Afonso Costa no Senado;



MANUEL DE ARRIAGA

Nunes da Mata, que tantas sessões de gargalhada nos havia de dar mais tarde com a sua exposição emaranhada e divertida, gongorica e romantica; José Relvas; Alfredo de Magalhães; Carlos da Maia; Magalhães Lima; João de Freitas, o turbulento senador das agitadas legislaturas de 913 a 915; França Borges, o jornalista vigoroso do «Mundo»; Dantas Baracho, antigo «Par do Reino»; o erudito Ladislau Piçarra; Tomé de Barros Queiroz; Alexandre Braga, o ultimo dos nossos grandes oradores de raça; Teofilo Braga; João de Menezes; Teixeira de Queiroz, o consagrado da «Comedia burgueza»; Goulart de Medeiros, rijo temperamento de atitudes; Sá Pereira; Augusto Monjardino; Correia Barreto; Antonio Granjo, o grande sacrificado; Antonio José de Almeida, cuja voz era um clarim de guerra; Tiago Sales e Pedro Martins; Sousa da Camara; Machado Santos; José Barbosa; Brito Camacho; Feio Terenas; Sidonio Pais; Vasconcelos e Sá e alguns mais que nesta curta resenha escaparam ao jornalista.

Estes foram, porém, os principais que nas pugnas rijas desse ano historico se salientaram em S. Bento.

* * *

Outras figuras faltaram lá. Aquelas que no tempo da Monarquia, o partido republicano tantas vezes indicou e que nas Constituintes não figuraram. Augusto de Vasconcelos, que é hoje senador; Antonio Luiz Gomes, que foi depois deputado; Guerra Junqueiro; Agostinho Fortes; Teixeira de Carvalho; Paulo Falcão; José Caldas; Manuel Maria Coelho; Conceiro da Costa; João Chagas; Bazilio Teles; Duarte Leite e outros, quasi todos nomes de consagrados na propaganda republicana.

* * *

Foram agitados os primeiros anos do regime parlamentar após a sessão inaugural de 19 de Junho de 1911, como agitada foi sempre, aliás, a nossa representação nacional. Sempre houve, no tempo da Monarquia como no tempo da Republica, tumultos, intervenção das galerias, scenas de pugilato, obstrucionismo, «gaffes», habilidades rasgos de oratoria e escapanços de gramatica. As «lacunas» foram de todos os Parlamentos. Desde essa memoravel sessão até hoje, a quantas scenas de pancadaria não tenho assistido nas duas Camaras, a quantas interrupções a quantas carteiras escavacadas, a quantos «corps-a-corps» violentos! A quantos! Nem sequer o sr. Homem Cristo foi outro dia original com a ameaça do pistolão, que essa ameaça era quasi o «pão nosso de cada dia» na legislatura de 1913, no Senado, por parte do dr. João de Freitas, em luta aberta contra o Partido Democratico!

Mas quantos ha aí que se recordam hoje do que foi a 1.ª sessão das Constituintes da Republica!?

Evoquêmo-la. A sua realidade esfumou-se já ha muito nas agitadas sessões que se lhe seguiram para que não seja interessante reconstruí-la hoje rapidamente, aos olhos do leitor...

* * *

Uma hora da tarde. Todos os «fauteuils» ocupados. Galerias apinhadas de gente de todas as camadas sociais e de ambos os sexos. Cá fóra, no largo, a guarnição disponivel e uma multidão enorme que se comprime, em manifestações de jubilo e que já não pode entrar. Braamcamp Freire toma a presidencia. Secretariam-no Miranda do Vale e Carlos Calixto. Por proposta do Presidente, que a Assembleia aprova, entram na sala quasi trezentos representantes das Camaras Municipais do Paiz.

Ha, nos seus logares, 166 deputados. O 1.º secretario lê o decreto confirmando a proclamação da Republica. Após a leitura, ha palmas e vivas, na sala e nas galerias. Faz-se silencio. Lê-se outro decreto — o que determina as côres da bandeira que o mesmo secretario faz, por alguns segundos, ondular sobre a presidencia, enquanto as manifestações se repetem.

* * *

Ha um novo silencio e uma nova leitura. E' para dizer que a «Portuguesa» é o hino nacional.

Na sala estabelece-se um verdadeiro delirio. Vivas, palmas. Um entusiasmo louco! Na galeria do Centro entoam-se os acordes do hino historico de Keill. Alguns deputados acompanham. Senhoras agitam lenços. Ha gente que chora de comoção.

* * *

Agora Braamcamp Freire pede silencio e propõe, comovido, que toda a Camara vá até á varanda central do edificio ler ao povo a proclamação da Republica. Novas aclamações. Da varanda do Palacio, Braamcamp reedita a proclamação. A bandeira nacional ondula ao sol de oiro que põe no largo faiscas aurifulgentes. As tropas desfilam em continencia, e até lá cima sóbe, em sussurro o classico, o «bronha ha» da multidão entusiasmada.

Regressa-se á sala. Faz-se de novo silencio. Braamcamp comunica o que acabava de passar-se. Estrugem palmas. Ha novos vivas. Teofilo Braga em voz debil e tremula outrega os poderes que lhe foram conferidos em 5 de Outubro. Braamcamp propõe á Camara que esses poderes lhe sejam confirmados até ulterior deliberação. A Camara aprova. E de novo, as palmas, os vivas, as manifestações de entusiasmo se repetem. Ha deputados que se abraçam. Ha lenços nas galerias que se agitam com frenesi. E daí a pouco, na rua, em frente ao edificio, deputados e povo confraternisam numa apoteose delirante. Eram duas horas da tarde.

* * *

Foi assim que se ratificou, constitucionalmente, a proclamação da Republica em Portugal.

PAULO FREIRE

CARLOS SILVA

Agente de publicidade do "Diario de Lisboa"

Faz os melhores votos de prosperidades e deseja festas felizes aos seus Ex.mos anunciantes e amigos.

MELHORIA CAMBIAL

Insofismavelmente o seu **beneficio** na **totalidade** visto que firmamos os nossos preços em **libras** para **liquidação** em **escudos** ao **cambio** do dia

Tubagem—Maquinas—Correias

Rua Poço dos Negros LISBOA

F. STREET & Co LTD

GRANDES ARMAZENS DO CHIADO

Actualmente

Todas as semanas

RETALHOS

A's 4.as
e 6.as feiras!

Grande venda de objectos para
brindes e obras de beneficencia
acompanhada de

Saldos baratissimos de fim de ano!

Todas as semanas

SALDOS

A's 4.as
e 6.as feiras!

TUDO A PREÇOS SENSACIONAIS!

Ninguem deve comprar seja o que fôr, sem primeiro visitar os

Grandes Armazens do Chiado

Banco Colonial e Agricola Português

Capital: 45.000.000$00 Séde: LISBOA

Tefefones C. 3640 — Direcção; 3641 — Gerencia; 3642 — Expediente

ENDEREÇO TELEGÁFICO GERAL **PROCOLONIA**

Codigos: Ribeiro, ABC-5.ª Ed., Lieber's, Bentléy's, Paterson

FILIAL NO FUNCHAL (MADEIRA)

Sucursais: S. VICENTE (Cabo Verde)--S. TOMÉ--LOANDA--BENGUELA MOSSAMEDES--LOURENÇO MARQUES--INHAMBANE--MOÇAMBIQUE

Agencia em Evora

Principais correspondentes em

Porto -- Pinto & Sotto Mayor
Londres -- Midland Bank, Ltd.
Paris -- Banque National de Crédit
Berlim -- Deutsche Bank
Rio de Janeiro -- Banco Português do Brasil
New-York -- Guaranty Trust, C.ª

Correspondentes em todas as localidades de

Portugal -- Açores -- Madeira -- Colonias Portuguesas -- Brasil e Estrangeiro

Representantes no Funchal e em Cabo Verde da

Companhia de Navegação LLOYD BRASILEIRO

COMISSÃO EXECUTIVA

Antonio de Brito — Dr. Eduardo Correia de Barros — Dr. Eduardo Fernandes d'Oliveira
Dr. José Gabriel Pinto Coelho — Henrique Ferreira

RAPAZES DO MEU TEMPO...

COMO SE FAZIA HA 20 ANOS

A REPORTAGEM

NOS JORNAIS DA CAPITAL

A reportagem, ha vinte anos, tinha qualquer coisa de sedutor. Ordenados pequenos, situações afflictivas, dificuldades de varia especie e de varia ordem, desde a andaina — quasi sempre a mesma — até, por vezes, ao sistema de alimentação, tudo isto se punha de parte e se esquecia quando um caso surgia a bolir nos com os nervos e a atirar-nos para o local do acontecimento. Sim, porque nesse tempo, o acontecimento, o crime, principalmente, eram as grandes atracções do «reporter», que ia até ás maiores minucias ao pormenor pequenino para contentar a avidez do leitor de então, menos boliçoso e ardente do que hoje, mas, por isso mesmo, mais votado a querer ver na noticia um pedaço de romance, assunto que lhe entretivesse o espirito durante o dia, que o forçasse a conjecturar sobre o destino do protagonista e, por vezes, a seguir de perto as chamadas diligencias policiais. Chegou se ao cumulo de quasi ser preciso inventar um caso para cada numero, visto que, na opinião dos directores, dia em que o periodico não deitasse cá para fóra um facto de vulto, o jornal não tinha merecimento e até a sua venda se afectava grandemente. Desta sorte, rapaz que entrasse nas gazetas para se dedicar ao jornalismo tinha sempre a porta da reportagem para evidenciar as suas qualidades. Fizeram essas provas muitos dos que hoje pontificam e alguns que, tendo deixado as lides da imprensa, ainda agora os consideramos como camaradas, embora aposentados. E' claro que, em reunião amena, quantas vezes nas ceias baratas do «Mealhada» e do «Tacão», reunidos os «azes» da reportagem dos diversos periodicos da época, pareciam os melhores amigos do mundo. Mas, no exercicio da função, póstos a trabalhar «á danada» num caso sensacional, era «traiçãozinha» que fervia, «caixa», «cai. inha» e «caixote» de fazer arreliar o parceiro até ao desespero. No entanto, é forçoso confessar que faz saudades a camaradagem desse tempo, com todos os horrores da permanente falta de dinheiro e dos ordenados «chorudos», que não passavam de 30 mil réis por mês, mas em que havia uma maior dedicação pela «Arte», muita alegria, uma vida inquieta pelo jornal, gestos de solidariedade que se esqueceram, um companheirismo que forçava o publico a conhecer nos e, quantas vezes, a auxiliar-nos na tarefa ingrata e exaustiva de saber «coisas», descobrir «coisas». E, agora, para relembrar tempos e factos idos, desses tempos em que até o «reporter» pretendeu criar um tipo que o distinguisse, desde a grenha hirsuta e descuidada, até ao fato e á gravata, aí vai um punhado de recordações, despretenciosas, desataviado.

O retrato da namorada

O «reporter» Z, que ainda hoje trabalha como um valente, tinha num diario de Lisboa a especialidade de desvendar os crimes ocorridos nos suburbios da capital. Habituou-se tanto á pécha de andar sempre de «tipoia» por fóra de portas, que um dia, num arraial, pilhou uma namorada, pequena da terra, cujo pai era dono de um modesto hotel e casa de pasto. Carteavam-se os dois «pombinhos», mas o camarada, que gostava da «saloia», mordia-se de raiva com a falta de barulhos e motins, para aquelles lados. O mais pequeno incidente no concelho lhe servia de pretexto para largas colunas de prosa cerrada, deixando sempre qualquer coisa para dizer no dia seguinte. Assim, ele satisfazia a gazeta e via o «derriço», sem se esquecer de provar dos «piteus» do futuro sogro. E como quere que as coisas se fossem adiantando, ao ponto de já se falar em casamento, o «reporter» Z, teve ganas de se amezendar uns dias no hotel da namorada e pôz em pratica o «truc» de mandar ao chefe da redacção um bilhete postal anonimo, pondo o ao corrente de um crime horroroso, praticado no interior de certa quinta, lá para aquelas bandas. Partiu o heroi para o local do assassinio, descreveu o minuciosamente, fez publicar o retrato da vitima — uma bonita cachopa — e entreteve os leitores durante os seis dias que durou a sua «vigiliatura». Chegado a Lisboa foi felicitadissimo. Mas, decorridas umas semanas, veiu a saber se que o crime não se déra, que a quinta não existia, que os personagens foram inventados e que o retrato da vitima era o da sua propria namorada, por não ter conseguido outro mais á mão.

Um passeio a Torre das Vargeus

Portugal ia entrar na guerra. Para preparação dos nossos soldados fez se a jornada de Tancos, com exercicios, permanencia no campo como se fosse em combate, experiencias, batalhas e, por ultimo, uma memoravel parada, cerca de Constancia, coisa bela e impressionista que fez vibrar o povo leu que a presenciou. A fina flor da «reportagem» para lá foi tambem durante aqueles longos dias de guerra a fingir, seguindo de perto todas as operações militares, descrevendo-as e animando com as suas descrições o espirito patriotico da soldadesca. Mas, a vida em Tancos, na celebre cidade de «Pau e lona», como lhe ficaram chamando, era uma arrelia. Os jornalistas, alguns dos quais se foram abaixo com tantas marchas e exercicios, dormiam pessimamente, umas casotas, e a respeito de comida nem é bom falar nisso. Um grupo, porém, de uns quatro ou cinco, de que era chefe o conhecido Benoliel, manobrou com tamanha inteligencia, que passou a alimentar-se no «restaurant» do Entroncamento, tinha automovel ás ordens na carruagem de 1.ª classe, da C. P., perdida ao pé das cancelas, para passar as noites e o «chalet» da mesma estação para as respectivas lavagens e o resto. Certo dia, fizera-se uma caminhada tremenda, a seguir a artilharia que ia bater-se num duelo monstro. O regresso, já de noite, fôra penosissimo. Jantamos a cabecear uns para os outros e quando nos instalamos nos bancos fôfos da nossa carruagem-dormitorio, caimos pezadamente a dormir — como uns justos. Decorreram horas. O primeiro que abriu o olho notou que uma restea de sol inundava o seu estreito compartimento. Mas, disperto em absoluto, caiu das nuvens, sentindo que a carruagem deslizava rapidamente, fazendo tilintar as suas ferragens sobre os carris. Despertada a rapaziada, correram todos as janelas da carruagem. Esta atrelada a um comboio enorme de mercadorias, descia um desfiladeiro. Esperou-se anciosamente, até que o comboio parou. Estavamos em Torre das Vargeus.

Ainda agora, nenhum de nós poude saber quem nos fez a partida daquele «engate» inmotivado, no Entroncamento, de uma carruagem de 1.ª classe a um comboio de mercadorias. O melhor, porem, é que nem por isso, os nossos jornais deixaram, no dia proprio, de ter as cronicas respectivas, acompanhadas de curiosas fotografias.

O sr. conselheiro já morreu?

Viveu em Lisboa, onde foi conhecidissimo, um conselheiro respeitavel que, nas horas vagas da politica, no partido regenerador, onde militava, era um dos mais apaixonados vinicultores do paiz, possuindo até variadas e riquissimas propriedades num concelho da nossa Extremadura. Velho bastante, o sr. conselheiro, mercê de uma vida folgada e assaz movimentada, com noites de estur , scenas do S. Carlos antigo, aventuras com bailarinas, noitadas etc., nos últimos anos da sua vida era raro o mês que não acudia, sempre a doença de caracter grave. Já se dizia, por vezes, naquele «mentidero» que foi sempre a Havaneza do Chiado; — Ainda não é desta que ele marcha!... O peor era para o pobre «reporter» que se incumbia de saber da preciosa vida de todas as pessoas ilustres — sempre preparado, naqueles tempos, com o respectivo necrologio — e com o encargo, ainda peor, de ir a suas casas saber novidades, porquanto a lista dos telefones e das pessoas subscritoras, era reduzidissima. Como de costume, certo mês, veiu a noticia de que o sr. «conselheiro X» voltára a adoecer. E todos os dias o pobre camarada lá ia para as bandas da Lapa a saber do seu estado, sempre de mal para peor. Farto de tantos passeios até á Lapa, o «reporter» pediu um dia a um colega que o substituisse, ensinando lhe o recado. O suplente foi, bateu á porta discretamente e como o outro lhe tivesse pintado o estado do enfermo como já de pés para a cova, preguntou, o mais ingenuamente possivel, á criada:

—O' menina o sr. conselheiro já morreu?

Palavras não eram ditas, o rapaz sentiu uma pancada sêca na cabeça, ao mesmo tempo que uma voz cavernosa, dizia:

—Não morreu, não, meu patife, porque está aqui, vivo e são, a darte a resposta.

Resultado: averiguou-se que as doenças do conselheiro eram pretextos para se escapar de uma amante importuna, e, sabido isto nas gazetas, como ninguem se importasse mais com as suas enfermidades, quando morreu realmente, só se soube do caso no dia seguinte.

NOBRE MARTINS

NATAL Não comprem artigos para brindes sem visitarem a casa Bastos Silva, L.da Rua de S. Nicolau, 81 — LISBOA

2566	(cautelas)	3.000:000$00
4428	»	300:000$00
2567	»	38:400$00
120	(quadragesimos e cautelas)	10:000$00

FORAM OS PREMIOS VENDIDOS ONTEM PELA FELIZ TABACARIA

CONDEIXA

RUA DO ARCO BANDEIRA, 211

(PROXIMO AO ROCIO)

Para a proxima loteria, grande variedadade de bilhetes e cautelas de todos os cambistas

2566... 3.000:000$00 — 2567... 38.400$00

FORAM OS PREMIOS VENDIDOS PELO

Kiosque Viola

LARGO DE S. ROQUE

(Em frente das escadinhas do Duque)

Grande sortido de bilhetes e cautelas de todos os cambistas

GRANDE PALPITE PARA A ULTIMA LOTERIA DO ANO

COMPANHIA DE MOÇAMBIQUE

Governo do Territorio de Manica e Sofala

SÉDE: Largo da Biblioteca Publica, 10—LISBOA

Comité de Londres
Thames Houce-Queen Street Place
LONDON, E. C.

Comité de Paris
17, Boulevard-Haussman
PARIS

MOVIMENTO COMERCIAL EM 1923

Importação	4 374.373$00	Escudos ouro
Exportação	6.560.358$00	» »
Reexportação	21.331.648$00	» »
Baldeação	6.155.418$00	» »
Transito	9.999.616$00	» »
Cabotagem	2 201.151$00	» »
Total do Movimento	50.612 567$00	Escudos ouro

Companhia Nacional de Navegação

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Serviço regular entre a Metropole e a Africa Ocidental e Oriental Portuguesa

Saidas de Lisboa em 1 de cada mês para os portos d'Africa Ocidental e Oriental. — Saidas de Lisboa em 15 de cada mês, para todos os portos da Africa Ocidental. — Saidas extraordinarias de Lisboa e portos do norte da Europa para a Africa, unicamente para carga.

FROTA DA COMPANHIA — Paquetes: «Nyassa», 8 965 tcn.; «Angola», 7.745; «Lourenço Marques», 6.355; «Moçambique», 5.771; «Africa», 5.491; «Pedro Gomes», 5.471; «Beira», 4.973; «Portugal», 3.998; «Luabo», 1.395; «Chinde», 1.382; «Manica», 1.116; «Bclama», 985; «Ibo», 834; «Ambriz», 853. (Serviço de cabotagem).

Vapores de carga: «Cubango», 8.300 tcn.; «Cabo Verde», 6 200; «S. Tomé», 6.350; «Dondo», 6.000; «Congo», 5080.

Rebocadores no Tejo: «Tejo», «Cabinda» e «Congo».

Todos os vapores desta Companhia têm frigorificos, luz electrica, excelentes acomodações e todos os modernos requisitos de navegação, proporcionando aos srs. passageiros viagens rapidas e comodas.

Escriptorios da Companhia: **LISBOA — Rua do Comercio, 85. PORTO — Rua da Nova Alfandega, 34.**

AGENTES: — ANVERS, Eiffe & C.º, Quai van Dyck 10. — HAMBURGO, E. Th Lind, Amsterdamm 39 Europahaus. — ROTTERDAM, H. van Krieken, P O B 662.

Telefones: — Administração, C. 1527 — Chefe do Expediente, C. 1000 — Informações, C. 603 — Tesouraria e Passagens, C. 2665 — Comissariado e Serviços Medicos, C. 3202 — Engenheiros (Cais da Fundição), C. 3952 — Caes da Fundição, C. 2087 — Deposito e Armazens, C. 4012.

COMPANHIA PORTUGUEZA DE PHOSPHOROS

SOCIEDADE ANONIMA, RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital ESC.: 11.999:970$00

Dividido em 265:666 Acções de valor nominal de 45$00 cada uma

Sede: Rua de S. Julião, 139 — LISBOA

Concessionaria dos exclusivos de phosphoros e isca em Portugal (continente e ilhas adjacentes)

REVENDEDORES GERAES:

Em Lisboa: Nogueira Marques & C.ª — Rua da Alfandega, 92

No Porto: Alves Macedo & Borges, Sucrs. — R. do Bomjardim, 77

AFILIADA: SOCIEDADE COLONIAL DE PHOSPHOROS, L.DA

(Concessionaria do exclusivo da Industria de phosphoros na provincia de Angola)

PEÇAM EM TODA A PARTE OS FINOS E SABOROSOS

CHOCOLATES E BOMBONS

DA

FABRICA SUISSA

e as deliciosas bolachas da antiga

Fabrica da Pampulha

Produtos sem rival — Os melhores do mercado

DA

Companhia Comercial e Industrial Portuguesa, L.da

Premiada com MEDALHA DE OURO em 1923 na EXPOSIÇAO INTERNACIONAL DO RIO DE JANEIRO

R. 24 de Julho, 126---LISBOA

Wagons e locomotivas

da importante fabrica alemã

LINKE-HOFMAN-LAUCHHAMMER

representantes para Portugal e colonias

COMPANHIA PORTUGUESA DO ULTRAMAR

Rua do Carmo, 15, 1.º — *Telefone 1723*

BANCO DE PORTUGAL

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

CAPITAL 13.500:000$

SEDE EM LISBOA

Rua do Comercio, 148

(Vulgo CAPELLISTAS)

Caixa Filial no Porto

Agencias em todas as capitaes dos distritos administrativos do Continente e ilhas dos Açores e Madeira, na Covilhã e Guimarães, na Figueira da Foz e em Setubal.

Correspondentes nas principaes terras do paiz. Correspondentes nas Praças principaes da Europa e do Brasil.

OPERAÇÕES: Descontos, transferencias, emprestimos e creditos em conta corrente, com garantias determinadas pelos seus estatutos.

Compra e venda de cambiaes, cartas de credito sobre praças estrangeiras, depositos de dinheiro e de valores e todas as transacções que pela natureza especial da sua instituição lhe são permitidas.

COMPANHIA DE SEGUROS

TRANQUILIDADE PORTUENSE

Fundada em 1891

Agentes em Lisboa: J. D'OLIVEIRA, LIMITADA

RUA DOS FANQUEIROS, 35, 1.º

COMPANHIA DOS TABACOS DE PORTUGAL

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

CAPITAL: Esc. 9.000:000$00

SEDE — Avenida da Liberdade, 12 — LISBOA

COMITE DE PARIS — Rua Lafayette, 11 — PARIS

Fabricas

Em LISBOA: LISBONENNSE — R. de Santa Apolonia; XABREGAS — R. Direita de Xabregas

No PORTO: LEALDADE — R. Costa Cabral; PORTUENSE — Poço das Patas

Em LOURENÇO MARQUES: AVENIDA CENTRAL

Em LOANDA: R. SALVADOR CORREIA

Depositos geraes

Em LISBOA: Rua Direita de Xabregas — No PORTO: Campo 24 d'Agosto, 31

Os tabacos desta Companhia encontram-se á venda em todos os estancos do paiz e das Agencias do Ultramar.

ANTONIO MARIA PIRES

CORRETOR OFICIAL

88, Rua do Comercio, 88 — Lisboa

Telef. C. 2718 — End. teleg. CORRETAGEM

Compra e venda de papeis de credito. Bilhetes de tesouro — CAMBIOS

Compra e venda de PROPRIEDADES

ACEPIPES DO NATAL

A FESTA DA FAMILIA POLITICA

J. D. dos S.

Do peru, tem predilecção pelos corais vermelhos e, assim, come a cabeça a este

A. M. da S.

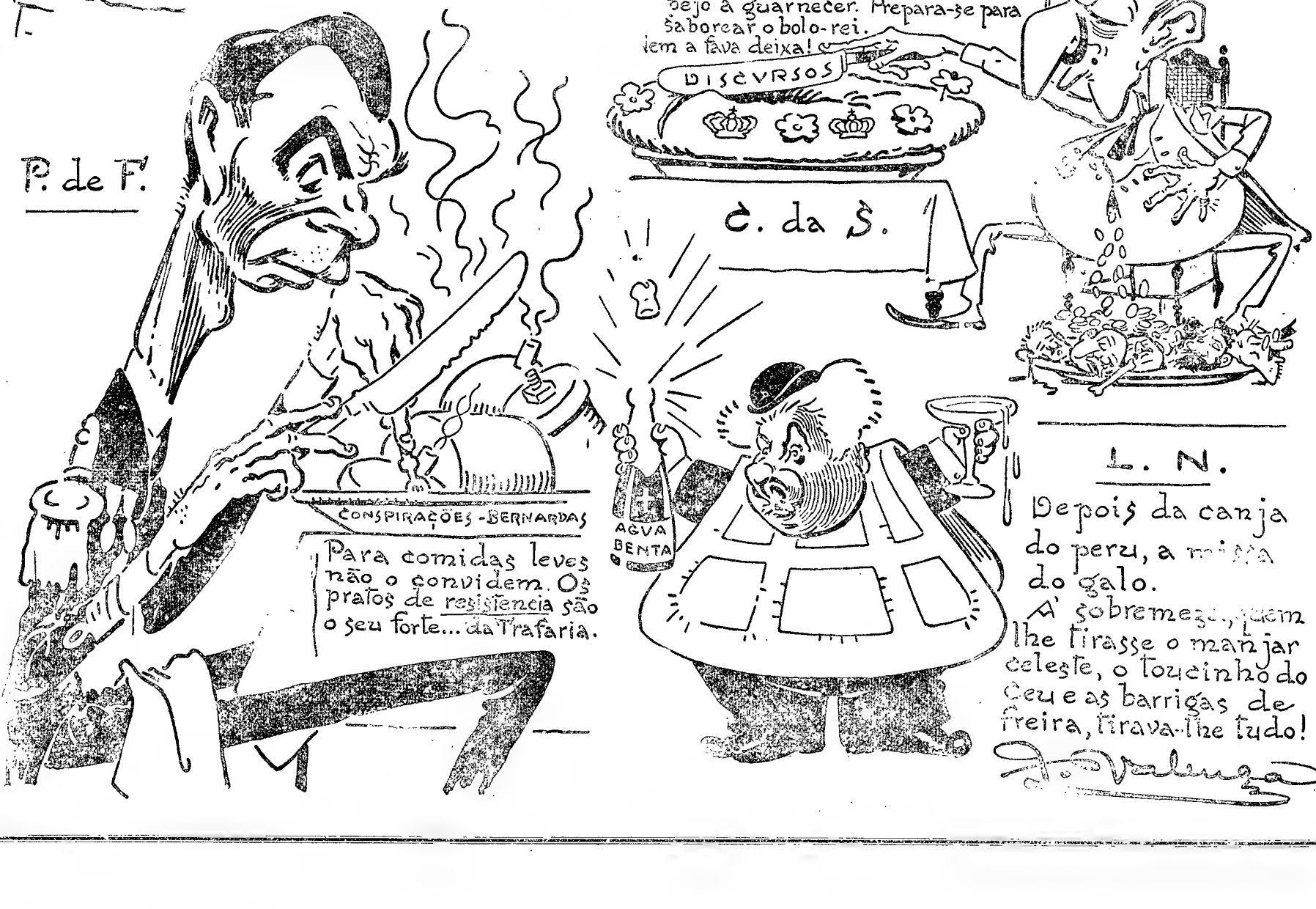
Reduzido a roer um osso. Ossos do oficio!... Outra vez comerá a carne.

O inventor do piteu Fôrças vivas à la broche. Quanto mais enterra o garfo, mais pingam e respingam. Fazem escabeche, espirram muito, mas dão um belo chorume.

A. de C.

Belo garfo! Come a posta da Universidade emquanto não pesca peixe mais graúdo.

C. L.



Já se bateu com meia duzia de inquilinos recheados de aumentos de rendas, com mandados de despejo a guarnecer. Prepara-se para saborear o bolo-rei. Vem a fava deixa!

C. da S.

P. de F.

Para comidas leves não o convidem. Os pratos de resistencia são o seu forte... da Trafaria.

L. N.

Depois da canja do peru, a missa do galo. A' sobremeza, quem lhe tirasse o manjar celeste, o toucinho do ceu e as barrigas de freira, tirava-lhe tudo!

A. Valença

TEATRO NACIONAL Telef. N. 3049

HOJE — A's 9 1/2 da noite

SEGUNDA REPRESENTAÇAO

(3.ª de assinatura) com a peça em 3 actos, de Wolff, tradução de **José Sarmento**

O DESEJO

Enscenação de Rafael Marques

Scenarios de Campos e Oliveira

TEATRO SÃO LUIZ

TODAS AS NOITES

O maior exito teatral

"A Dança das Libellulas"

Dia de Natal — Grandi sa «matinée» com

A Dança das Libelulas

Teatro MARIA VITORIA

TODAS AS NOITES

DUAS SESSOES A's 8 1/2 e 10 1/2

As onze mil virgens

Numeros repetidos

Primoroso desempenho

Politeama Emp. Luís Pereira — Telef. 3028 N.

HOJE, ás 21 41.ª representação da comedia

E' PRECISO VIVER

Depois da peça — Em fim de festa

Ultima semana da notavel «tonadillera»

CANDIDA SUÁREZ

Quinta-feira «Matinée»

com a comedia «E' PRECISO VIVER»

TEATRO da TRINDADE

Emp. JOSE' LOUREIRO TELEF. C. 876

Companhia PALMIRA BASTOS

HOJE, ás 21,15 A pedido do publico

Idade de amar

QUINTA FEIRA, 25: Dia de Natal — 1.ª representação da celebre peça de Pierre Frondaie, tradução de José Sarmento.

CASA CERCADA

JACKIE LOOGAN

tem o seu rival

mais directo

em

Regine Dumieu

a espantosa tragica de 6 anos de edade que, em conjunto com

Signoret

e **Rita Jolivet**

fazem do «film»

Rogerio Laroque

da obra de Jules Mary e posto em scena por J. Baroncelli, um dos melhores «films» do ano e o sucesso do

CINEMA CONDES

POLICLINICA DO ROCIO

Largo do Camões, 19 (ao Rocio) - Tel. Norte 3747

Dr. Amor de Melo	Boca e dentes, 10 h.
Dr. A. Pina Junior	Clinica geral e doenças das crianças — 13 h.
Dr. Camossa Saldanha	Rins e vias urinarias — 10 e 1/2 h.
Dr. Cancella d'Abreu	Medicina geral, doenças nervosas — 15 h.
Dr. Cordeiro Lobato	Garganta, nariz e ouvidos — 13 h.
Dr. F. Martins Pereira	Medicina geral, coração e pulmões — 15 e 1/2 h.
Dr. Henrique Roquette	Olhos — 15 h.
Dr. Luiz Ottolini	Cirurgia, doenças das senhoras e partos — 14 e 1/2 h.
Dr. Jorge Falcão	Pele e sifilis — 14 e 1/2 h.
Dr. Gentil Branco	Raios X.

"SANTINITINE"

O MELHOR DE TODOS OS LICORES

DEPOSITO GERAL

70, 2.º — RUA AUGUSTA — 70, 2.º

TELEF. C. 1196

Os mais lindos e elegantes modelos de casacos que vestem as senhoras verdadeiramente "chics" da capital, são confeccionados com os magnificos tecidos que se encontram na casa

Guilherme Vidal

R. Ivens, 53

(ao Chiado)

E' magnifico

O sortido de artigos de metal nikelados que chegaram para o 81 da Rua de S. Nicolau, BASTOS SILVA, LTD.

Os seus preços foram feitos em relação com o cambio actual.

A Urotropina Schering

o remedio soberano contra as doenças da bexiga e dos rins. Poderoso profiláctico contra toda clase de infecções.

O melhor brinde

Charutos em pequenos cofres e caixas artisticas da mais fina qualidade e aroma. Importação directa, os melhores preços. Só na

V.ª Contreras & F.º

R. Primeiro de Dezembro, 7

PEREIRA

ALFAIATE

Fatos desde 360$00

Sobretudos desde 320$00

R. Prata, 266, 1.º

S. CARLOS Telef. C. 3063

Companhia LUCILIA SIMOES sob a direcção artistica de LUCINDA SIMÕES

HOJE — A's 9 1/2 da noite — Vibrante entusiasmo

MADAME FLIRT

Brilhantissima criação de LUCILIA SIMÕES

Preços: Fauteuils, 9$00; camarotes, 40$00; 30$00, 20$00 e 12$00; galeria, 2$50

Teatro AVENIDA

Telefone N. 4356

HOJE A opereta

A MENINA DO CHOCOLATE

EDEN TEATRO Telef. N. 3800

HOJE, ás 9 1/2 da noite — Sucesso incomparavel

Uma noite inteira a rir

com a Companhia OTELO DE CARVALHO

na deslumbrante e graciosa magica

O BOLO REI

ampliada com o quadro novo

A cova do ladrão

Teatro de S. Carlos Tel. C. 3063

Sociedade do Teatro de S. Carlos, Lt.

6.ª epoca 1924-1925

Temporada de Opera Francesa

Sob a direcção do notavel maestro da Opera de Paris Mr. GABRIEL CROLVEZ

a inauguração nos primeiros dias de Janeiro

Atendendo aos numerosos pedidos recebidos e encerrado o periodo da assinatura normal, resolveu a Empresa facultar ainda, durante poucos dias a acquisição de meias assinaturas para a temporada franceza mediante as condições que no escriterio se indicarão

---

POLICLINICA DA RUA DO OURO

Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.º

Telefone N. 5353

Medicina, coração e pulmões — **Dr. Armando Narciso** — 4 h.
Cirurgia geral, operações — **Dr. Bernardo Vilar** — 4 h.
Rins, vias urinarias — **Dr. Miguel Magalhães** — 10 h.
Pele e sifilis — **Dr. Correia de Figueiredo** — 11 e 5 h.
Doenças nervosas, electroterapia — **Dr. R. Loff** — 1 1/2 h.
Doenças dos olhos — **Dr. Mario de Mattos** — 2 h.
Doenças das crianças — **Dr. Cordeiro Ferreira** — 2 h.
Garganta, nariz e ouvidos — **Dr. Mario Oliveira** — 12 h.
Estomago e intestinos — **Dr. Mendes Bello** — 3 h.
Tratamento da diabetes — **Dr. Ernesto Roma** — 5 h.
Boca e dentes — **Dr. Armando Lima** — 10 h.
Cancro e radio — **Dr. Cabral de Melo** — 4 h.
Analises chimicas — **D. Gabriela Beato** — 4 h.

TINTAS ATLANTIC

MARCA REGISTADA

PARA NAVIOS

e construção civil

T. do Corpo Santo, 21, 1.º — Lisboa

Tel. C. 3127 — Teleg. Warps

COMPREM!!

SOBRETUDOS

CAPAS A' ALEMTEJANA

FATOS

SAMARRAS

GABOES D'AVEIRO

Ou mandem fazer na

CASA DAS TESOURAS

51, 51-A, R. Escola Politecnica, 53, 55

CALÇADO ATLAS

Novos preços desde 1 de Dezembro

DEPOSITOS { Rua do Ouro, 198 / Rua Augusta, 149 / Rua do Carmo, 87

PAGINA DE SAUDADE

João Franco Monteiro
e o jornalismo
do seu e do nosso tempo

Pedir a alguem que escreva as suas memorias é passar-lhe um atestado de velhice... Pelo menos, esse alguem já dobrou o cabo tormentoso dos cincoenta anos. E' o que me acontece, acrescentando mais três... Atendendo a esta circunstancia, que não é para despresar, o conselheiro Antonio Cabral, sempre amavel e sempre amigo, quando nos encontramos de quando em vez, insta comigo para que escreva as minhas memorias:

—Conheceu muita gente, sabe muita coisa, publique tudo isso. Olhe que é um bom elemento para a historia, de futuro...

—Ha-de ser um dia, ripostava eu, no apatico remanso da minha indolencia...

E os meses voavam, sem que encetasse a tarefa, até que o Alvaro de Andrade—sempre encalmado, não obstante este siberiano Dezembro—se lembrou de me fazer a pirraça de pedir um trabalho em que, a par da narrativa da minha entrada para o jornalismo, o confrontasse no seu aspecto antigo e o da actualidade.

E', evidentemente, um capitulo de memorias, uma grinalda de recordações bem gratas ao coração, zeloso da lembrança da juventude, quando pressente o futuro proximo e impertinente da velhice ..

Terei de falar de mim, num antipatico, mas indispensavel subjectivo eu; mas, em compensação, falarei de muitas pessoas, quasi todas ilustres; algumas, astros de primeira grandesa que a morte levou e que a historia recolheu no seu escrinio de ouro! Outras, ainda felizmente vivas, mais ou menos em foco nesta luta da existencia, tantas vezes ingrata, tantas vezes desesperada...

* * *

O jornalismo foi sempre para mim uma aspiração natural. Não ambicionava alistar-me nas suas fileiras, como veículo de egoismos ou de baixos interesses. Nem precisava disso, altivamente o declaro. Era uma vocação, não era uma ambição! Era um sacerdocio, não era um expediente de modo de vida. Levou-me a politica, em que havia e ha a sincera nobresa do infortunio, á redacção da *Nação*. Ainda era colegial! Estava o orgão legitimista num primeiro andar da rua do Cruscifixo. Lembro-me como se fosse hoje! E as voltas que depois deu!... Da rua do Cruscifixo passou para a rua do Principe, da rua do Principe para a rua Ivens, da rua Ivens para a rua Nova do Carmo, da rua Nova do Carmo para a travessa da Espera (frente para a rua de S. Roque), da travessa da Espera para a rua da Horta Seca, da rua da Horta Seca para a rua da Era e da rua da Era para a antiga rua do Duque de Bragança, hoje rua da *Luta*, na mesma casa onde se acha instalada a *Epoca*! Foi ali que *suspendeu*!... Não me atrevo a acreditar que *A Nação* morresse. *A Nação* foi sempre um milagre! Um dia resurge, nem que seja trisemanal, como o foi nos ultimos anos da Monarquia. Mas estará de pé! E' o sonho doirado de muita gente!...

A Nação, nesse periodo já longinquo, era uma instituição familiar. Redactores e visitantes, todos se conheciam de pais a avós e de avós a netos. Indagava-se: quem é? E logo surgia alguem que punha em pratos limpos não só a identidade, mas, muitas vezes, a geneologia do recem vindo.

Lá me relacionei com João de Lemos, o grande poeta, trovador romantico, de exuberante fé religiosa e patriotica; Antonio Pereira da Cunha, politico, meticuloso cultor das musas, prosador elegantissimo e panfletario notavel; seu filho Sebastião, poeta de grandes vôos, meu saudoso companheiro e amigo dos mais fieis; Nicolau de Brito, uma creatura originalissima, *dilettanti* do jornalismo, mas com talento para dar e vender. Alugámos, mais tarde, um quinto andar na rua do Loreto. Dizia Julio Mardel que eu, pela circunstancia de viver com o Nicolau e naquelas alturas, erá um belo empenho para a lua...

Bacharel formado em direito, fôra, em Coimbra, condiscipulo de João de Deus. Muitos anos não se viram. Em 1894 reataram as interrompidas relações, por meu intermedio. Quantas vezes jantámos juntos, na antiga Calçada Nova da Estrela, hoje rua João de Deus, em casa do altissimo poeta—o Poeta por excelencia—que foi o primeiro lirico do seu tempo!...

Um dos redactores efectivos da *Nação* era Augusto Porfirio de Carvalho Pereira, sem duvida um dos maiores jornalistas de Portugal e um dos homens mais bondosos e o mais modesto de todos os que tenho conhecido. Apraz-me regista-lo aqui, como ainda ha poucos dias o evoquei, conversando com seu genro, o sr. dr. Pedro José da Cunha, ilustre reitor da Universidade de Lisboa.

Porfirio de Carvalho estimava-me e, quando via na minha pena de eventual colaborador, alguma coisa que a sua amizade exagerava a ponto de supôr de geito, sorria de contentamento. Outro tanto hoje me sucede ao seguir, a par e passo, os autenticos triunfos jornalisticos da bela e inteligente rapaziada nas colunas do *Diario de Lisboa*.

Resta-me falar do Fernando Pedroao, o santo velhinho, de coração de ouro e de alma nobre e pura, que dirigiu o velho jornal legitimista, logo que, após o falecimento de Antonio Pereira da Cunha, assumiu a chefatura do partido, esse homem de reputação europeia, que foi o dr. Carlos Zeferino Pinto Coelho, um dos primeiros advogados do seu tempo.

Fernando Pedroso era o seu braço direito e, depois das colonias e das missões ultramarinas, não via outra coisa se não Pinto Coelho...

Munuel Maria Augusto da Silva Bruschy, o mais novo de quantos tenho mencionado, sucedeu a Fernando Pedrsoo na direcção da *Nação*, sendo o mais antigo dos seus redactores, Dele não falo—companheiro querido de trinta e tantos anos—uma inteligencia e uma eloquencia que, sem o minimo exagero, o eguala, se ás vezes o não avantaja, aos grandes oradores que tem havido e ha em Portugal.

Toda esta gente era sã e—vejam bem—duma tolerancia e duma afectuosidade unicas. Na *Nação* terçaram armas, em épocas diferentes, entre outros, dois grandes jornalistas e dois grandes amigos meus: Avelino de Almeida e Aprigio Mafra. Cada qual seguiu seu rumo e podem testemunhar se alguma vez ali se ofendeu ou desrespeitou as crenças fôsse de quem fôsse, mesmo quando a *Nação*, graças ao impulso de Antonio Cabreira, se tornou o jornal mais concorrido de Lisboa.

Cabreira, fundando o Instituto 19 de Setembro, ventilou e arejou aquelas salas, onde, até aí, tudo era venerando, imprimindo um cunho de marfim até á propria mocidade, que nelas transitava!... Foi quando apareceram Alfredo Serrano—ainda me comove escrever este nome—; Zuzarte de Mendonça, jornalista distinto e amigo lealissimo, que já é avô e ainda tem pae, que parece mais novo de que o filho, com os seus atrevidos bigodes á d'Artagnan... E, com estes, vieram outros, que não cito para evitar o melindre de involuntarias omissões...

* * *

O *ultimatum* agitára o país; dessa nevrose patriotica aproveitou, um pouco, o velho legitimismo. Surgiram adesões. Umas vinham de solares da provincia, onde o decaido credito politico vivia latente; outras manifestaram-se em elementos de valor, que não tinham a impulsioná-los o élo da tradição familiar. Neste caso está—me parece—Gualdino Gomes, o unico, o tipico Gualdino que toda a Lisboa conhece. Somos amigos desde 1890. Caso curioso: nascemos no mesmo dia, mas ele é mais velhote...—que eu não deixo os meus creditos por mãos alheias.

Gualdino e Bruschy apresentaram-me a Fialho de Almeida, no velho Martinho. Fialho estava na baila. Imprimiam caracter indelevel esses maravilhosos trechos dos *Gatos:* o perfil do Sergio e as paginas imorredouras ácêrca da morte e do enterro de el-rei D. Luiz.

Recorda-me com saudade a impressionante cerimonia.

A capital e o país inteiro vestiram-se de dó, e o proscrito D. Miguel II, em carta dirigida a Antonio Pereira da Cunha, ordenava aos seus partidarios que tomassem luto pelo seu proximo parente, falecido após as mais cruciantes dôres...

Desta epoca datam os meus primeiros traços jornalisticos. As *Novidades* ocupavam então o lugar qne hoje é pertença do *Diario de Lisboa*, entre os jornais da noite. Dirigido por Barbosa Colen, substituindo Emygdio Navarro, ministro em Paris, era um jornal bem feito, bem escrito, bem informado. O *bom tom* frequentava-o, e tambem subi as suas escadas—sem intuitos politicos, é claro — de camaradagem amiga com Armando da Silva — um valor real que a morte colheu cedo — e com o Conego Abrantes, capelão dos Condes d'Azambuja e administrador do jornal. Tambem lá colaborei e dentre os seus redactores, como Melo Barreto, José Sarmento, Eduardo de Noronha, etc., alcancei amisades e afectos, que se invocam com ternura, em vesperas de Natal!...

O jornalismo daqueles tempos era diferente do de hoje. A entrevista mudou a feição do jornal, como o cinema alterou a fisionomia da cidade. Uma noticia de meia duzia de linhas, sêca e grave, é agora uma eutrevista de duas colunas! Revelava-se, duma maneira sobria, um acontecimento ou um caso politico. Hoje, o jornalista indaga directamente, põe-se frente a frente de quem lhe pode revelar ou esclarecer factos, descrimina, policia, arranca a um sorriso, a uma frase, a uma negativa, a um olhar, a um retraimento, a uma afirmação ficticia, a verdade manifesta ou reservada, o que se quer dissimular e o que se pretende ocultar, segredos de gabinete e propositos inconfessaveis, manejos de financeiros ou intrigas de politiqueiros, toda a vida intensa, febril, louca, falsa, apaixonada, incerta desta epoca de transição, onde nada é estavel, nada perdura, porque ninguem sabe, em tudo e por tudo, o que será o dia de ámanhã!

O jornalismo, logicamente, resente-se do meio em que acciona e vive. Perdeu o molde arcaico, academico, resto dos antigos cronistas, agindo numa atmosfera em que havia, ainda, uns laivos do quer que fosse das cabeleiras empoadas do seculo XVIII e do burel fradesco dos visinhos teatinos!

Tudo isso se evaporou, evolutindo numa graça ligeira, num comentario alegre ou contundente, iconoclasta ás vezes, veloz com a telegrafia sem fios, ruidoso e apressado como a tração electrica, que deixa num chinelo os pobresinhos dos *americanos* dos, para mim, saudosos tempos que vou tracejando em fugidias notas ..

O jornalismo é outro. As proprias *Novidades*, de Barbosa Colen, aparte o fulgor do seu brilho literario, outras seriam hoje, se ainda estivessem nas mesmas mãos que as guindaram á maior altura dos jornais portugueses.

Não cometo o desprimor de me referir ao colega que usa do mesmo titulo e que mal conheço. Falo das *Novidades* do passado, onde, aí pelos meus 22 ou 23 anos, escrevi o meu primeiro artigo de fundo...

Era, então, um *diletanti* do jornalismo. Fui-o durante muito tempo, até que Silva Bruschy, promovido a chefe da contabililidade do ministerio do Reino, abandonou *A Nação* e eu substituiu-o como director.

Eis completa, melhor ou peior, a minha pagina de saudade, um trecho de memorias da minha acidentada vida, dessas que me aconselha o sr. conselheiro Antonio Cabral.

Deixo aqui um pouco do meu coração, no retrospectivo olhar duma existencia que não volta. Não é um registo de notas intimas, de esperanças que desfolharam, de desenganos que feriram a alma, de labios de mulheres que ainda escaldam na face. Não é nada disso. E' a impressão fugidia do que foi e do que é. Muita cinsa de cemiterio e muita vida que ainda promete larga expansão. Muitas recordações que sensibilisam e que faz bem relembrar.

A incumbencia, afinal, agradou-me. Vivi uns momentos no Passado, e eu sou homem do Passado, sem que por isso deixe de compreender o Presente e, talvez, de adivinhar o Futuro...

O que é certo é que escrevi com o coração, o coração onde floresce a saudade, entrelaçada na Amizade—e essas cabem bem nas paginas amigas do *Diario de Lisboa*.

João Franco Monteiro.

INSTRUMENTOS CIRURGICOS

Aparelhos de Medicina e Laboratorios—Electricidade Medica

Mobiliario Cirurgico—Mesas para operações, Cadeiras para dentistas, Esterilizadores, Catres, Macas rodadas, Autoclaves, Estufas. **OFICINAS PROPRIAS.**

Medalha Ouro na Exp. Internacional do RIO DE JANEIRO 1922

Balanças de Precisão. Microscopios Koristka e C. Reichert.

Analises, Vacinas e Sóros. Especialidades farmaceuticas e **Productos quimicos.** Ampolas PHILIPS para radiologia. Aparelhos de desinfecção. **Ambulancias.**

Enviam-se projectos e orçamentos. Pedidos aos

Estabelecimentos ALVARO CAMPOS

103—LARGO DAS DUAS IGREJAS—103

Telef. C. 1017 Teleg. ALCALI

MOBILIAS

Em todos os Estylos e para todos os preços encontrando-se sempre uma verdadeira diferença de 40 o|o devido a serem antigos fornecedores das Lojas de mobilias em todo o paiz.

Exposição de moveis em genero antigo—Decorações de casas completas—Grande variedade em Carpettes, Veludos, Tapetes, tapessarias, capachos, etc., etc.

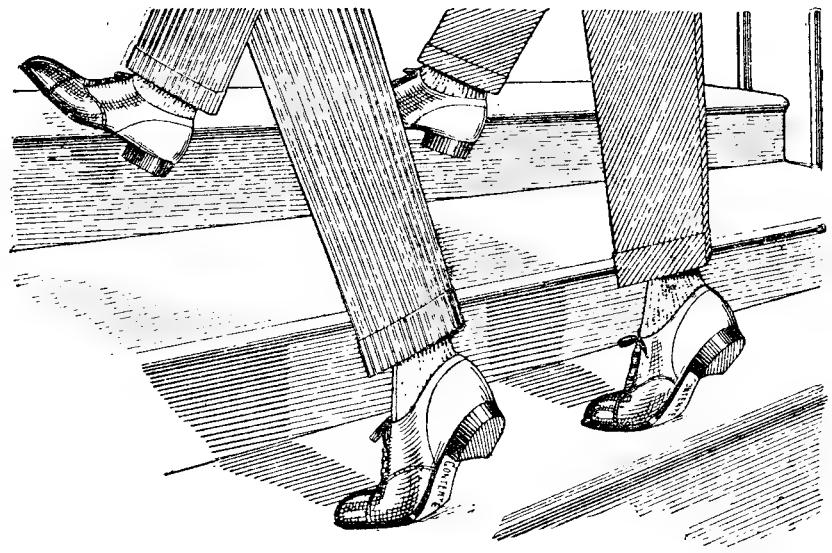
ARNALDO GOMES & C.ª

RUA EUGENIO DOS SANTOS, N.º 179, 1.º ANDAR

(Predio da Esquina d'Annunciada)

PORQUE NÃO COMPRA V. EX.ª OS SEUS CALÇADOS Á SAPATARIA CONTENTE LTD.?

V. Ex.ª não deve entrar no novo ano sem calçar os Calçados Contente!



Ao preço reclame de Escudos 100$00 em qualquer genero a gosto de V. Ex.ª.

Sapataria Contente Ltd.

74, RUA DO CARMO, 74

Mario Gastão Ferreira

CORRETOR OFICIAL

83—Rua do Comercio, 83—Lisboa

TELEFONE C. 2718

Endereço telegrafico: CORRETAGEM

COMPRA E VENDA DE PAPEIS DE CREDITO

Bilhetes de tesouro

Cambios

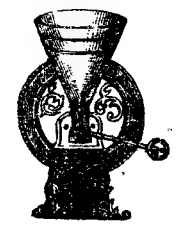
Compra e venda de propriedades

Agua
Gaz
Electricidade
Louças sanitarias
Banheiras esmaltadas
Candieiros e lustres

BICO NACIONAL AEREO

R. 1.º de Dezembro, 35-37—Telef. 3047 Norte

ANTIGA CASA ENCARNAÇÃO



SUCESSOR: M. V. DA FONSECA

Balanças, pesos e medidas. Cofres, fogões, moinhos e torradores. Prensas de copiar e acessorios. Louça esmaltada, máquinas de picar e outras, etc.

25, 27, R. da Victoria, 29, 31 — R. dos Correeiros, 74 a 96

Telefone 3:061—Encarnação ◇◇◇ LISBOA

N. B.—Não confundir a verdadeira e antiga casa Encarnação, de existencia secular, com outras da mesma industria, que dizem ser a mesma casa

COMPANHIA DA ILHA DO PRINCIPE

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

CAPITAL 9.900:000$00

Sede:—Rua do Comercio, 31, 1.º—Lisboa

CONFORTAVEIS

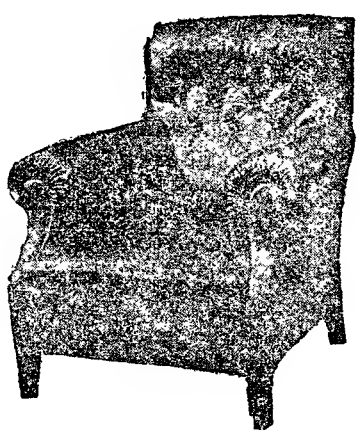
GENERO «MAPPLE» FORRADO DE PELLE, ETC.

MOBILIAS

GRANDE SORTIMENTO DE

CARPETES

A PREÇOS BARATISSIMOS



JOSÉ OLAIO & C.ª (FILHO)

RUA DA ATALAIA 36 a 40—(Predio todo)

TEL. C. 3082

RICAS MOBILIAS

Deslumbrante Exposição

Grandes e variados modelos de luxo, pelos preços antigos sem aumento

VENDAS SEM INTERMEDIARIOS

Economia de 20 a 30 °|o

Tudo quanto se faz de melhor, confortavel e chic, em todos os generos de mobilias nos estilos antigos e modernos

MAPLES em pele verdadeira—Bronzes de arte, etc.

A's pessoas de bom gosto e economicas impõe-se uma visita ao salão de vendas e oficinas da bem conhecida e acreditada

ANTIGA MARCENARIA DO DESTERRO

DO FABRICANTE PROFISSIONAL

MANUEL FILIPE DA SILVA JUNIOR

Rua do Desterro, 17 a 29

MANHÃ DE SANGUE...

O que foi a batalha

TRAVADA NA FLANDRES

em 14 de Agôsto de 1917

Posto de soccorros avançados — Primeiros alvores de uma nevoenta manhã da Flandres — Ininterruptas rajadas de metralhadoras tingem de sangue a neblina do amanhecer.

SARGENTO-ENFERMEIRO — Começa bem o dia!

ALFERES-CAPELÃO — Mal tu sabes que dia é hoje.

SARGENTO-ENFERMEIRO — 14 de Agosto de 1917.

ALFERES-CAPELÃO — Vespera de Santa Maria de Agosto. Faz hoje anos que setecentos besteiros ingleses formavam na reduzida hoste do Santo Condestabre...

SARGENTO-ENFERMEIRO — Hoje...

Detonações aceleradas levam no seu turbilhão de ferro as restantes palavras.

ALFERES-CAPELAO — Logo aos primeiros fogos se vê bem que é a sinfonia de um ataque violento!

SARGENTO-ENFERMEIRO — Pela aragem se vê quem vai na carruagem. Eles andavam ha dias a preparar esta «estrangeirinha».

ALFERES-CAPELAO — Mas hoje é mais forte que o destes ultimos dias.

TENENTE-MEDICO — Vamos ter trabalho a valer! Ouvem? Ouvem?

ALFERES-CAPELÃO — Só quem estiver surdo.

SARGENTO-ENFERMEIRO — Parece que andam a desarrumar o ceu!

TENENTE-MEDICO — O fogo é muito, e sem intermitencias...

SARGENTO-ENFERMEIRO — E' de não deixar respirar.

ALFERES-CAPELAO — Coitados dos nossos! E' tudo em cima do nosso sector!

TENENTE-MEDICO — As batarias da rectaguarda acordaram tambem.

ALFERES-CAPELÃO — Barragem protectora!

Clarões subitos mancham a lividez da manhã — O canhão continua a trovejar — Uma hora depois chegam ao posto de socorros avançados os maqueiros com os primeiros feridos.

TENENTE-MEDICO — (*Debruçando-se para a primeira maca*) — Quem trazes tu aí?

1.º MAQUEIRO — Um oficial de artilharia 2. Lá fora venta a granada que é uma belesa!...

TENENTE-MEDICO — P'ra aqui, p'r,aqui.

Ouve-se o gemer desse ferido e doutros que vão entrando, os ais arrancados pelo primeiro penso. Pessoal de enfermagem anda numa roda viva.

ALFERES-CAPELÃO — (*Ajudando a despir os feridos*) — Continua o ataque!

2.º MAQUEIRO — Metralha a dar c'um pau! As nossas batarias estão sendo contrabatidas.

1.º MAQUEIRO — Não ha um pedacinho de terra que não seja batido: trincheiras, rectaguardas, batarias, estradas de comunicação, tudo!

ALFERES-CAPELÃO — Deus será por nós, isso ha de passar! (*E interrogando outro maqueiro que entra*): — Quem é?

3.º MAQUEIRO — Um oficial de artilharia.

SARGENTO-ENFERMEIRO — (*Acorrendo*) — Os demonios dos «boches» estão com vontade aos nossos artilheiros!

1.º MAQUEIRO — (*Saindo*) — Pudera! São os melhores que cá têm aparecido! Até ensinam os ingleses. (*E ao transpôr o buraco da saída*) — Ih! Demo do «boche»! Parece uma tempestade! Levam tudo *adiente* delles!...

Novos retroares de granada — Nova remessa de feridos.

ALFERES-CAPELÃO — (*Alteando a voz, para se fazer ouvir por sobre o bombardeio*): — Um soldado?

4.º MAQUEIRO — Um bravo!

5.º MAQUEIRO — Este é um sargento. (*E informando*) — Lá baixo, na 1.ª linha, por toda a nossa frente, só se vêem foguetes vermelhos, a pedir socorro. A artilharia pesada troveja, sem descanço, e as metralhadoras parecem foices.

Entram no posto levas constantes de feridos.

ALFERES-CAPELAO — Quem é?

6.º MAQUEIRO — Do 35?

ALFERES-CAPELÃO — E esse?

7.º MAQUEIRO — Do 35.

ALFERES-CAPELÃO — Esse lá?

8.º MAQUEIRO — Do 35. Apanhou gazes. As granadas de gazes não nos deixam. O fogo é medonho!

O estrondear da nossa artilharia é cada vez mais precipitado. O inimigo bombardeia com furor. Chega ao posto mais uma maca.

9.º e 10.º MAQUEIROS — (*Ofegantes, falando ao mesmo tempo*) — Nem a entrada do posto eles poupam! Cuidamos morrer!...

TENENTE-MEDICO — (*Arregaçado, as mãos tintas do sangue dos pensos*) — Lá por baixo?

10.º MAQUEIRO — (*Reluzente de suor e sujo de terra*) — Uma inferneira! Quando nos punhamos a caminho vimos uma nuvem de fumo dirigindo-se ao nosso sector.

9.º MAQUEIRO — Não era fumo, era o «boche». Assaltaram a esquerda do nosso sub-sector. Estão na 1.ª linha. Primeiro eram granadas de fumo, para encobrir o assalto, depois era o *atimon*.

ALFERES-CAPELÃO — O quê?!

10.º MAQUEIRO — Vimos reluzir as baionetas do «boche». Saltam em massa ao nosso arame farpado, e atiram-se para o ataque ás nossas linhas.

ALFERES-CAPELÃO — E a nossa gente?

9.º MAQUEIRO — Uns herois, meu Capelão! Infantaria 15 defende o nosso sector.

ALFERES-CAPELAO — O meu bravo 15!

Mais macas, mais feridos, msis sangue, mais herois.

11.º MAQUEIRO — Já lá andam os aeroplanos inimigos. Temos o «boche» por cima e por baixo. Dentro das nossas trincheiras ha luta corpo a corpo, á mocada, a dente, á faca! Os raios dos «boches» são comas minhocas: corta-se um ao meio, levantam se dois. Não leva meia hora que não estejam aqui!

Decorrem minutos angustiosos. Cada maca que chega é uma vaga de terror. Os maqueiros dão os alemães senhores do sector. E' a derrota, o massacre. Mais uma maca...

UM SOLDADO — (*Que vem seguindo essa maca, coberto de lama e de sangue*) — Uma cama para o sr. Alferes! Uma cama depressa! Então não ha uma cama?!...

TENENTE MEDICO — (*Acorrendo*) — Schiu! Que é isso?

SOLDADO — E' o nosso alferes Monteiro Dias. Não queria largar o parapeito. Vai, então, eu agarrei nele ao colo, *puze o* aos ombros, e trouxe-o. Subi uma trincheira obstruida. Rodei sobre os calcanhares, tomei pela 1.ª linha até dar com segunda trincheira: na mesma! Estourada pelos morteiros. Voltei para traz, fui indo pela 1.ª linha toda abandonada, sem resguardos, tive de meter-me á agua aqui e além, com o nariz a cheirar-me a polvora, os estilhaços a quererem apedrejar-me as canelas, *inté* que agarrei a trincheira da extrema esquerda e entreguei o nosso alferes ós maqueiros.

TENENTE-MEDICO — (*Comovido, emquanto examina os ferimentos, cinco bocas donde jorra sangue heroico*) — Isso lá por baixo está muito feio?

SOLDADO — O maior perigo passou E o nosso alferes ajudou bem para que o «boche» não avançasse mais. Nunca vi! Nunca vi! O sangue pingava-lhe da farda como vinho dum garrafão rachado, e ele, de pé, a comandar, a atender a tudo, a organisar a resistencia, como se nada fôsse!

TENENTE MEDICO — Pois tem nada menos de duas balas e três estilhaços de granada.

SOLDADO — Salva-se?

TENENTE-MEDICO — (*Enfiando uma cânula num dos ferimentos*) — Assim o espero...

SOLDADO — Não se faz cá preciso a minha pessoa, pois não, meu tenente?

TENENTE-MEDICO — (*A um gemido do ferido, acêna com a cabeça negativamente e acrescenta*): — Schiu!...

SOLDADO — (*Para o alferes-capelão*) — Vou me aos «boches». Eles pagam-mas!

O seu vulto insignificante, com cara de pobre diabo, reembrenhou-se na terra lamacenta das trincheiras, numa obscuridade heroica, sumindo-se na obscuridade tragica do sector revolvido pela metralha, a juntar-se aos seus irmãos de armas que, no mesmo dia 14 de Agosto, em que Nun'-Alvares vencera Aljubarrota, seculos antes, agora acabam de bater o alemão, correndo com ele até o meter nas suas linhas, como pintos na rêde de arame da sua gaiola. — Raid completamente repelido. No posto de socorros avançados estão ainda o alferes-capelão e o capelão de sapadores-mineiros padre Antonio Augusto Coelho.

ALFERES-CAPELÃO — Isto agora não é nada! As auto-ambulancias evacuaram já muita gente para o posto de brigadas. Quando o posto de brigada os tiver repartido pelos hospitais-ambulancias e hospitais de sangue e chegarem os comboios com as baixas, então por aí fóra se terá a noção do que foi o «14 d'Agosto»!

CAPELÃO COELHO — Quantas baixas calculas?

ALFERES CAPELÃO — Que me passassem pelas mãos 140 baixas do 35, além de oficiais, sargentos e praças de artilharia 9. «Boches»: três.

CAPELÃO COELHO — Mortos?

ALFERES CAPELÃO — Feridos. Queres vê-los? (*E dirigindo se a umas macas*) — Este tem um ombro deitado abaixo. Est'outro, o mais velho, entrou a chorar. Conta que tem mulher e seis filhos. Deilhe café mas diz o medico que pouco dura.

São as quatro da tarde — Ouve se o mugido dos aviões — Os dois oficiais correm a vêr.

CAPELÃO COELHO — Aeroplanos ingleses!

ALFERES-CAPELÃO — Vão passar as linhas para o lado de lá, em observação... Não me engano. Estou farto de vêr todas as noites em Lavantie esquadrilhas de aviões alemães que vasculham o espaço desde a 1.ª linha á rectaguarda.

CAPELÃO COELHO — (*Binoculando*) — Já lá estão!

ALFERES CAPELAO — Já. Mas aquela manobra... Estão a fazer-lhe a barragem anti-aérea. Ouves as metralhadoras anti-aéreas, ouves?

CAPELÃO-COELHO — Distintamente.

ALFERES-CAPELÃO — Três tiros. Pronto, lá foi um!...

CAPELÃO COELHO — Coitado!

ALFERES CAPELÃO — Ó Coelho, faze o favor, ele deve ter caido aí nas alturas da *Red-House*, vê se o encontras e trá-lo para aqui.

CAPELÃO COELHO — E' só montar a minha *becane*. (*E saltando para a bicicleta engolfa-se no torvo labirinto das trincheiras. Ao chegar á 1.ª linha corre para ele um sargento de infantaria 9*).

SARGENTO — Meu capelão, meu capelão! Ainda bem que o encontro.

CAPELÃO COELHO — (*Desmontando*) — Então que ha?

SARGENTO — Eu e uns soldados do meu regimento fomos á Terra-de-Ninguem procurar um aviador inglês que os «boches» abateram ha bocado.

CAPELÃO COELHO — Eu vi-o cair.

SARGENTO — Antes de chegar ao sitio onde o inglês bateu, demos com um alemão, ferido, a gemer, dentro duma cova. Trouxemo-lo. Mas quando chegámos á 1.ª linha, o comandante do pelotão inglês que está á nossa esquerda veiu ás nossas linhas e quer que lhe entreguemos o prisioneiro. Deixei os soldados a guardar o alemão e vim vêr se encontrava um senhor oficial.

CAPELÃO COELHO — E porque é que vocês o não hão-de entregar?

SARGENTO — Porque eles matam-no.

CAPELÃO COELHO — Agora matam. Um prisioneiro é sagrado!

SARGENTO — Matam, sim, meu capelão.

CAPELAO COELHO — Meteu-se vos essa tolice na cabeça...

SARGENTO — Por isto, meu capelão. Uma noite, uma patrulha inglesa que foi de ronda á Terra-de-Ninguem voltou sem o oficial, que ficara ferido mesmo encostado á *Red-House* inimiga. Os alemães não levantaram o ferido nem as suas metralhadoras consentiram que lá fossem buscá-lo. Durante quatro dias esteve o desgraçado a estorcer-se em dores, emquanto os alemães riam daquela agonia, até que para ali morreu, como um cão. Desde então os ingleses naquele sector não fazem prisioneiros...

CAPELÃO COELHO — Onde está o homem?

SARGENTO — Aqui mesmo na 1.ª linha.

CAPELÃO COELHO — Vamos lá vêr isso.

Sentado numa cama de rede, num abrigo da 1.ª linha, via-se um alemão, ferido no braço esquerdo. Aspeito de ferido em combate e de condenado á morte que espera a hora da execução. O oficial inglês, de punhos cerrados, berrava improperios para o alemão, que se encolhia, lívido, por traz das fardas dos soldados portugueses. O capelão Coelho ordena a condução do ferido, custodiado. O oficial inglês puxa por uma navalha e cresce para o capelão. Os soldados portugueses armam baioneta e carregam sobre o oficial inglês, que corre para a esquerda.

O OFICIAL INGLÊS — (*De longe*) — Esse homem é «boche»: pertence á Grã-Bretanha!

CAPELÃO COELHO — Este homem é um prisioneiro: pertence á nossa Honra!

Joaquim Leitão
Da Academia das Sciencias de Lisboa

MAPLES
POR CONTA DO FABRICANTE, FAZEM-SE A 450$00 : : : : : FABRICAÇÃO GARANTIDA
: : : TRAVESSA DA QUEIMADA, 31, loja: :

FATOS E SOBRETUDOS
Rigor da moda, a pagamentos. Rua da Escola Politecnica, 35, 2.º.

Vejam
a baixa de preços do calçado
da **Sapataria Chiado,**
Rua Garrett, 98

COMPANHIA DE DIAMANTES DE ANGOLA

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Com o capital de Esc. 9.000:00$00 (Ouro)

Direito exclusivo de pesquisa
e extracção de diamantes
NA PROVINCIA DE ANGOLA
por concessão do respectivo governo

SEDE SOCIAL

LISBOA: Rua dos Fanqueiros, 12, 2.º

ESCRITORIOS EM LONDRES, BRUXELAS E NEW-YORK

Presidente do Conselho de Administração
Banco Nacional Ultramarino

Administrador Delegado
Ernesto de Vilhena

REPRESENTAÇÃO E DIRECÇÃO TECNICA EM AFRICA

REPRESENTANTE: --- Ten.-Coron. Antonio Brandão de Melo

Caixa Postal 346—Telegr. DIAMANG

LOANDA

DIRECTOR-TECNICO: --- Mr. Gleen H. Newport

Dundo—LUNDA

O AUTOMOVEL PREFERIDO

Agentes para Portugal

C. SANTOS, LIMITADA, ENGENHEIROS

LISBOA—R. Nova do Almada, 80, 2.º

PORTO—R. Passos Manuel, 64, 2.º

SOUSA MACHADO & C.ª

SEDE EM LOANDA

ANGOLA -- CABO VERDE -- LISBOA

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO — PRODUTOS COLONIAIS — CERIAIS DE ANGOLA — COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Representantes privativos na Africa Ocidental Portugueza da FORD MOTOR COMPANY (E. U. A.) --- Representação e importação exclusiva de carros de turismo, camionetes, tractores FORDSON, acessorios e sobressalentes

Filial em
LISBOA — Rua Garrett, 62, 2.º

Filial no
LOBITO

ENDEREÇO TELEGRAFICO

Para Angola -- SOMA
Para Lisboa -- SEGUE

ARTIGOS ALEMÃES
Cadeados—Saca-rolhas—Facas de cosinha, etc.
aos melhoras preços do mercado
J. DORES
RUA DA PALMA, 115, 2.º—LISBOA

ESTRANGEIRO

?
Calçado
Mais barato que um gaspeado. Botas e sapatos para homem, senhora e creança em todos os tamanhos e qualidades.
SAPATARIA BRASIL-R. da Madalena, 206-212

DE FRANÇA

HAVERÁ duelo ENTRE Blasco Ibañez e Afonso XIII ou Primo de Rivera?

NICE, 24

Chegou o escritor Blasco Ibañez, que declarou á «Havas» o seguinte:

—Tenciono publicar dois novos volumes contra o Directorio e contra a Monarquia espanhola. Não me baterei com o «Caballero Audaz». Já me bati nove vezes, tendo sido ferido gravemente. Só aceitarei um duelo com o Rei ou com Primo de Rivera.—(Especial).

A França
e a existencia do comunismo

PARIS, 24

Daladier defendeu o orçamento do ministerio das colonias, em discussão na Camara dos Deputados, e desmentiu a existencia do comunismo em qualquer delas, afirmando que defenderá a soberania da França contra os ataques de qualquer origem.

Daladier declarou ainda que se torna necessario desenvolver a higiene e a instrução e que muito proximamente será apresentado no Parlamento um projecto de lei de valorisação das colonias, que podem ser um incomparavel colaborador na estabilisação da divisa cambial francesa, graças aos generos alimenticios que a França delas pode receber.

O ministro das Colonias terminou por afirmar que a França desenvolverá nas colonias uma poderosa politica de solidariedade, a fim de criar uma nova força moral com que possa assegurar ao mundo o esplendor do seu genio pacifico e liberal.—(L.)

A evacuação
da zona de Colonia

PARIS, 24

O ministerio dos Negocios Estrangeiros elaborou o projecto duma nota sobre a evacuação da zona de Colonia, cujo texto será submetido á apreciação do Conselho dos Embaixadores na sua sessão de sabado proximo, e enviada ao Reich depois da sua ratificação.

Colaboraram na sua redacção os srs. Laroche, Fromageot e general Desticker, depois duma longa conferencia com o sr. Herriot. —(L.)

Confiscação
dos livros e retratos de Trotzsky

PARIS, 24.

Foi ordenada a confiscação de todos os livros, panfletos e outros escritos de Trotzsky, onde quer que sejam encontrados. Foi tambem ordenado que se retirassem todos os retratos de Trotzsky dos edificios publicos.—(R.)

A MIGNONNE
—— CHAPEUS PARA SENHORA ——
Lindos modelos
RUA D. PEDRO V 77

"A B C" e "ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA"
anos completos e numeros raros.
Ha sempre.
Travessa da Queimada, 31

A ITALIA NOVA

O governo FASCISTA conseguiu equilibrar as finanças publicas

ROMA, 24.—O ministro das Finanças, sr. Estefani, fazendo a exposição do orçamento na Camara dos Deputados disse que o processo de saneamento póde resumir-se schematicamente por series, nos dados seguintes:

—Exercito de 1922/23, que gerimos durante 2/3; fechou-se com um deficit de 3.029 milhões de liras;

—Exercicio de 1923/24, que reflecte melhor a acção do governo fascista: encerrou-se com um «deficit» de 418 milhões, com a melhoria de 205 milhões sobre os numeros aproximadamente indicados na Linha mensagem de 13 de Julho de 1924 e apresenta 469 milhões de economias nas despezas efectivas ordinarias e 55 milhões de economias na despezas efectivas extraordinarias;

—Exercicio de 1924/25: Desenvolveu se da maneira seguinte: 82 milhões de «deficit» em 31 de Julho, 140 milhões em 31 de Agosto, 201 milhões em 30 de Setembro, 208 milhões em 31 de Outubro, 196 milhões em 30 de Novembro e é de prever que o exercicio se feche com «superavit»;

—Exercicio de 1925/26: apresenta-se com um «superavit» de 178 milhões, muito embora na avaliação das entradas se proceda com a prudencia do costume e se disponha de uma dotação ás necessidades dos diferentes serviços.

Etes numeros, em conjunto, provam o ritmo do saneamento e documentam tambem de forma inegavel que as previsões neste campo tambem nunca ficaram sem provas de facto.

* * *

O ministro acrescentou que o exercicio de 1923/24 foi o primeiro, desde a constituição do reino que em 30 de Junho não apresentou nhum excedente de encargos para inscrições.

Prosseguindo, o sr. Estefani disse que a situação do orçamento permite reduzir a divida interna do Estado no exercicio de 1923/24, em 1.614 milhões, donde resulta liquido na diminuição da caixa uma melhoria patrimonial de 1.114 milhões e permite além disso fazer nos primeiros 5 meses do exercicio corrente uma redução ulterior da divida interna de 958 milhões, ou seja a diminuição liquida na caixa uma melhoria patrimonial de 762 milhões.

Tambem é oportuno lembrar que a caixa foi reconduzida ao ritmo normal.

A caixa apresenta hoje liquido das razões internas de divida e de credito disponibilidades que excedem 7.000 milhões que considero sufficienets para os serviços da tesouraria e do Estado.

A estabilidade do orçamento prova-se com os dados seguintes:

1.º — A diminuição natural das receitas provisorias da guerra compensada pelo desenvolvimento natural das receitas permanentes da paz que de 79/35 do total das receitas, como em 1921/22, se elevaram a 86/83 por cento em 1922/23 e a 7/70 em 1923/24.

2.º — As receitas provenientes dos impostos directos de caracter permanente desenvolveram-se durante quatro anos, de 1918 a 1922, segundo um aumento meio anual 308 milhões e no orçamento dos dois anos, de 1923/24 segundo um aumento anual de 613 milhões.

Pelo que respeita ás despezas, não se prevêem aumentos desproporcionados no aumento natural das receitas.

O excedente das receitas sobre as despezas deve ser destinado:

1.º — A' diminuição da divida interna com juro e sem juro;

2.º — A diminuição das quotas partes de cada classe de impostos com relação áqueles que oneram o consumo;

3.º — Tornar as dotações mais adequadas ás necessidades dos serviços e os rendimentos do Estado á vida economica nacional. O exame das despezas efectivas de caracter normal, cuidadosamente separadas das despezas provisorias da guerra é a prova da esfabilidade e da elasticidade do orçamento italiano. De 16.017 milhões como eram em 1921/22 desceram a 15.953 em 1922/23, a 15.206 milhões em 1923/24 e a 14.385 milhões nas previsões rectificadas até ao fim de Novembro para o exercicio corrente.

O ministro acrescentou que esta estabilidade fica, de resto, igualmente assegurada pelas condições economicas do paiz.

Depois de ter falado do programa das Obras Publicas, o ministro salientou os beneficios resultantes da abolição do imposto sobre o vinho, elogiou melhoria das condições financeiras dos orgãos locais e acrescentou que a balança comercial apresenta em 10 meses deste ano uma melhoria de 1.464 milhões sobre os primeiros 10 meses do ano passado.

As exportações excedem em 2.732, as exportações de 1923, as importações aumentaram só 1.668 milhões.

* * *

A Camara aprovou dos 240 votos contra 17 o orçamento das finanças, e adiou-se para o dia 3 de Janeiro de 1925. — (H.)

DE BERLIM

A NOTA alemã LEVARÁ a Liga das Nações a reunir-se extraordinariamente?

BERLIM, 24

Comunicam de Genebra ao «Vossische Zeitung» que a nota alemã produziu na secretaria da Sociedade das Nações uma extraordinaria impressão, tanto pelo seu texto como por a secretaria se não encontrar preparada para um assunto de tal envergadura.

O secretario, sir Eric Drumond, limitou-se a enviar copias da nota alemã aos membros da Sociedade, sem que por agora se possa prevêr qual será o desenvolvimento dos acontecimentos que se lhe devem suceder.

A impressão geral é que a questão apresentada pela Alemanha sobre as obrigações militares resultantes do artigo 18 do pacto, será reservada para discussão na proxima assembleia, em Setembro do proximo ano, considerando-se como pouco provavel a realização duma assembleia geral extraordinaria.—(L.)

Os aliados
e a evacuação da zona da Colonia

BERLIM, 24

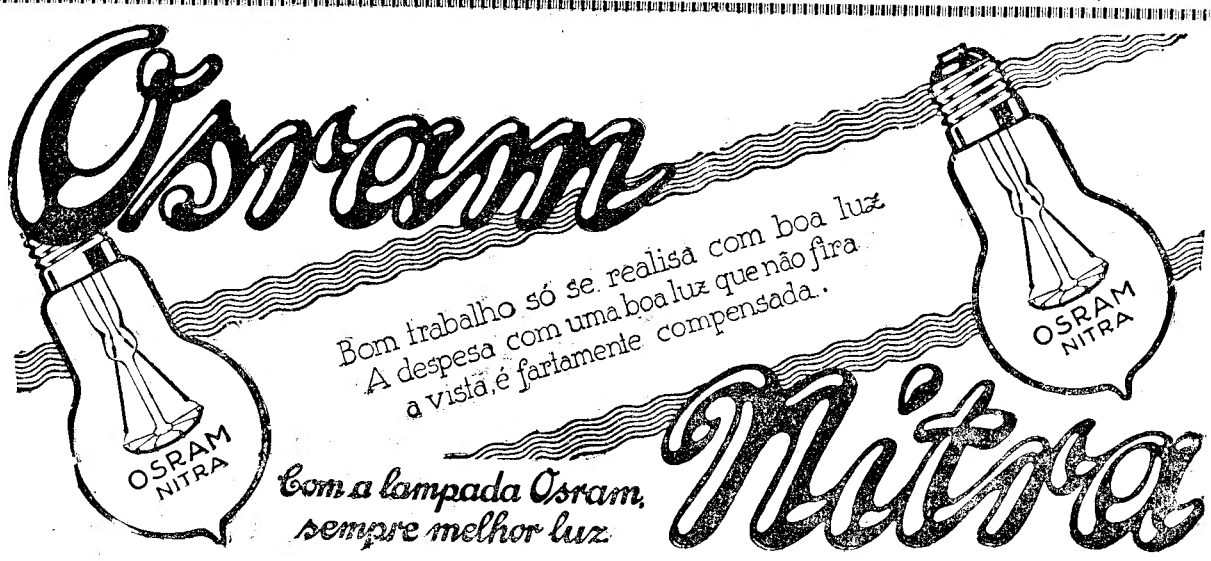
O chanceler Marx manifestou á «Gszeta Popular», de Colonia, o seu pesar pelo facto dos aliados estarem na disposição de não evacuarem ainda a zona de Colonia.

O chanceler contesta que a tarefa da comissão interaliada de «coutrôle» se tenha tornado impossivel, embora reconheça que alguns pontos estão ainda por regularizar, mas esses pontos, acrescentou, são secundarios e de modo algum justificam a prorogação da ocupação.—(H.)

Os socialistas
irradiados do governo de Brunswich

BERLIM, 24

No Estado Livre de Brunswick reuniu-se ontem a nova Dieta, na qual os partidos da direita se encontram em maioria, tendo decidido coligarem-se para eliminar do proximo gabinete os socialistas que ha seis anos são detentores do poder.—(L.)



6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

A POLITICA

Vão

acabar

os altos comissarios

das provincias

ultramarinas

Angola é hoje dos problemas de maior tomo que assoberbam a vida do governo. Durante quatro longos meses o sr. Rego Chaves em Alto Comissario, esteve tentando vôo para galgar até lá, e ao primeiro pretexto plausivel, cortou as asas pedindo a demissão. Para o substituir, só ha aí um nome que se aponta com probabilidades de exito — o do sr. dr. Alvaro de Castro. Sabe-se, porém, que o «leader» accionista declarou em tempos que só aceitaria tal cargo num momento de absoluta acuidade critica na vida a Provincia. Não será demasiado afirmar que esse momento chegou. Estará o sr. dr. Alvaro de Castro disposto a sacrificar-se na aceitação desse cargo gravemente espinhoso e para o qual a sua competencia de colonial é chamada? Não o sabemos, mas queremos parecer que altas influencias se conjugam para levar o sr. Alvaro de Castro a esse indispensavel sacrificio.

* * *

Quanto é a divida actual de Angola? Segundo as nossas informações: quinhentos mil contos.

Sabe-se que a provincia não tem recursos imediatos que garantam o juro dum emprestimo, que para ela se tentasse, nem esse emprestimo sem a responsabilidade directa da Metropole seria hoje possivel nos mercados financeiros da Europa. Uma coisa ha que podemos infelizmente afirmar: é que a agonia de Angola se agrava de dia para dia, apesar dos esforços herculeos do sr. Carlos de Vasconcelos, que a esse problema tem dedicado toda a sua atenção e toda a sua inteligencia.

A opinião geral é a de que o regime dos Altos Comissarios falhou por completo, e que não tem razão de existir uma coisa que é comprovadamente má. Ao que nos consta, a questão será levantada logo nos primeiros dias da proxima reabertura do Congresso e possivelmente o regime dos Altos Comissarios será extincto.

* * *

E o sr. general Norton de Matos voltará a Londres? Tudo nos leva a crer que não. Em primeiro logar, porque o governo é de opinião que o sr. Norton de Matos não deve retomar o seu posto. Em segundo logar, porque o governo levando a questão ao Parlamento, não fará dela questão politica e aguardará apenas que o Parlamento resolva. Em seu entender, o sr. Norton de Matos não deve voltar, mas se a Camara entender o contrario o governo acatará as resoluções do Parlamento sem ter no caso a minima responsabilidade. Ora, pelo que sabemos, ha no partido democratico grande numero de parlamentares que concordam plenamente com o ponto de vista governamental, e assim os que desejam ver de novo o sr. Norton de Matos em Londres arriscam-se a perder a partida.

* * *

Avoluma-se, infelizmente, a vaga dos operarios sem trabalho que já hoje se compõe de alguns milhares em Lisboa e Porto, e que ámanhã póde atingir as nossas industrias da beira-mar. E' outro assunto que o governo tenta eficazmente resolver pelas pastas do Interior, do Comercio e do Trabalho, reiniciando algumas obras do Estado que estavam paralizadas e iniciando outras pela pasta do comercio, com a construção imediata de novos trôços de linha ferrea, e com a reparação das nossas estradas de mais flagrante necessidade.

José Carlos Macedo Soares

Chegou hoje a bordo do «Demerara» o sr. dr. José Carlos Macedo Soares, presidente da Associação Comercial de S. Paulo e importante banqueiro naquela cidade, irmão do nosso amigo sr. José Roberto Macedo Soares, secretario da legação do Brasil, de quem será hospede.

ARTE PORTUGUEZA

Chaby

foi convidado

por Sacha Guitry

a representar em Paris

Depois de cinco meses de ausencia, regressou a Lisboa o distinto actor Chaby Pinheiro. Conversar com os actores que veem de ver teatro no estrangeiro, é sempre interessante — e o interesse é maior quando o actor que fala tem o volume teatral de Chaby.

—As suas impressões teatrais de Paris?

—Seria assunto para uma conversa larga.

—Mas vem satisfeito?

—Vi bastantes coisas que me agradaram. Outras... *Toujours la même chose*...

—O que foi que mais o impressionou?

—A interpretação humana dada ás peças de Molière, pelo grande actor Lucien Guitry. *L'École des Femmes*, *Misantrope* e *Tartufe* ganharam, na interpretação de Guitry, uma maior força de verdade. Principalmente *Tartufe*, que deixou de ser o abonecado de sacristia—para ser qualquer coisa de forte, de acordo com os versos de Molière.

—E o teatro *Vieux Colombier*?

—Terminou. Dele saiu, porém, uma nova tentativa — a do teatro de *L'Atelier*, de que é director um novo de trinta anos: Charles Duleri. O governo concede a este teatro, onde vi, magnificamente representadas, duas peças de Pirandello, a pensão que cedia ao teatro *Vieux Colombier*.

—Viu *La galerie des glaces* de Bernstein?

—Vi. E' uma peça que gira em volta de três figuras. Mademoiselle Lely tem nela um admiravel papel. *La galerie des glaces*, de Bernstein; *L'amour*, de Kistemaekers, e *La tentation*, de Méré, são os três sucessos ultimos de Paris. Para fechar com chave de ouro. Vi *Une nouvelle etoile*, a deliciosa comedia de Sacha Guitry, cuja acção gira em volta do marido, mulher e amante. Sacha Guitry faz o papel do amante, e o do marido é desempenhado por Jean Perier, artista da opera comica.

—Porque motivo?

—E' que Sacha gosta de rodear-se de creaturas curiosas, fóra do vulgar. Eis porque teve a gentilesa de me convidar a representar com ele no proximo ano.

—Aceitou?

—Aceitei, posto que nada ficasse ainda definitivamente resolvido.

—E os seus projectos?

—Não tenho projectos. Descanço. A minha companhia está dissolvidissima... E ámanhã volto a sair de Lisboa.

—Para Paris?

—Não. Desta vez sou mais humilde. Vou aqui para os arredores. Vim, para passar as festas com meu irmão. Se não fosse isso, ter-me hia demorado mais em Paris.

—Gosta de Paris?

—Gosto da França. A minha viagem pelo *Midi* foi encantadora. Em Paris estive apenas dois meses e meio—o bastante, todavia, para fazer a minha vida do costume.

—Vêr teatros...

—E percorrer os alfarrabistas dos cais. E' um vêlho habito que me sae caro, muito caro em constipações.

—Trouxe algumas raridades?

—Algumas.

Chaby levanta-se; vai á estante e arranca dois exemplares amarelecidos.

E' uma historia ilustrada de Paris, através dos seculos, e uma tragedia, escrita em Lisboa, por um cabeleireiro francês, *Un tremblement de Tierre à Lisbonne*, oferecida a Voltaire.

—Encontram-se verdadeiras preciosidades nestes alfarrabistas — acrescenta, guloso, o grande actor. Imagine que é facilimo obter, por uma ninharia, exemplares oferecidos pelos proprios autores. Um escandalo...

Desejavamos saber mais detalhadamente as impressões de Chaby sôbre os teatros de Paris. O grande artista, gloria da nossa scena, retrai-se, porém, o que é facilmente explicavel. Chaby tem muitas relações em Paris para poder falar com absoluta independencia.

As suas ultimas palavras foram de louvor a Brûlé:

—Não calcula como foi posta a *Manon*, *fille galante*. Um verdadeiro encanto, tanto mais para admirar quanto é certo ser o teatro de Boulé um teatro pequeno, sem condições para grandes *mise en-scene*». O ultimo acto, no Havre, com a popa do navio em ponto grande, ao fundo, e, no primeiro plano, as velas sinuosas do cais —assombrou-me.

E como vissemos, na sala de jantar, a mesa posta para o almoço, não preguntamos mais nada, Poderia a entrevista, ao menos pervir-lhe de aperitivo...

BRINDES

Da Casa Henrique Barbosa & C.ª importação e exportação, rua da Prata, 81, 3.º, recebemos dois cestinhos com frutas, que se recomendam pelo bóm gosto com que são selecionadas e apresentadas.

A HAVAS

Sobre o telegrama que publicamos na pagina do estrangeiro, ácerca de Blasco Ibañez, informa-nos a Agencia Havas de que não tem conhecimento algum da entrevista realizada em Nice com aquele escritor.

REPRODUÇÕES DE TRABALHOS URGENTES
A' MAQUINA DE ESCREVER
A maxima perfeição e rapidez na execução de trabalhos de copia, tais como:
Cartas, Circulares, Tabelas, Relatorios, etc.
Para mais esclarecimentos, dirija-se á
EMPREZA RECONSTRUCTORA DE MAQUINAS DE ESCREVER LIMITADA
(DEFRONTE DO LIMOEIRO)
FILIAL — Rua dos Retrozeiros, 58
TELEFONES — C. 3081 e C. 1020

UMA IDEIA

Vae

haver

um curso de aviação

nas universidades

portuguesas?

Portugal, através dos seculos, conseguiu sempre marcar um lugar glorioso entre os maiores paizes do mundo.

Como guerreiros e como navegantes, os portugueses assombraram a humanidade com o seu heroismo, com a sua audacia.

Hoje, infelizmente, por razões de ordem material, a nossa Marinha e o nosso Exercito, se pela sua bravura nos honram sempre, não pódem, contudo, conquistar-nos a admiração dos outros paizes.

Portugal não podia, porém, abandonar o seu logar. E a Aviação surgiu, a dar-nos novos loiros, novas glorias...

E' necessario, é indispensavel, pois, desenvolver a quinta arma, que é a arma do nosso futuro, e dar-lhe todos os elementos para que possa continuar na sua rota gloriosa e heroica.

* * *

Entre os variados assuntos que a Lisboa trouxeram a Delegação Academica do Porto, havia o desejo veemente da criação, não só dum curso de Aviação Civil, mas ainda dos cursos preparatorios nas Universidades para a Aviação Militar.

E' uma lacuna no nosso ensino tecnico que é necessario preencher.

Ha engenheiros civis, de minas, quimicos, etc. Porque não ha de haver tambem engenheiros aviadores?

Paizes menos civilizados que o nosso, têm já as suas carreiras aereas, e quando entre nós forem tambem um facto, melhor se verá ainda a grande utilidade deste curso.

De resto, não devemos estar sempre dependentes das escolas estrangeiras. Portanto, faça-se depressa aquilo que forçosamente terá de ser feito mais tarde, porque assim o exige o alto prestigio da nossa aviação.

Para a provincia

saíram cntem milhares de pessoas

Para as suas casas da provincia, a saborear o Natal entre a familia, fóra do bulicio desta Babilonia, saíram ontem milhares e milhares de pessoas.

Os comboios da C. P. e do Sul e Sueste têm partido á cunha.

A Companhia Portuguesa teve ontem de desdobrar varios comboios, tendo o 15 e o 17, apesar de repetidos com poucas horas de intervalo, saído á cunha, com carruagens além da composição normal, e rebocados por duas potentes maquinas.

De automovel, saíram tambem centenas de pessoas.

O movimento de mercadorias nas rêdes ferro-viarias, e nas encomendas postais, para presentes das Festas da Familia, com que a provincia contempla os amigos e os parentes emigrados—tem sido espantoso.

O bodo aos pobres

protegidos do «Diario de Lisboa»

Como anunciáramos, o *Diario de Lisboa* distribuiu esta manhã um bodo aos pobres nossos protegidos.

Foram dadas as seguintes esmolas:

249 de 5$00	1.245$00
290 de 2$50	725$00
Total	1.970$00

Atendendo á solenidade do dia, não se publica ámanhã o "Diario de Lisboa", estando fechados os nossos escritorios e oficinas.